

CLAUDIA LOUBACK DO NASCIMENTO

Entre Homens e Caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial ao Título de Mestre
em História.

Orientador(a): Prof^ª.Dr^ª.Isabel C.M.Guillen

Recife

2006

Nascimento, Cláudia Louback do

Entre homens e caranguejos: o debate em torno da obra de
Josué de Castro em Pernambuco / Cláudia Louback do
Nascimento - Recife: O Autor, 2006.

118 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. História. Recife, 2006.

Inclui bibliografia e anexos.

1. História - História da saúde. 2. Josué de Castro. 3. Brasil –
Pernambuco. 4. Desnutrição – Fome – Aspectos sociais. 5. Política –
Política social – Política regional. I. Título.

930

CDU (2.ed.)

UFPE

900

CDD (22.ed.)

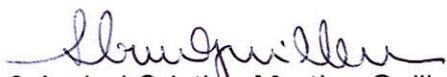
BCFCH2007-13

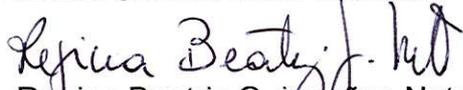


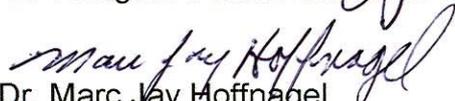
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA CLAUDIA LOUBACK DO
NASCIMENTO

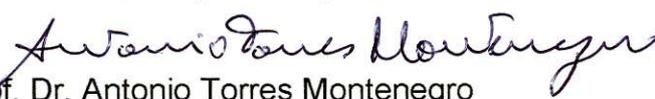
Às 14:00 h do dia 23 (vinte e três) de agosto de 2006 (dois mil e seis), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Claudia Louback do Nascimento**, intitulada “**Entre Homens e Caranguejos: O Debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco**”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “**APROVADA**” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina Martins Guillen (orientadora), Prof^a. Dr^a. Regina Beatriz Guimarães Neto e o Prof. Dr. Marc Jay Hoffnagel . Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Dr. Antônio Torres Montenegro e a Secretária do Deptº de História, Rogéria Feitosa de Sá, para os devidos efeitos legais.

Recife, 23 de Agosto de 2006.


Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina Martins Guillen


Prof^a. Dr^a. Regina Beatriz Guimarães Neto


Prof. Dr. Marc Jay Hoffnagel


Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro


Rogéria Feitosa de Sá

NASCIMENTO, CLAUDIA LOUBACK DO. **Entre Homens e Caranguejos : O Debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco.** 2006. 118f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2006.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar as idéias e reflexões do médico pernambucano Josué de Castro, e está delimitado entre as décadas de 30 e 40 do século XX, nas quais as ações político-científicas e as obras literárias e científicas desse estudioso contribuíram para mudanças nas condições de existência da população brasileira, especialmente, no que diz respeito à saúde da mesma. Pertencente à um grupo de pioneiros, médicos e estudiosos, responsáveis não só pela gênese dos estudos da Nutrição no Brasil, como também pela consolidação da mesma enquanto ciência, Josué de Castro é considerado também um sociólogo, antropólogo, geógrafo e nutricionista, devido à sua vasta e multidisciplinar produção intelectual. Através dessa obra de caráter interdisciplinar, foi possível a ele inserir o tema fome, uma nova discussão no ambiente político e científico nacional, causando desconforto e assombro entre as classes sociais dominantes, que até então, aceitavam como verdadeiras as visões de cunho determinista e biológico sobre as diferenças raciais, em vigor no país desde o final do século XIX. Imensamente reconhecido em outras nações, com obras traduzidas em várias línguas, entre nós brasileiros a realidade mostra-se, ainda hoje, totalmente diferente. Aqui, suas obras em sua maioria, continuam desconhecidas, fato que valoriza trabalhos como o presente.

Palavras-chave : Josué de Castro. Nutrição. Fome. História. Política.

NASCIMENTO, CLAUDIA LOUBACK DO. **Among Men and Crabs : The Debate on Josué de Castro's intellectual thoughts in Pernambuco.** 2006. 118f. Dissertation (Master's Degree Dissertation) – Federal University of Pernambuco, Recife. 2006.

ABSTRACT

This work intends to present the ideas and thoughts of the pernambucano physician Josué de Castro, during the 30 and 40 decades of the 20th century, when his political and scientific actions, his literary and scientific texts helped to the changes in the brazilian population's condition of existence, specially, in the health field. Member of a group of pioneers, physicians and researchers, responsible not only for the genesis of the studies of Nutrition in Brazil, but also for the consolidation of this area as a science in this country, Josué de Castro is considered a sociologist, an anthropologist, a geographer and a nutritionist, because his huge and interdisciplinary intellectual production. He introduced the famine issue as a new discussion in the national, scientific and political environment, causing discomfort and shocking among the dominant social classes, who until that moment, accepted as true the visions and theories embodied of a determinist and biological profile, which had been in force in Brazil since the end of the 19th century. Very famous in many other nations, with books translated to several languages, among us Brazilians the reality shows itself, even today, totally different. Here, his books and texts in their great majority, still unknown. This fact helps to emphasize the necessity of works like this one.

Key Words: Josué de Castro. Nutrition. Famine. History. Politics.

AGRADECIMENTOS

Várias são as pessoas as quais eu deveria agradecer, e também inúmeros são os motivos para tal. Provavelmente, seus nomes não caberiam nessa página, mas com certeza jamais serão esquecidas e sempre ocuparão um lugar especial em minha mente e em meu coração.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof^a.Dr^a. Isabel Cristina Martins Guillen, por seu apoio nos momentos difíceis e por sua paciência.

Gostaria também de agradecer ao Departamento de Pós-Graduação em História da UFPE pela infra-estrutura oferecida aos alunos, e à CAPES, pelo apoio financeiro dado, através da bolsa de estudos, que me propiciou desenvolver esse trabalho de dissertação de Mestrado.

Quero ainda agradecer ao Centro Josué de Castro, principalmente ao bibliotecário Flávio que, infelizmente, não exerce mais as suas funções profissionais naquela instituição, e que com suas amplas informações sobre Josué de Castro, permeadas por uma visível admiração por esse pensador pernambucano, auxiliou-me no desenvolvimento de minha pesquisa com extrema cordialidade.

Ao César, ao Pedro e à Maíra.

À memória de Josué de Castro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	13
1.1 Um novo momento	14
1.2 As doenças e a medicina	19
1.3 Uma nova visão	27
CAPÍTULO 2	54
Os Arquivos Brasileiros de Nutrição	
2.1 Os artigos	56
2.2 Conclusão	78
2.2.1 Josué de Castro e o Estado Novo	79
CAPÍTULO 3	83
A Geografia da Fome	
As áreas alimentares	86
Conclusão	97
CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXO	110

Introdução

O presente trabalho de dissertação que passamos agora a apresentar, tem como objeto de estudo o médico pernambucano Josué de Castro, não somente como personagem individual, envolvido em seus dilemas e angústias existenciais, mas principalmente, como médico, nutricionista, professor de nutrição, de geografia humana, escritor de inúmeras obras, e responsável por diversas ações político-científicas que introduziram no país novas possibilidades de resolução dos problemas existentes, como a questão da má nutrição, da carência alimentar, muitas vezes ofuscada por seu caráter parcial, outras vezes identificada com facilidade por seu caráter global de um estado total de fome.

Ao longo das próximas páginas, veremos como a intelectualidade nacional, encontrava-se dividida entre os que enalteciam o povo brasileiro e sua constituição, e aqueles que importavam idéias e teorias científicas de outros continentes, procurando explicar os problemas nacionais e o baixo desenvolvimento do país, por exemplo, através da aplicação daquelas visões da ciência do século XIX, e relacionando-as às características das raças aqui existentes e formadoras do Brasil.

Também nesse trabalho pretendemos apresentar um panorama geral do desenvolvimento das ciências biológicas no país. Consideramos que ao fazê-lo, estaremos situando os leitores historicamente, ao mesmo tempo, informando sobre suas contribuições e sobre o papel cada vez mais significativo que elas passaram a ocupar na história do país. Dessa forma, conheceremos um pouco dos feitos e das ações de cientistas como Oswaldo Cruz, Arthur Neiva, Belizário Pena.

Acreditamos que ao iniciar dessa forma o trabalho seremos capazes de conduzir os leitores à compreensão do longo processo de debates e discussões sobre os problemas nacionais, levado à efeito desde o início do século XX, perpassando as duas primeiras décadas e desembocando na década de 30, momento de drásticas transformações políticas e sociais, e

momento em que Josué de Castro dá início à sua extensa obra intelectual, política e científica. Essa obra diferenciou-se das anteriores, justamente por eleger como objeto de estudo a fome. Durante as primeiras décadas do século XX a questão nacional tinha sido, inicialmente, analisada e explicada utilizando-se como referência uma visão que responsabilizava a inferioridade racial da população brasileira como a grande culpada por todos os males. Mais tarde, com as viagens empreendidas pelos cientistas do Instituto de Manguinhos, chegou-se à conclusão de que a saída era sanear o Brasil.

Preocupado em contrapor-se às teses racistas divulgadas no país no início do século, Josué de Castro escreveu *Alimentação e Raça*¹, obra na qual ele demonstrava cientificamente as razões para a indolência e preguiça apontadas como prova de uma inferioridade racial. Em 1932, ainda vivendo na cidade do Recife, ele desenvolveu um inquérito com cerca de 500 famílias de operários, moradores de 3 bairros daquela cidade, no qual ele procurou coletar informações sobre as condições de vida daqueles indivíduos, obtendo resultados estupefacentes, que colocaram à mostra uma realidade desconhecida da maioria: a fome existia no Brasil. Daí por diante, todos os seus livros e todos os seus cargos político-científicos, estiveram sempre associados à resolução e à divulgação do problema fome. Como prova disso teríamos a gênese dos estudos de nutrição no Brasil, bem como a divulgação de novos métodos e hábitos relacionados à educação alimentar, nos quais a sua participação foi primordial. Juntamente com outros médicos e cientistas interessados no assunto, ele construiu um novo campo, uma nova área científica, que ao final da década de 40 já se encontrava totalmente constituída.

É importante dizer que para desenvolver esse trabalho nos apoiamos na Biografia de Josué de Castro, procurando dessa forma, facilitar o entendimento da relação indivíduo e história, pois como os leitores entenderão, há um diálogo entre esses dois setores, numa

¹ CASTRO, Josué de. *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

influência mútua. Não pretendemos fazer aqui longas discussões sobre o papel da biografia ou da sua validade como documento histórico, mas consideramos que ao destrincharmos a história de vida do médico pernambucano, e conhecermos melhor a sua produção intelectual, seu pensamento, concomitantemente, estaremos também conhecendo a história do Brasil naquele momento vivido por ele.

O período de tempo delimitado nesse estudo ficou entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Nessa fase concentraram-se grande parte dos escritos de Josué de Castro, e além disso, foi essa a época de gestação e posterior consolidação da Ciência da Nutrição, fato que estabeleceu definitivamente um campo institucionalizado de ação e discussão dos problemas alimentares brasileiros. Também, no decorrer dessas duas décadas conheceremos o pensamento de outros autores, que envolvidos com as questões nacionais, tentavam explicá-las e solucioná-las. Muitos desses, como Gilberto Freyre por exemplo, transformaram-se em antagonistas, como consequência das divergências geradas a partir da defesa de certas idéias.

A apresentação e análise, no segundo capítulo, do periódico *Arquivos Brasileiros de Nutrição*², deveu-se à importância desse periódico científico como meio de informação e de difusão das idéias, pesquisas e resultados entre os médicos, nutricionistas e estudantes da área. Como única revista especializada em nutrição no Brasil na década de 40, a relevância de sua utilização nessa dissertação é impar. Através dos artigos, de seus editoriais e de suas notas, pudemos conhecer muito sobre as questões discutidas na época, os principais temas, as pesquisas, as aquisições, as ações políticas e científicas.

O terceiro capítulo trata da obra *Geografia da Fome*³. A opção pelo seu desenvolvimento nesse capítulo deveu-se à sua importância no conjunto da produção bibliográfica de Josué de Castro. Obra que sintetiza vários aspectos e temas anteriormente

² ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. Órgão do Serviço Técnico da Alimentação Nacional (S.T.A.N), Coordenação da Mobilização Econômica; Editado pelo S.T.A.N. e pela Nutrition Foundation; Diretor : Professor Josué de Castro; Rio de Janeiro; vol. 1; nº1; Maio / 1944.

³ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

trabalhados por seu autor, ela teve um enorme reconhecimento, em níveis nacionais e internacionais. Nela como veremos, Josué de Castro faz um amplo estudo das condições alimentares no Brasil dividindo-o em cinco áreas, nas quais ele identificou diferentes níveis de desnutrição e carências nutricionais. Discutindo cada hábito alimentar, cada prato típico, ele nos mostra como neles faltavam elementos e substâncias nutritivas importantíssimas para o bem-estar físico e mental dos seres humanos.

Gostaria de apresentar agora as razões que me levaram ao presente tema. “Em 1972, o médico pernambucano Josué de Castro concedeu uma entrevista à um grupo de jornalistas franceses. E, ao ser perguntado sobre os problemas existentes no Terceiro Mundo, e se entre esses estaria presente também uma preocupação com a poluição, em caráter emergencial, ele diz:”A poluição é uma doença universal que interessa a toda humanidade, mas existem tipos de poluição diferentes no mundo inteiro. Os países ricos conhecem a poluição direta, física, material, a do ambiente natural. Os países subdesenvolvidos são presas da fome, da miséria, das doenças de massa, do analfabetismo. O homem do Terceiro Mundo conhece essa forma de poluição chamada ‘subdesenvolvimento’. E devo dizer que esta é a forma mais grave, mais terrível de todas”⁴.

Com essas palavras ditas por Josué de Castro, finalizo essa introdução. Refletindo sobre o grande desconhecimento de sua obra dentro do nosso país nos dias atuais, penso que somente esse fato serviria como boa razão para alguém dedicar-se à estudar tal tema. E, ao estudá-lo, ao lê-lo e ao conhecer suas idéias, expectativas, planos e desejos surgiu uma identificação, que logo se transformou em admiração e paixão. Entretanto, o teor e o caráter de uma dissertação de Mestrado não permitem uma aproximação emocional do objeto estudado, pelo contrário, exigem uma distância capaz de propiciar um olhar imparcial. Espero

⁴ PRÉDINE, Jean e WELLHOFF, Roger (entrevistadores). *Entrevista com Josué de Castro*. Terre Entière. Número Doublé, Setembro / 1972. In: ANDRADE, Manuel C.A. e outros autores. *Josué de Castro e o Brasil*. SP, Editora Fundação Perseu Abramo, Coleção Pensamento Radical, 2003, p. 153.

ter cumprido o meu papel como historiadora, mas devo dizer que a distância foi, em certos momentos, difícil de ser mantida.

CAPÍTULO 1

“(…), a ignorância do passado não se limita a prejudicar o conhecimento do presente, compromete, no presente, a própria ação, (…)” - *Marc Bloch* -

Em 1959, a FAO (Food and Agriculture Organization), um dos setores das Nações Unidas, aprovou uma resolução que criava a Campanha Mundial Contra a Fome. Ao mesmo tempo, essa entidade convidava todos os organismos especializados das Nações Unidas, os governos dos Estados membros da Organização, e as instituições nacionais e internacionais que se interessassem pelo problema do bem-estar social à participar.

Em relação à essas medidas escreveu o médico Josué de Castro: “A aprovação desta resolução da FAO significou, a nosso ver, a vitória das idéias de um pequeno grupo de pioneiros que lutou durante anos para que o mundo inteiro reconhecesse a necessidade de enfrentar com determinação este problema fundamental para o futuro da humanidade. Essa resolução permitiu romper o silêncio das maiorias dominantes que tentaram abafar o grito das massas afaimadas, esconder sua realidade social e não falar sobre a fome. Graças a ela, o tabu da fome foi definitivamente banido e uma nova era da política internacional começou, para lutar contra o flagelo da fome, não somente com ajudas de tipo paternalista, que apenas buscaram tornar mais suportáveis os efeitos da fome e evitar a revolta explosiva dos famintos, mas atacando as próprias raízes do problema”¹.

Pois bem leitores, é enfatizando as últimas palavras do trecho acima que gostaria de iniciar esse capítulo. Nele estaria contido todo um pensamento e todo um sentimento, transformados em ações objetivas de cunho científico, político e humanitário, desenvolvidas e implementadas, ao longo da vida de alguém que sensibilizado pela tragédia humana que se

¹ CASTRO, Josué de. *Projeto Tracunhaém: O Nordeste do Brasil e a Campanha Mundial contra a Fome*. In: ANDRADE, Manuel C. e outros autores. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo, Editora da Fundação Perseu Abramo, Coleção Pensamento Radical, 2003, p.128.

desenrolava ao seu redor, não poupou esforços no sentido de transformá-la, e como ele próprio disse: atacou as suas raízes.

Porém, muito antes de Josué de Castro e seus companheiros, difundirem as suas idéias e causarem repercussões em níveis nacionais e internacionais, fato que será visto mais tarde, devemos agora retornar um pouco mais ao passado, mais precisamente aos últimos anos do século XIX, período histórico de extremas mudanças na sociedade brasileira. Esse retorno se faz necessário, pois a partir do conhecimento das discussões intelectuais travadas sobre o país e seu povo, compreendendo as teorias criadas e muitas vezes aplicadas durante as primeiras duas décadas do novo século XX, poderemos vislumbrar e compreender melhor a inovação, as modificações inseridas, as críticas feitas por Josué de Castro, a partir dos anos 30, em relação à várias questões que serão apresentadas ao longo desse trabalho. Caminhando através da história desse período, desde os primeiros anos do último século, pretendemos alcançar as duas décadas subseqüentes, os anos 30 e 40, para conhecer os seus conflitos, as suas angústias e as suas agruras, enfim, a sua problemática observada até a raiz, como bem disse o médico pernambucano.

1.1- Um novo momento

O final do século XIX foi um momento histórico de grandes mudanças na sociedade brasileira. A Abolição da Escravatura em 1888, e a Proclamação da República no ano seguinte (1889), anunciaram a chegada de novos tempos, que perduraram até pelo menos, a década de 1940. Esses novos tempos, representados pelo século XX que apenas iniciava-se, traduziram-se em tentativas de enquadramento e inserção do país às formas modernas e plenamente já desenvolvidas nos países europeus.

De acordo com o historiador Nicolau Sevcenko, as razões que levaram as classes dominantes brasileiras à optarem por transformações tão significativas, explicariam-se através da necessidade de incorporação à nova ordem econômica mundial, estabelecida com a introdução da Revolução Científico-Tecnológica, ocorrida por volta de 1870². Nesse contexto, a intelectualidade brasileira do final do século XIX, em sintonia com a Europa, e ao mesmo tempo, acompanhando as mudanças que atingiram o regime político imperial, difundia entre seus pares um forte sentimento pessimista em relação ao destino do país.

Segundo Lúcia Lippi Oliveira³, a *intelligentzia* nacional tecia críticas à sociedade brasileira baseando-se em uma doutrina que postulava as diferenças raciais e suas conseqüências, como obstáculos intransponíveis e verdadeiros impedimentos aos planos e ideais de desenvolvimento nacional. A doutrina que tanto influenciou os intelectuais brasileiros foi o evolucionismo, estabelecido sobre a desigualdade das raças, sobre o prejuízo advindo da miscigenação e a superioridade do homem branco.

Anteriormente à chegada do novo século, alguns pensadores já desenvolviam importantes trabalhos. Nina Rodrigues (1862-1906), professor da Escola de Medicina da Bahia, foi responsável por estudos de grande impacto no país. Ele foi autor da obra *Africanos no Brasil*⁴, estudo considerado por muitos de imenso valor, devido às informações nele contidas sobre as diferentes e diversas regiões do continente africano, nas quais viviam os indivíduos que, posteriormente, foram trazidos para cá durante o período em que vigorou o tráfico negreiro. Ainda na introdução dessa obra, Nina Rodrigues diz: “Neste livro nem precisamos dissimular a viva simpatia que nos inspira o Negro brasileiro”⁵, e continuando sua argumentação, ele diz que o problema social da raça negra foi sempre muito mal

² SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina (Mentes Insanas em Corpos Rebeldes)*. 1ª Edição, São Paulo, Editora Scipione, 2001.

³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. 1ª Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

⁴ RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 2ª Edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

⁵ RODRIGUES, Nina. Op.Cit., p. 21.

compreendido no país, e que apesar da diluição dos negros existentes no seio da população branca, a complexidade dos problemas étnicos estaria muito além de uma momentânea solução. Por esse motivo, ele defendia o estudo sistemático da influência do homem negro no Brasil.

Para alguns pensadores, ao tomar o negro como objeto de estudo, Nina Rodrigues transformou as suas pesquisas sobre esse tema nas mais bem sucedidas ao longo de toda a sua trajetória profissional. Os méritos do autor, principalmente, o fato dele ter proposto um método comparativo para o estudo dos comportamentos do negro no Brasil e na África; além do estudo comparativo das línguas, das religiões e do folclore, finalizando com um olhar sobre a história, foram de grande importância para a construção de uma nova visão do negro na sociedade brasileira.

Para Carlos Haag⁶, o médico Nina Rodrigues acreditava que a miscigenação era a grande culpada pelos problemas e pela realidade social existentes no país, realidade essa que prejudicava o desenvolvimento e a existência dos negros. E, por esse motivo, ele defendia um verdadeiro sistema de *apartheid* no país, inclusive, estimulando a criação de um sistema de leis jurídicas independentes. Um para os indivíduos brancos, e outro para os negros, ação que protegeria esse últimos contra as ações dos primeiros. Baseando-se no darwinismo social, que apontava diferenças ontológicas entre as raças, seria natural então, a separação física e legal entre as mesmas. Esse tema foi discutido e elaborado em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*⁷.

Silvio Romero (1851-1914), autor e estudioso da literatura brasileira, foi também um dos responsáveis pela introdução no país das teorias científicas de cunho racista, porém, ele acreditava que o negro não era somente uma máquina econômica, era também, apesar de

⁶ HAAG, Carlos. Dossiê Gilberto Freyre. In: Entre Livros, Ano 1, nº 8, Editora Duetto, dezembro-2005 / janeiro-2006, p. 39.

⁷ RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1894.

sua ignorância, um objeto de ciência. Na obra *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*⁸, ele diz: “É uma vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas. (...) Bem como os portugueses estanciaram dois séculos na Índia e nada ali descobriram de extraordinário para a ciência,(...), tal nós vamos levemente deixando morrer os nossos negros da Costa como inúteis, e iremos deixar a outros o estudo de tantos dialetos africanos, que se falam em nossas senzalas!” E, como solução para o problema da existência do negro na sociedade brasileira, apresentava o ‘branqueamento’ como saída. Tal idéia consistia em um longo processo de cruzamentos entre os diferentes tipos étnicos encontrados aqui, objetivando obter no futuro, como resultado , novas gerações formadas somente por homens brancos.

Essa preocupação com o futuro e com o desenvolvimento da nação brasileira esteve presente no pensamento de uma parcela de nossa intelectualidade, também nas primeiras décadas do novo século, e que da mesma forma que a geração anterior fazia recair toda a responsabilidade por nosso atraso econômico e social sobre um ponto: a existência dos negros na sociedade. Como bem disse André L.V.de Campos⁹: “Pagando seu tributo à época – quando predominavam as idéias científicas introduzidas no Brasil (...) – as preocupações modernizantes de Lobato esbarravam num sério problema: a inferioridade do povo brasileiro, que os intelectuais da virada do século XIX para o XX aceitaram quase que consensualmente”¹⁰.

Monteiro Lobato (1882-1948), influenciado também pelas idéias, teorias e discussões sobre raça, que circulavam em sua época, enxergava a população brasileira com

⁸ ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1888, pp. 10-11.

⁹ CAMPOS, André L.V.de. *A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1986.

¹⁰ _____ . Op. Cit., p.11.

desdém e ceticismo. Leitor das obras do escritor francês Gustave Le Bon¹¹, que dizia que as diferentes raças humanas possuíam maneiras de pensar e agir, concepções sobre moralidade, sobre as crenças e instituições, completamente diversas, ele justificava suas opiniões baseando-se no fato de existirem entre essas raças caracteres biológicos únicos, transmitidos hereditariamente, e que se constituiriam como os verdadeiros responsáveis pelas diferenças de comportamento apresentadas pelos diferentes povos.

O caboclo era, para Monteiro Lobato, uma sub-raça. Ao criar, em 1918, a personagem Jeca Tatu, no conto *Urupês*¹², ele mostrou que havia, realmente, assimilado aquelas idéias. A perspectiva apresentada por ele sobre o homem rural, transformou-se em motivo de polêmica entre os intelectuais, causando simultaneamente, um inegável sentimento de desconforto entre os mesmos. Diferenciando-se da poesia, por exemplo, que valorizava certos caracteres do caipira, tais como, o comportamento simples, feliz e repleto de bons sentimentos, sua obra apontava o Jeca Tatu como símbolo do atraso nacional. Além disso, ele criticava a postura distanciada em que se mantinha a intelectualidade nacional em relação aos assuntos do país. O estado de miséria, em que vivia o homem do campo, passava despercebido nas obras da maioria dos escritores. Segundo Monteiro Lobato, a herança recebida dos tempos do romantismo, apoiada em um sentimento ufanista e irresponsável, cegava os olhos daqueles que escreviam sobre o Brasil. De acordo com André Vieira¹³, ao discutir o Jeca Tatu, “na verdade, o que se discutia era a própria nacionalidade, as possibilidades de modernização do país e, acima de tudo, o papel das “raças” formadoras do povo brasileiro no seu destino”.

¹¹ LE BON, Gustave. *L'Homme et les sociétés; leur origine et leur histoire*. Paris, J. Rothschild, 1881, v.2. In: CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo: Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1986, pp.13-14.

¹² LOBATO, Monteiro. *Urupês*. In: *Urupês*. 3ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1948. (Literatura Geral.Obras Completas, 1).

¹³ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo: Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1986, p.18.

1.2- As Doenças e a Medicina

Segundo o autor Carlos H.A.Paiva, em seu artigo *Imperialismo e Filantropia: a experiência da Fundação Rockefeller e o sanitarismo no Brasil na Primeira República*¹⁴, desde a fase monárquica existia no Brasil um quadro endêmico e epidêmico de grandes proporções, atingindo a imensa maioria da população. Entretanto, essa realidade não sofreu nenhuma alteração até o período posterior à abolição da escravatura, quando a mão-de-obra escrava foi substituída pela força de trabalho estrangeira, através do estímulo à imigração para o país.

A cultura brasileira caracterizava-se por seu perfil agrícola, hierárquico e patriarcal. A indústria, com seu desenvolvimento extremamente lento, e destituída de leis de responsabilidade limitada, até 1888, em nada contribuiu para despertar no povo uma necessidade de utilização prática da ciência. A educação secundária era um privilégio para poucos, e a ênfase dada à ela era muito mais literária do que científica, característica que ia de encontro aos interesses das elites¹⁵.

O desenvolvimento da medicina, associado aos novos conhecimentos da química e da bacteriologia, em nível mundial, já haviam impulsionado a ciência européia. Posteriormente à esse fato, os contatos e estudos efetuados por médicos e cientistas brasileiros nas nações européias¹⁶, influenciaram suas ações em prol da ciência nacional, o que os transformou em verdadeiros porta-vozes, e importantes estimuladores de melhorias no interior da mesma.

¹⁴ PAIVA, Carlos H.A. *Imperialismo e Filantropia; a experiência da Fundação Rockefeller e o sanitarismo no Brasil na Primeira República*. In: *História, ciência, saúde – Manguinhos*, volume 12, nº1, Rio de Janeiro, janeiro/abril-2005.

¹⁵ _____ . Op. Cit., pp.40 e 41.

¹⁶ Um exemplo do que foi dito, pode ser comprovado através da viagem e dos estudos efetuados pelo bacteriologista Dr.Domingos Freire, da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, que em 1877 foi enviado à Europa para conhecer e estudar as novas idéias no ensino da medicina. Cf.STEPAN, Nancy. Op.cit.p.41.

Oswaldo Cruz, médico e cientista brasileiro é, sem dúvida, um grande exemplo da nova postura do cientista brasileiro, no final do século XIX e início do século XX. Ele estudou durante dois anos e meio com Louis Pasteur, cientista francês renomado, que o introduziu às novas concepções científicas que surgiam. Retornando ao Brasil em 1889, como um bacteriologista bem treinado, dedicou-se integralmente ao seu trabalho, procurando através dele, contribuir para o progresso científico nacional.

Em 1897, foi indicado como diretor da recém-criada Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP). Anos mais tarde, no fim do inverno de 1900, foi à ele ofertado um cargo no Instituto de Soroterapia de Manguinhos, onde ele dedicou-se integralmente ao campo da bacteriologia. A sua experiência como integrante de uma das comissões médicas cariocas que foram enviadas à cidade de Santos, no litoral paulista, a fim de estudar a epidemia de peste que lá se deflagrou em 1899, contribuiu enormemente para que anos mais tarde recebesse tais indicações.

As campanhas contra a febre amarela e de combate à peste, ambas administradas por ele, no ano de 1903, representaram um claro exemplo do novo momento que desabrochava no interior da ciência brasileira. Era a consolidação da importância de seu papel, como um dos setores estratégicos, dentro do projeto de transformação econômica, política e de desenvolvimento do Brasil.

Para o presidente do Brasil naquela época, Rodrigues Alves, era importante criar uma nova aparência para o país, pois isso atrairia turistas estrangeiros, e acabaria com as visões já pré-estabelecidas no exterior sobre a nação, e principalmente, sobre a capital carioca, no que diz respeito ao desenvolvimento de doenças transmissíveis, tais como a peste bubônica, a varíola e a febre amarela. Doenças essas que surgiam como consequência das péssimas condições de higiene existentes.

É interessante tecer alguns comentários sobre a visão que a classe social dirigente do Brasil, durante as primeiras décadas do século XX, possuía sobre a doença, seu papel de obstáculo e impedimento às implementações dos novos planos, projetos e ambições tão almejados, de uma nova sociedade e um novo país, totalmente inseridos na nova ordem econômica capitalista.

Na visão de um dos escritores mais famosos da literatura internacional, Thomas Mann, a doença representa o marginal, aquilo que está fora dos padrões de uma sociedade burguesa. Ela está oposta à vida, e por isso, aberta ao diferente, ao inesperado¹⁷. E, esse inesperado era justamente o que afastava os turistas estrangeiros das terras brasileiras. Era o que mantinha o país à margem das novas conquistas obtidas pelo capitalismo e pela burguesia internacionais, desde a Revolução Industrial, o advento da máquina à vapor, as inovações científicas, o conforto burguês, a constituição da nova família, etc.

Inseridos nesse conturbado contexto social brasileiro, alguns intelectuais exprimiam as suas diversas opiniões sobre a realidade do país. Monteiro Lobato, já então vivenciando um segundo momento de reflexões sobre as questões nacionais, dizia que era preciso sanear o Brasil. As epidemias e as doenças que se desenvolviam no país contribuía para o enfraquecimento da população, que já não era mais vista por ele como preguiçosa e indolente, mas bem diferentemente disso, vítima do descaso, e do desinteresse por parte daqueles que, ou negavam a realidade brasileira, como ampla parcela dos intelectuais, ou dela se beneficiavam através de apadrinhamentos e posicionamentos descomprometidos, como os dos filhos das classes dirigentes, ocupantes dos empregos e cargos públicos da nação.

Em uma série de escritos, conhecidos pelo título de *O Problema Vital*, lá pelos idos de 1918, Monteiro Lobato expõe suas idéias sobre o fordismo, um conjunto de concepções criadas pelo industrial americano Henry Ford sobre a indústria, sua organização e seus

¹⁷ URBAN, Pedro E. *Dossiê: Morte em Veneza*. In: Entre Livros, São Paulo, Editora Ediouro (Segmento-Duetto Editorial Ltda), Ano 1, Nº 1, 2005.

métodos de melhoramento e aperfeiçoamento da produção. Fortemente influenciado por essas idéias, a questão do trabalho foi um tema presente em vários de seus escritos.”Tradutor e divulgador dos livros de Henry Ford no Brasil, Lobato passou a ver na proposta fordista a solução para o atraso material do país”¹⁸. O fordismo era muito mais do que uma associação de técnicas de produção, tratava-se de uma visão de mundo que objetivava uma construção hegemônica e burguesa das sociedades, e para tal, utilizava-se do capital industrial e da fábrica como meios de difusão de suas idéias.

Vários pensadores brasileiros debatiam entre si o valor e a grandeza de algumas de nossas raças formadoras da nação. A partir das novas ondas migratórias que para o Brasil se dirigiam, uma parcela significativa da comunidade científica se mostrava exultante. Desta forma, em 1911, o diretor do Museu Nacional na cidade do Rio de Janeiro, João Batista de Lacerda, anunciava que em um século os mestiços teriam desaparecido do país, em consequência dos processos de miscigenação e imigração.

Segundo Luiz A. de Castro Santos, “O racismo “científico” contagiava um grupo considerável de profissionais de saúde pública”¹⁹. Como exemplo desse comportamento, ele nos conta que em 1916, o médico pernambucano, ex-diretor do serviço sanitário e deputado federal por seu estado, Gouvêa de Barros, discursava na Câmara dos Deputados sobre as condições de saúde da população, dizendo que o país possuía indivíduos fracos e sem resistência às doenças dos trópicos. Ele responsabiliza os africanos e a herança deixada por estes, pela existência da pouca resistência entre os brasileiros.

Para Artur Neiva, um dos mais famosos e importantes cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, a imigração de negros norte-americanos – projeto que foi debatido no Congresso em 1921 - colocaria em risco o processo de branqueamento pensado para o país.

¹⁸ CAMPOS, André L.V. de . op.cit., Pág.86.

¹⁹ SANTOS, Luiz A. de Castro. *O Pensamento Sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da Nacionalidade*. Rio de Janeiro, Dados – Revista de Ciências Sociais, vol.28, nº2, 1985, p.195.

Esse cientista pertencia à uma das correntes nacionalistas que enxergava o interior do país como o representante maior da nacionalidade.

Através da obra ‘Os Sertões’, de Euclides da Cunha²⁰, o sertão transformou-se no alvo para o qual todas as atenções se voltaram. Era a tentativa de resgate dos sertões, do sertanejo e das verdadeiras raízes brasileiras que se impunham, como dever maior, na busca pela construção da nação e de sua nacionalidade.

Como já foi dito nesse trabalho, alguns autores muito bem conhecidos, como Monteiro Lobato e Alberto Torres, entre outros, já debruçaram-se sobre esse tema, sobre o estudo do interior do país, tecendo suas opiniões sobre o mesmo. Alberto Torres, juntamente com Vicente Licínio Cardoso, desenvolveram o pensamento ‘ruralista’ no país, o qual por sua força e constância, assumiu ares de tradição. Segundo Luiz A. de C. Santos, para esses pensadores, “ a verdadeira *vocação* do país estava na valorização da agricultura e do homem do campo”²¹.

Diferentemente dos autores ruralistas, Monteiro Lobato teceu alguns comentários sobre o trabalhador do interior paulista, mas não se transformou em um ruralista por esse motivo. Em sua obra, anteriormente citada, ‘*O Problema Vital*’, é visível a sua dedicação ao tema do saneamento como questão nacional. Em suas palavras:”Sanear é a grande questão. Não há problema nacional que se não entrose nesse”²².

Para Vicente Licínio Cardoso, a questão nacional deveria ser pensada em termos de região, e não em termos das condições de vida da população. A sua preocupação centrava-se nas regiões atualmente conhecidas como o nordeste e o sudeste, principalmente as áreas em torno do rio São Francisco. Para ele, era para essa área que a atenção governamental deveria se voltar. A influência de M.Lobato, somada à disposição daqueles adeptos da corrente

²⁰ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, 5ª edição, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1914.

²¹ _____ . *Op.cit.*, p.196.

²² LOBATO, Monteiro. *Mr.Slang e o Brasil e Problema Vital*, 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1948, pp.221-340. In: SANTOS, Luiz A. de Castro. *Apud*, p.197.

ruralista e nacionalista, que enfocavam o resgate dos sertões de seu flagrante abandono, foi aos poucos criando a possibilidade da difusão do sanitarismo junto às elites. Ao longo dos primeiros quinze anos da Primeira República, a reforma sanitária passou de mera crítica social à aspiração nacional.

Em 1916, os cadernos de viagem dos médicos Artur Neiva e Belisário Pena foram publicados. Esse feito, marca o momento da evolução do movimento de saúde pública no Brasil. Publicados pelo Instituto Oswaldo Cruz, esses cadernos tratavam da viagem-missão, através da qual, vários estados do nordeste e o estado de Goiás foram visitados, no ano de 1912. Seu caráter de denúncia das péssimas condições em que viviam as populações do interior brasileiro, fez com que o movimento sanitarista superasse seu período urbano, defendendo a partir desse momento uma nova bandeira de luta, a do saneamento dos sertões.

Um dos pontos importantes, discutidos e polemizados a partir da publicação do relatório dos médicos Neiva e Pena, foi sobre a questão do clima do nordeste, clima esse responsabilizado, até então, pelas oligarquias nacionais, pelo quadro de doenças e pobreza existentes naquela região. Contrários à essa explicação climática, os autores do relatório argumentavam que as populações vizinhas ao rio São Francisco apresentavam condições de saúde tão débeis, quanto as populações das regiões semi-áridas, por exemplo.

Ao longo das inúmeras páginas de seu documento-relatório, os médicos do Instituto Oswaldo Cruz descreveram as mais diversas parasitologias e doenças que agridem a população das áreas circunscritas aos Estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás. Coletando fungos, vermes, protozoários, mosquitos, e identificando doenças tais como o Mal de Chagas, o bócio, a febre amarela, eles montaram um mosaico das doenças daquelas regiões. À certa altura, eles descreveram: “(...), a excursão em questão foi muito instrutiva para o estudo da biologia da *T.sordida*, espécie de larga distribuição na América do Sul e já

provada transmissora da moléstia de CHAGAS”²³. E no que diz respeito ao Bócio: “(...) o bócio é extremamente comum no Duro, Almas e Natividade e, não será precipitado afirmar-se que o agente eficiente (...), achou condições para o seu desenvolvimento fora dos fatores água e alimentação que, nestes 80 anos, não variaram naquelas localidades”²⁴.

Essas novas evidências nos conduzem à um novo caminho de entendimento dos problemas e das deficiências nacionais. Em contraposição às justificativas baseadas nas características climáticas, as doenças, conseqüência da inexistência de políticas sanitárias, seriam as verdadeiras responsáveis pelo nível de debilidade encontrado entre a população brasileira. Situação que persistirá ao longo das décadas, e sobre a qual Josué de Castro também se ateve em seus estudos. Entretanto, como veremos mais tarde, ele elegerá a nutrição, ou educação alimentar, termo utilizado em sua época, como meio de resolução dos problemas existentes, o que o diferencia do grupo de médicos-sanitaristas dos primeiros anos do século XX.

O fato importante em todo esse momento foi que a missão científica de Neiva e Pena provocou discussões, que até então restringiam-se às áreas urbanas do país. Além disso, os resultados alcançados pela missão serviram para reacender o interesse pelos sertões no interior das instituições político- nacionais.

A partir desse trabalho, a questão do sanitarismo passa a ser uma constante nos escritos e nas discussões de alguns pensadores. Em 1918, Belisário Pena publicou *Saneamento do Brasil*²⁵, obra na qual a questão sanitária é um tema mais político do que em seu trabalho anterior com o médico Artur Neiva. Esse trabalho apontava as falhas mais graves das políticas de saúde da época. E dizia que, sem a unificação e a centralização dos serviços

²³ NEIVA, Arthur e PENNA, Belisario. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz*. Rio de Janeiro, Instituto Oswaldo Cruz (Memórias do Instituto Oswaldo Cruz), vol.8, 1916, p. 99.

²⁴ _____. Op. Cit., p. 122.

²⁵ PENNA, Belisário. *O Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1918, pp.11, 93.

de saúde pública, pouco poderia ser feito pelas populações desassistidas. Era preciso promover campanhas pelo saneamento em todo território nacional.

Na busca das resoluções dos problemas sanitários existentes no país, Belisário Pena juntamente com outros sanitaristas, funda a Liga Pró-Saneamento do Brasil. O objetivo dessa associação era a implementação do programa proposto por Pena, e que consistia em:” a) uma intervenção crescente do Estado no setor da saúde pública; b) elaboração de novo código sanitário para todo o país; c) divisão do Brasil em oito zonas sanitárias; d) criação de tribunal federal especial para tratar de questões decorrentes da aplicação da nova legislação; e) seleção de uma endemia em dois municípios de cada estado durante a fase inicial de saneamento do país”²⁶.

Contradizendo suas próprias idéias de implementação imediata de seu programa, Belisário Pena acreditava que mudanças nas regras do jogo político eram extremamente necessárias. Ao governo central cabia assumir o controle do sistema de saúde pública em âmbito nacional, sobrepondo-se dessa forma, ao poder e à resistência oligárquica.

Durante os anos da Primeira República, a centralização do poder por parte do Estado sobrepôs-se aos períodos de descentralização. Mais especificamente, nos anos vinte, a intervenção estatal sobre a política e economia nacionais aumentou consideravelmente. E as políticas sanitaristas, acompanhadas de suas ideologias, não fugiram à regra da intervenção estatal como método de aplicação e implementação de suas ações.

²⁶ Idem, pp.165-171. In: SANTOS, Luiz A.de C. Op.Cit., p.200.

1.3 – Uma nova visão

Dentre os pensadores que se debruçaram sobre as questões sanitárias e sociais brasileiras, um se destaca pela importância de seus escritos e por suas ações. Josué de Castro, médico e intelectual atuante, principalmente a partir da década de 30, deixou para a sociedade um cabedal de novas idéias e críticas pioneiras e avassaladoras, respectivamente.

Nascido em 1908, na cidade de Recife, foi ali nessa cidade, capital do Estado de Pernambuco que ele viveu seus primeiros anos. Filho de pais separados, viveu a maior parte de sua infância e adolescência com seu pai, proprietário de terras e gado. Sua mãe, professora de escola elementar, apesar de não residir na mesma casa, foi uma pessoa sempre presente em sua vida.

Josué de Castro frequentou várias escolas durante os seus anos de estudante na cidade de Recife. Coursou Medicina nas faculdades da Bahia e Rio de Janeiro, e posteriormente, conviveu com vários intelectuais na França, mais especificamente, na Sorbonne. Porém, é através de suas próprias palavras que podemos entender melhor as raízes e origens de seus pensamentos, responsáveis por toda a contribuição dada por ele às questões mais pertinentes no Brasil de sua época.

Em sua obra autobiográfica *Homens e Caranguejos*, ele diz logo no início do prefácio: “(...), neste livro, se conta a história da vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa paisagem que é, toda ela, um braço de mar – um longo braço de um mar de misérias”. E continua no parágrafo seguinte: “Procuro mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do

Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo”²⁷.

A partir daí, desse primeiro contato com a tragédia vivida por grande parte da população recifense que, dizem os estudiosos de sua obra, Josué de Castro voltou a sua atenção para o tema, com o qual acenou para as classes dominantes brasileiras e internacionais, divulgando a fome e transformando-a em ponto de discussão. Como veremos mais tarde, ele foi mais além dessas ações, e criou uma nova área de estudos científicos, conhecida atualmente como ciência da Nutrição.

À todas as visões racistas do homem brasileiro, que até então vigoravam entre a intelectualidade nacional, Josué de Castro se opôs, demonstrando através de razões científicas que tais visões não passavam de idéias preconceituosas, advindas de uma intelectualidade de características superficiais e importadora de modelos europeus, por um lado, e por outro lado, originadas a partir da difusão de pensamentos de cunho romântico, responsáveis por uma visão idealizada das relações sociais, econômicas e políticas no país.

Em 1932, ele desenvolveu uma pesquisa por intermédio do Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco, sobre as condições de vida de quinhentas famílias de bairros operários na cidade do Recife. Tal estudo apresentou-se na forma de um inquérito, no qual várias perguntas sobre gastos monetários com habitação, alimentação e transporte eram feitas. Esse inquérito foi publicado pela primeira vez um ano mais tarde, em 1933, sob a responsabilidade da Diretoria de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, recebendo o título de *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*²⁸.

²⁷ CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. 2ª Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1968, Prefácio, p.12.

Embora essa obra não se encontre dentro do período delimitado por esse trabalho, acreditamos que é importante fazer citações desse tipo, pois elas demonstram muito claramente o pensamento de Josué de Castro, o que nos ajuda a desenvolver o tema e nossas idéias à respeito do mesmo.

²⁸ . *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*. 1ª edição, Recife, Departamento de Saúde Pública, 1935.

Esse documento pode ser encontrado, segundo o próprio Josué de Castro, como parte integrante de seu livro *Alimentação e Raça*. Ele também foi encontrado por mim, durante o período da pesquisa, no Arquivo Estadual Jordão Emerenciano na cidade de Recife, na obra do autor, *O Problema da Alimentação no Brasil (Seu estudo*

Segundo Josué de Castro, em uma das passagens do livro *Documentário do Nordeste*, ao comentar sobre os resultados de seu estudo, e também sobre o conseqüente impacto do mesmo sobre a sociedade, ele diz:“(…), sendo o primeiro inquérito realizado no Brasil sobre as condições de vida do nosso povo. Abrindo a pista para este gênero de pesquisa sociológica, logo surgiram inquéritos semelhantes noutras áreas do país, confirmando a trágica realidade social das massas brasileiras, que era até então como que ignorada, pelo menos, dentro de uma visão objetiva dos fatos”²⁹.

É interessante citar que, no mesmo ano de 1933, Gilberto Freyre lança sua obra-prima *Casa-Grande e Senzala*³⁰, obra que, sem dúvida, marcou a sociedade intelectual brasileira. O papel da cultura, e as influências de outros povos na formação da sociedade são temas por ele tratados. Ao enumerá-los, ele vai construindo uma identidade para a nação através da valorização de nossos valores culturais. Isso faz com que as discussões que até então focavam as questões raciais, se redirecionassem para a questão cultural.

Ainda no prefácio ele diz: “Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. (...)”³¹.

fiológico). 3ª edição aumentada, Série 5ª Brasileira; v.29, (Biblioteca Pedagógica Brasileira), Companhia Editora Nacional, 1939.

²⁹ CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. 4ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1968, p. 75.

Esse documento, entre outras coisas, serviu também de exemplo para outros inquéritos que foram desenvolvidos posteriormente, inclusive aquele que serviu de base para a regulamentação da lei do salário mínimo e da formulação da chamada ‘ração essencial mínima’, estabelecida por intermédio do Decreto-Lei 399, de 30 de abril de 1938.

³⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala (Formação da Família Brasileira sob o regime de economia patriarcal)*. 1ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Maia e Schmidt Ltda; 1933.

³¹ _____. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 19ª Edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1978, Prefácio à 1ª ed., p.XXIII.

Mais adiante, ao falar da importância da casa-grande, ele cita: “A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (...); de trabalho (...); de transporte (...); de religião (...); de vida sexual e de família (...); de higiene do corpo e da casa (...); de política (...). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia (...)”³². Através da leitura desse parágrafo, pode-se concluir o papel da cultura dentro da visão de Gilberto Freyre. E ele continua: com um argumento enaltecendo as virtudes dos negros, e da forte influência legada pelos mesmos à cultura e costumes brasileiros, ele diz: “Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra”³³.

Ao falar, por exemplo, das características físicas, fisiológicas e da capacidade de adaptação aos trópicos, ele compara os indivíduos de raça negra aos aborígenes, que habitavam a região sul-americana há muito mais tempo, e elogia a personalidade e comportamento do negro que, segundo ele, seria superior ao do aborígine. “Por todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravos negros, dos estoques mais adiantados, em condições de concorrer melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil. Às vezes melhor que os portugueses”³⁴.

Caminhando sobre diferentes trilhos, o médico Josué de Castro mostrava-se interessado em compreender as razões do atraso no desenvolvimento nacional, porém em outros termos, diferenciando-se das teorias que prevaleceram na Europa durante o século XIX, e para cá foram importadas, tais como a de uma inferioridade racial inerente aos povos

³² FREYRE, Gilberto. Op. Cit., Prefácio à 1ª ed., p. XXIX.

³³ _____. Op. Cit., p.283.

Cabe ressaltar nesse momento que, devido à dificuldade de trabalhar com a primeira edição de Casa-Grande e Senzala, e pelo fato desta constituir-se em uma obra rara, e conseqüentemente, somente encontrada em algumas bibliotecas de algumas instituições brasileiras, (na cidade de Recife, é possível encontrá-la apenas na Fundação Joaquim Nabuco), e quando encontrada, não é permitida a sua retirada-empréstimo, utilizei edições mais recentes e já atualizadas.

³⁴ _____. Op. Cit., p.286.

que constituíram a sociedade brasileira. O seu questionamento recaía sobre as questões de cunho social, e de crítica ao capitalismo brasileiro, e suas formas de exploração de sua mão-de-obra. Para Josué de Castro interessava entender as raízes daquelas desigualdades, identificadas por ele através de seu estudo sobre o operariado recifense, e talvez já bem antes disso, vivas em sua mente, desde a sua infância quando observava a realidade da vida no mangue.

Para alguns pensadores, as trajetórias intelectuais de Josué de Castro e Gilberto Freyre desenvolveram-se paralelamente, porém com conteúdos contrários. Pode-se dizer que, ao imaginarmos uma moeda e seus dois lados, a cara e a coroa, cada um desses pensadores ocuparia uma dessas duas faces. De um lado, Gilberto Freyre e seus escritos sobre a culinária criada e consumida nos sobrados e casarões pernambucanos, em um claro movimento de valorização da cultura, e de outro, Josué de Castro e suas denúncias sobre as condições de moradia da maioria da população pobre, os mocambos, sobre a qualidade da alimentação do povo e os seus hábitos alimentares.

Por exemplo, no livro *Nordeste*³⁵, Gilberto Freyre cita as reflexões de alguns outros pensadores, tais como Moraes Barros, o Professor A. Carneiro Leão, Nina Rodrigues, Sylvio Romero e José Veríssimo, à respeito de suas respectivas crenças em uma inferioridade biológica do mestiço brasileiro. Mais adiante, ele diz: “É possível que esses observadores ilustres – alguns talvez prejudicados pelo próprio excesso de proximidade entre eles e o objeto de sua observação - tenham desprezado, na interpretação do que o mulato brasileiro, em geral e o do Nordeste, em particular, apresentam de patológico, de cacogênico, de disgênico, os elementos sociais de inferiorização de uma classe ou de um proletariado que, pela persistência dos efeitos da escravidão, é, na sua quase totalidade, de gente de cor”³⁶.

³⁵ FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 5ª edição, Rio de Janeiro, Editora José Olympio e FUNDARPE / Recife, (Coleção Documentos Brasileiros; v.4), 1985.

³⁶ _____ . Op. Cit., p.154.

Vamos avaliar o que essa passagem de G.Freyre nos diz. Ele situa o problema patológico, a inferioridade física apresentada por uma parte da população, como um problema de classe restrito à situação de proletário em que se encontravam os indivíduos desse setor social, que como ele diz seriam em sua quase totalidade de gente de cor, recém-saídos do período da escravidão, ou descendentes dos que viveram essa fase. Divergindo relativamente dessa visão, Josué de Castro demonstra, em várias de suas obras, que o problema alimentar era uma questão muito mais abrangente, não se restringindo à um mal de classe ou de raça. A fome, total ou parcial como ele dizia, se encontrava no interior de todas as classes sociais e em todas as regiões geográficas do país. Era preciso educar e informar a população, criando assim novos padrões e hábitos de higiene e alimentação. Era necessário apresentar à população novos alimentos, que até então não eram considerados em seu valor nutritivo, como por exemplo, algumas plantas do sertão nordestino, entre outras medidas.

Entre 1935 e 1937, através de uma série de pequenas narrações, quase que documentárias da vida quotidiana nos arredores da cidade do Recife, Josué de Castro descreve a paisagem da região Nordeste do Brasil, e principalmente, as zonas dos mocambos e a área do sertão. Já na introdução ele escreve: “Foi no Nordeste – nas zonas dos mocambos do Recife e nos chapadões desérticos do sertão – que descobrimos com angústia o drama da fome. E não só da fome do Nordeste, mas da fome universal. Estes contos têm no pauperismo nordestino o seu tema central e constante e são como que as primeiras tentativas de índole mais emocional do que racional de dar expressão aos nossos sentimentos diante destas sombrias paisagens de uma geografia da fome”³⁷.

Para Josué, a fome é um problema tanto urbano quanto rural, visão que rompe com aquela dicotomia entre sertão / litoral, que discutimos páginas atrás, por exemplo. E o que é

³⁷ CASTRO, Josué de. Op. Cit., p.8.

Segundo vários pessoas mais próximas à Josué de Castro, muitos desses seus amigos íntimos, ele gostava de escrever poesias e contos. Essa obra parece uma tentativa, como o próprio autor diz no prefácio, de escrever sobre um tema tão trágico sem abdicar de um estilo poético.

mais importante, não se trata de uma questão meramente nacional, pois Josué ao afirmar que se trata de um problema universal também rompe com a caracterização de um Nordeste trágico, cujas imagens se firmavam naquele período. Segundo o historiador Durval M. Albuquerque Jr., em sua obra *A Invenção do Nordeste*³⁸, a região Nordeste constitui-se de um objeto de saber e de poder. Em torno dela, criou-se uma visibilidade e um dizer. Sobre ela dissertariam vários setores da sociedade, - os meios de comunicação, os políticos, os cientistas, os escritores, e a população em geral - , sempre de uma forma estereotipada. São as imagens da seca sendo mostradas no noticiário; é a população esquelética, a vagar sem rumo e sem esperança; é a criança a brincar com ossos de animais, pela ausência de brinquedos verdadeiros; é a doença estampada na pele; é a face enrugada e o olhar triste do sertanejo diante do seu infortúnio; é a família numerosa, vivendo de forma precária em seus paupérrimos casebres.

O questionamento de Durval Muniz é pertinente, pois, à quem e à quais estruturas de poder estaria essa realidade satisfazendo? Pensando dessa forma, ele inclui Josué de Castro na lista de pessoas interessadas na consolidação de uma visão de um Nordeste estereotipado. Como exemplo, podemos citar o artigo *O nordestino: a miséria ganha corpo*³⁹, no qual ele faz comentários sobre a obra *Geografia da Fome*⁴⁰ - obra que pretendemos nos deter com mais profundidade nos próximos capítulos desse trabalho, mas que adiantaremos alguns pontos pela importância da mesma nessa discussão-, e diz que Josué de Castro fez uso em sua obra de fotografias e pinturas com o único objetivo de comprovação de suas palavras, como se a simples descrição e o seu discurso não fossem suficientes para sensibilizar seu leitores.

³⁸ ALBUQUERQUE, Durval M. de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo, Editora Cortes; Recife, Editora Massangana, 1999.

³⁹ ALBUQUERQUE, Durval M. de e CEBALLOS, Viviane Gomes de. *O nordestino: a miséria ganha corpo*. In: Polifonia da Miséria: uma construção de novos olhares. Organizado por Joanildo Burity, Helenilda Cavalcanti. Recife: CNPq, BNB, FJN, Editora Massangana, 2002.

⁴⁰ Castro, Josué de. *Geografia da Fome*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

Divergindo dos argumentos utilizados pelo Professor Durval Muniz, a obra de Josué de Castro nos leva a pensar que o seu único e primordial objetivo, antes de qualquer outro motivo, foi o de evidenciar a problemática alimentar nacional. Dividindo o país em regiões, ele enumerou as diversas carências nutricionais que atingiam a população das respectivas regiões apresentadas. E, se de alguma forma ele utilizou mais exemplos, através de fotos e paisagens da região nordestina, acreditamos que isso se deva ao fato de, como outros autores já disseram, existir em seu âmago, em algum ponto mais íntimo do ser humano e adulto Josué de Castro, aquelas imagens que o menino Josué nunca esqueceu e que soube tão bem descrever em sua obra autobiográfica⁴¹.

Mas, retornando à obra *Documentário do Nordeste*⁴², ela foi dividida em duas partes: 1ª) **A Paisagem Viva do Nordeste**: formada por oito pequenos contos ficcionais sobre a vida de personagens pobres, pretos, moradores de mocambos da cidade do Recife; 2ª) **Estudos Sociais**: formada por três temas; *O Nordeste e o Romance Brasileiro*; *O Problema dos Mocambos*; *As Condições de Vida das Classes Operárias no Nordeste*.

Sobre *O Problema dos Mocambos*, ele comenta que não poderia haver dúvida de que as causas diretas da miséria urbana do Recife estariam associadas ao estado de miséria rural, condicionado pelo latifúndio e pelo cultivo exclusivo da cana-de-açúcar. E, a seguir, ele dá soluções para esse problema, dizendo que era preciso cuidar de uma porção de outras coisas ligadas ao ambiente cultural, no qual os mocambos estavam envolvidos, porém sem mexer nessas habitações.

É importante citar que ainda na década de 20, os mocambos eram entendidos tanto como sinônimo da diversidade da arquitetura e da cultura popular do Nordeste brasileiro, quanto como ‘habitação miserável’, sinônimo de cortiço. Um ano antes, em 1919, a cidade do Recife foi interdita, proibindo-se a construção de mocambos no centro da cidade. E no fim

⁴¹ Aqui refiro-me à obra anteriormente citada, *Homens e Caranguejos* (Ver referência completa da mesma nas páginas anteriores).

⁴² CASTRO, Josué de. Op.Cit.

da década de 30, definia-se um regulamento para a sua construção. Com a chegada do Estado Novo, Recife sofreu uma reforma urbana e os mocambos foram condenados, o que levou à destruição de muitos deles, por intermédio de um grupo (A Liga Social contra o Mocambo) ‘liderado pelo interventor do Estado, Agamenon Magalhães. Mas para Josué de Castro essa questão dos mocambos não era prioritária. Era necessário resolver várias outras coisas ligadas ao ambiente cultural nos quais essas habitações estavam envolvidas.

Em *As Condições de Vida das Classes Operárias no Nordeste*, Josué de Castro explica os fatos que o levaram a desenvolver tal estudo, fala sobre o período em que a pesquisa ocorreu, os resultados obtidos, a sua repercussão no país, e sua localização em relação às suas outras publicações. “Este estudo é hoje publicado tal qual aparecera pela primeira vez, como parte do nosso livro ‘*Alimentação e Raça*’, edição de 1935, para não perder a sua expressão de documento de uma época de nossa evolução econômico-social”⁴³. Sobre as conclusões, às quais o inquirido apontou, Josué de Castro diz: “Pela leitura das conclusões a que chegamos, temos de reconhecer a grande e crua verdade da expressiva frase de Juan B. Justo de que – “atualmente já não se pode assassinar o proletário mas se pode legalmente fazê-lo morrer de fome”⁴⁴.

É importante que falemos agora um pouco sobre a obra citada acima por Josué de Castro, *Alimentação e Raça*⁴⁵. Procurando divulgar certas idéias e discutir algumas questões, até então aceitas como verdade, Josué de Castro relaciona o fenômeno biológico da alimentação com vários aspectos sociais da vida brasileira. Ele combate a idéia, muito

⁴³ CASTRO, Josué de. *Op. Cit.*, p.75.

⁴⁴ _____ . *Op.Cit.*, p.77.

⁴⁵ _____ . *Alimentação e Raça*. 1ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1935.

É importante dizer que essa obra é ,atualmente, difícilíssima de ser encontrada no Brasil. O seu caráter especial, dentro da bibliografia eleita por mim para integrar esse trabalho, não me permite deixá-la de lado, porém a dificuldade de acesso à mesma, limitou qualquer tipo de comentário mais profundo ou mais detalhado.

É importante dizer ainda, que essa obra, escrita ainda durante a juventude de Josué de Castro, é *somente*, encontrada na Biblioteca da Faculdade de Medicina da USP, instituição esta que, embora consultada inúmeras vezes, sequer respondeu às diversas solicitações de empréstimo que por mim foi-lhe endereçada.

difundida na época, de ‘raça inferior’, e revela a fome como principal fator para a suposta preguiça dos negros e índios.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, ele escreve também, o artigo denominado *Os preconceitos de Raça e de Clima*⁴⁶, no qual propõe-se a fazer uma revisão de conceitos já estabelecidos, sobre as condições geográficas do Nordeste brasileiro. Sua idéia baseava-se na defesa dessa região, através de uma postura de forte oposição àqueles pensamentos, considerados por ele sem fundamento.

Como já foi dito nesse trabalho, desde o final do século XIX circulavam no Brasil algumas teorias sobre o desenvolvimento humano, relacionando o mesmo à questões de adaptação das raças aos respectivos climas das regiões habitadas. Para Josué de Castro, o Determinismo Geográfico era um equívoco. Dizer que o atraso econômico, social e humano, existentes no país, eram conseqüências das desvantagens advindas do clima, não passavam de explicações de cunho científico superficial e preconceituoso. Contrariando tais teorias, ele demonstrou que o clima nordestino, de feições tropicais, seria o que propiciaria ao indivíduo facilidades para a sua adaptação. E para tal, ele dizia, alguns hábitos deveriam ser mudados. Por exemplo, as vestimentas deveriam ser mais leves, as habitações deveriam ser construídas com materiais mais apropriados, e à alimentação deveriam ser incorporados novos costumes.

Ainda sobre o clima nordestino, ele diz que se não fosse o fato do mesmo ser medianamente quente, não seria possível a sobrevivência das populações desamparadas e flageladas pelas secas, já que durante esses períodos de crise, esses grupamentos humanos ficavam totalmente submetidos às extremas condições de miséria e fome. Divergindo das visões que colocavam o clima no lugar dos réus, Josué de Castro demonstra que o baixo desenvolvimento regional estaria relacionado à outras questões, como o grande fluxo

⁴⁶ CASTRO, Josué de . *Os preconceitos de raça e de clima*. In: Documentário do Nordeste, 4^a Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1968.

migratório para as cidades do sul do Brasil, fato que repercutia nos índices de crescimento regional, sempre abaixo dos demais índices apresentados no restante do país.

Nesse momento, através dessas idéias expostas, Josué de Castro nos apresenta mais uma de suas facetas. E, diante de nossos olhos materializa-se o professor e estudioso de Geografia Humana, bem como as suas influências intelectuais. Seguidor das novas teorias geográficas de Vidal de La Blache, o criador da Escola Possibilista⁴⁷, é sobre elas que ele se apóia para construir o seu próprio arcabouço teórico, no qual se coloca em franca e direta oposição àquelas idéias veiculadas pelo Determinismo Geográfico.

Josué de Castro nos remete às provas da capacidade humana de transformar o meio onde vive, de adaptá-lo às suas necessidades. Dotado de talentos instintivos, transferidos a ele por meio da hereditariedade, o homem teria ainda a seu favor o poder da criação e da invenção que, além de o distinguirem no mundo animal, possibilitariam a ele habitar todas as regiões do globo, desde as tórridas áreas de calor, até os pólos congelados.

Porém, esse poder de adaptação não o protegeria, nem poderia evitar as situações nas quais a dependência das condições naturais revelaria a sua fragilidade. Tal dependência faz-se sentir, por exemplo, através da necessidade do organismo humano por certos nutrientes.

Concordando com as afirmações de Vidal de La Blache sobre a importância da alimentação no processo de integração e ligação do homem ao meio natural, Josué de Castro ao tratar especificamente do caso brasileiro, procura esclarecer de forma enfática, que a realidade social e econômica existente no país, tal como era concebida e explicada por alguns pensadores, algumas vezes de forma maliciosa, outras vezes de forma superficial e preconceituosa, era conseqüência da baixa densidade demográfica, dos efeitos do regime do

⁴⁷ Como uma medida de reação às teorias de Ratzel - o criador da antropogeografia, ciência que utilizava-se da geografia, e trabalhava no sentido de uma delimitação das mútuas influências entre o homem e a natureza-, surge uma nova concepção. Sob a orientação de Vidal de La Blache, a Geografia Humana ganhou uma nova direção e um novo enfoque, reivindicando um cuidado maior ao se analisar as relações de influência entre o homem e o meio. Era necessário se reconhecer o poder ativo exercido por ambos os agentes, em um processo de contínuas interações, e de ação e reação infinitas.

latifúndio que, de certa forma, havia sido utilizado pela inexistência de braços para o trabalho, e ainda, pelo desconhecimento dos tratamentos contra as doenças tropicais que tornaram impossível a vida de muitos no país.

Juntando-se a tudo isso, ocuparia a **alimentação defeituosa**, uma importante posição entre os problemas já citados como responsável pela condição de inferioridade, de cunho antropológico, encontrada no homem brasileiro. E para Josué de Castro, os motivos dessa alimentação deficiente estariam relacionados às condições do clima e do solo que condicionariam o cultivo de certas culturas, ao mesmo tempo que não permitiriam a existência de outras, tão importantes quanto as primeiras, vistas aqui do ponto de vista fisiológico e nutricional.

É nesse momento que Josué de Castro solidifica a sua tese de defesa. Posicionando-se de maneira totalmente diversa em relação às visões até então conhecidas e defendidas por outros pensadores, ele diz que se havia um estado degenerativo, observado em parcelas da população, esse estado resultaria da ordem econômica e social institucionalizada, e não de efeitos do meio e / ou de uma inferioridade racial. Para Josué de Castro tal questão não se tratava de um **mal de raça**, e sim de um **mal de fome**. Fato concluído por ele, após desenvolver a sua pesquisa-inquérito sobre as condições de vida da população pobre na cidade de Recife. Assim, ele diz: “Se a maioria dos mulatos se compõe de seres estiolados, com déficit mental e incapacidade física, não é por efeito duma tara racial, é por causa do estômago vazio”⁴⁸.

É interessante comentarmos sobre as influências intelectuais no pensamento do médico Josué de Castro. Quais foram? E de onde as mesmas surgiram? Como Josué de Castro relaciona a problemática nacional à questão alimentar e nutricional, ou melhor dizendo, à ausência da mesma?

⁴⁸ ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Josué de Castro*. Recife-UFPE, Editora Universitária, Coleção Humanismo e Cultura, volume 4, 1983.

Segundo a autora Eronides da Silva Lima⁴⁹, os motivos que teriam levado à produção do conhecimento sobre alimentação e nutrição no Brasil, assentariam-se na marcante assimilação, por parte dos intelectuais, do pensamento do médico e professor argentino Pedro Escudero⁵⁰.

Através da obra *Alimentação*, pode-se conhecer melhor o pensamento de Pedro Escudero: “As estatísticas de todos os povos demonstram que a desnutrição é uma das características das classes trabalhadoras, tendo se chegado a este estado, em consequência da ignorância no manejo do capital-alimento agravado pelas condições econômicas desfavoráveis. Para ser resolvido esse problema complexo, não basta aumentar os salários; é indispensável ensinar e favorecer a alimentação racional e econômica”⁵¹.

A influência do pensamento de Pedro Escudero na obra de Josué de Castro tornou-se mais visível quando esse último, ao escrever o livro *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*⁵², enfatizou a emergência do fator econômico e social das nações, como uma explicação possível para o interesse despertado, após a Primeira Grande Guerra Mundial, sobre os estudos sobre alimentação e nutrição. Ainda na introdução ele diz: “A luta que ensanguentou a Europa de 1914 a 1918 veio mostrar a importância do capital-alimento, impondo às nações beligerantes um prodigioso esforço científico para que a fome não pusesse em perigo a sua resistência física”⁵³.

⁴⁹ LIMA, Eronides da Silva. *Mal de Fome e não de Raça (Gênese, Constituição e Ação Política da Educação Alimentar – Brasil – 1934-1946) 1ª.edição*, Rio de Janeiro, Editora da Fiocruz, 2000.

⁵⁰ Sobre o médico argentino Pedro Escudero, é importante tecer alguns comentários. Ele foi pioneiro na Argentina, desenvolvendo a ciência da nutrição em relação à esfera social e no âmbito de suas aplicações práticas. Em 1926, ele criou o Instituto Municipal de Nutrição em Buenos Aires – Argentina, após acompanhar os avanços dessa área em outros países, principalmente nos Estados Unidos. Em 1933, criou a Escola Municipal de Dietistas, a qual foi elevada a nível universitário com a criação do “Instituto Nacional de la Nutrición”, oferecendo, em 1939, bolsas de estudo aos países latino americanos, constituindo-se assim, num marco na formação do nutricionista na América do Sul.

⁵¹ ESCUDERO, Pedro. *Alimentação*. Rio de Janeiro, Flores e Mano, 1934, Prólogo.

⁵² CASTRO, Josué de. *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Edição 936, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1937.

⁵³ _____ . Op. Cit., Introdução, p.18.

Dessa forma, e segundo Eronides da Silva Lima⁵⁴, é interessante notar que Josué de Castro, juntamente com outros intelectuais, ainda que afinados com o pensamento difundido pelo movimento médico-sanitário, elegeram a fome / subalimentação como problema social significativo e principal objeto de seus estudos científicos, a partir da década de 30, fato que os tornou pioneiros nessa nova área.

Na obra já citada⁵⁵, Josué de Castro aborda o problema da alimentação, baseando-se nos métodos e princípios da geografia humana, que segundo ele, seria capaz de permitir uma visão total do assunto, com as várias perspectivas que esse tema encerra. Ainda na introdução ele diz: “Para quem medite um momento sobre a questão alimentar, penetrando com fôlego na massa densa e complexa dos fenômenos vivos da nutrição, o problema alimentar não constitui assunto de simples referência de sobremesa, mas estudo muito mais sério e complicado, com raízes mergulhadas profundamente no campo da sociologia e da filosofia, com influências projetadas longe, nos quadros mais variados de manifestações da vida”⁵⁶.

Nesse período podemos identificar, através de seus escritos e de sua participação ativa em algumas instituições públicas e governamentais, a dedicação por completo à questão da alimentação, à busca de soluções, e à implementação de novas idéias e métodos de aproveitamento e melhoramento de uma vasta gama de alimentos. Ainda em 1935, ele chefiou o Serviço Central de Alimentação do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, considerado um marco na assistência alimentar ao trabalhador, e que mais tarde se transformou no Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS). Segundo o sociólogo Renato Carvalheira do Nascimento⁵⁷, “A história das políticas públicas na área de alimentação

⁵⁴ LIMA, Eronides da Silva. Op. Cit., p.49.

⁵⁵ Ver nota nº 52.

⁵⁶ CASTRO, Josué de. Op. Cit., Introdução, p.17.

⁵⁷ CARVALHEIRA DO NASCIMENTO, Renato. *Para entender Josué de Castro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [2000?].

se confunde com a própria história de vida de Josué de Castro. A sua figura é muito forte quando da criação das primeiras instituições públicas sobre a questão alimentar no país”⁵⁸.

Vale ressaltar, nesse momento, a importância histórica da década de 30 nas transformações sociais, políticas e econômicas no cenário nacional. Como muito bem nos relatam vários historiadores, brazilianistas, cientistas sociais em geral, que já fizeram o relato minucioso desses anos, o movimento tenentista, iniciado na década anterior, acompanhado do apoio das classes médias urbanas em ascensão, e ainda os interesses da burguesia industrial, também em pleno crescimento, criaram as condições necessárias para a erupção do movimento conhecido como Revolução de 30.

Nas palavras de Sergio Miceli⁵⁹, ao citar as transformações sociais e políticas ocorridas a partir da década de 20, e que se estenderam até a década de 40 no Brasil, ele as explicita detalhadamente: “As décadas de 20, 30 e 40, assinalam transformações decisivas nos planos econômicos (crise do setor agrícola voltado para a exportação, aceleração dos processos de industrialização e urbanização, crescente intervenção do Estado em setores-chaves da economia, etc.), social (consolidação da classe operária e da fração de empresários industriais, expansão das profissões de nível superior, de técnicos especializados e de pessoal administrativo nos setores público e privado, etc.), político (revoltas militares, declínio político da oligarquia agrária, abertura de novas organizações partidárias, expansão dos aparelhos do Estado, etc.) e cultural (criação de novos cursos superiores, expansão da rede de instituições culturais públicas, surto editorial, etc.)”⁶⁰.

É interessante notar que é a partir desse instante e dessas mudanças, com a ascensão de uma nova coalizão de forças ao poder político estatal, procurando dessa forma imprimir as suas características aos mais diversos domínios nos quais ela poderia influenciar e inserir suas

⁵⁸ CARVALHEIRA DO NASCIMENTO, Renato. Op. Cit., p.6.

⁵⁹ MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Editora Difel, Coleção Corpo e Alma do Brasil, nº LVII, 1979.

⁶⁰ _____ . Op. Cit., Prefácio, p.XVI.

novas idéias, destacando-se aí os setores relacionados ao sistema de ensino e o campo da produção e difusão cultural. E que além disso, procura através dessas ações dismantelar as bases político-partidárias da oligarquia, classe social até então no poder.

E como pode-se concluir, é nesse novo contexto social que surge a possibilidade para o desenvolvimento e para a divulgação de idéias, tais como as de Josué de Castro, que se beneficiou do movimento de expansão do campo editorial da época, e da oportunidade de colocar em prática muitas de suas idéias, através de sua atuação nos mais variados setores da atividade pública relacionada à educação e à alimentação.

Ainda citando Sergio Miceli, quando esse autor trata do envolvimento dos intelectuais brasileiros com o novo poder político instalado, e sobre a possível sujeição ou não dos mesmos às exigências impostas pelos encargos da convocação política, ou pelas demandas feitas pelas facções partidárias com que colaboravam, ele diz: “Todos eles, contudo, acabaram se tornando modelos de excelência social da classe dirigente da época enquanto suas obras se converteram em paradigmas do pensamento político no país”⁶¹.

Devido à essa importância atribuída às obras e aos seus respectivos autores, intelectuais respeitados e identificados com o poder político em vigor, e devido à extrema utilização das idéias dos mesmos durante o governo provisório, e ainda depois, durante o período do Estado Novo (1937-1945), é pertinente a comparação e a avaliação das mesmas nesse presente trabalho.

Em 1939, Gilberto Freyre publicou a obra *Açúcar*⁶², na qual ele construiu para os leitores, pode-se dizer, uma sociologia do doce. Ele procurou, através da descrição de antigas

⁶¹ MICELI, Sergio. Op.Cit., p.147.

Veja-se, por exemplo, a nota de pé-de-página nº 26, p.155 dessa mesma obra: “(...), algumas das principais clivagens teóricas e metodológicas com que passou a operar o campo intelectual foram impostas pelas obras de vários praticantes das novas disciplinas na área das ciências sociais: Josué Apolonio de Castro (Geografia Humana), Gilberto Freyre (Sociologia), Victor Nunes Leal (Política), Djacir Menezes (Economia Política e História das Doutrinas Econômicas), Artur Ramos (Antropologia e Etnografia), todos eles catedráticos lecionando na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil”.

⁶² FREYRE, Gilberto. *Açúcar* (uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil), 3ª edição, São Paulo, Editora Cia. das Letras, 1997.

receitas de doces e de bolos, informar e além disso, refazer o percurso das influências portuguesas, africanas e indígenas em nossa culinária, demonstrando então, o fazer-se de uma arte tão antiga quanto difundida entre os brasileiros.

Ainda em 1926, data bem anterior à publicação de *Açúcar*, ocorreu na cidade de Recife o Congresso Regionalista do Nordeste, no qual Freyre juntamente com outros intelectuais, fez um pronunciamento que publicado anos depois, teria o título de *Manifesto Regionalista*⁶³, no qual foram explicitadas orientações ao Congresso. À Culinária, entre outras produções culturais, foi dado um especial relevo dentro do Movimento e do Congresso Regionalista, fato que a engrandecia enquanto atividade cultural, e que diretamente proporcional a este ato, enobrecia a cultura brasileira.

E no livro *Açúcar*, mais especificamente na página 22, Gilberto Freyre diz que a arte do doce teria alguma coisa de ‘princípio social’. Adiante segue dizendo: “Esse ‘princípio social’ foi, no Nordeste, não só o açúcar, da generalização do Padre Antonio Vieira, mas, de modo específico, o doce, o bolo, o quindim feito com açúcar por aquelas mulheres que todos os dias faziam renda e, todas as semanas, faziam doce: umas nas suas casas-grandes ou nos seus sobrados; outras, nas suas casas de porta e janela e até nos seus simples mocambos”⁶⁴.

Através desses escritos, podemos enxergar um Gilberto Freyre totalmente preocupado em discutir os valores da nação brasileira e de sua cultura. Por esse motivo, ele coloca os moradores de habitações tão diferentes, quanto as casas-grandes e os mocambos, em um mesmo patamar. A partir da prática da culinária dos doces e dos bolos, todos se igualariam em só movimento de vivência dos hábitos e costumes. Diferentemente dessa postura, ainda em 1937, Josué de Castro já comentava na introdução de sua obra *Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*⁶⁵: “Para quem medite um momento

⁶³ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 6ª edição, Recife, Ministério da Educação e Cultura (Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), 1976.

⁶⁴ _____. Op.Cit., p.22.

⁶⁵ CASTRO, Josué de. Op.Cit..

sobre a questão alimentar, penetrando com fôlego na massa densa e complexa dos fenômenos vivos da nutrição, o problema alimentar não constitui assunto de simples referência de sobremesa, mas estudo muito mais sério e complicado, com raízes mergulhadas profundamente no campo da sociologia e da filosofia, com influências projetadas longe, nos quadros mais variados de manifestações da vida”⁶⁶.

Para comprovar a sua opinião sobre o valor da alimentação e seu papel fundamental para o bem-estar dos indivíduos, em 1932, Josué de Castro escreveu *O Problema da Alimentação no Brasil*⁶⁷, prefaciada por Pedro Escudero, e na qual o médico brasileiro expôs seus conceitos sobre a fisiologia do corpo humano. No prefácio, Pedro Escudero faz referências ao metabolismo basal⁶⁸ e à fisiologia, e também compara alguns trabalhos científicos publicados até aquele momento, e diz que sem a existência de um padrão, de um modelo mundial, não seria possível a comparação entre as observações apresentadas nesses trabalhos.

Como solução para o problema da alimentação, e averiguação de sua importância, segundo Pedro Escudero, seria dispensável a verificação das características locais do metabolismo basal. Nas suas palavras: “(...) cremos que o estabelecimento da alimentação dos países tropicais pode conhecer-se a fundo partindo das cifras do metabolismo aceitas para os países temperados. Não creio que mereça atenção prática a determinação do metabolismo regional; interessa muito mais o estudo da ração alimentícia do homem em suas diversas idades, condições de vida e exigências de trabalho, e isso será determinado, não nos

⁶⁶ CASTRO, Josué de. Op.Cit., Introdução, p. 17.

⁶⁷ _____. *O Problema da Alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional (Biblioteca Pedagógica Brasileira – Coleção Brasileira), Série V, volume XXIX, 1939.

⁶⁸ ESCUDERO, Pedro. In: CASTRO, Josué de. Op.Cit, Prefácio, p.XIII.

Metabolismo Basal é a quantidade de calor que o animal produz em repouso absoluto, jejum e em neutralidade térmica por hora e por metro quadrado de sua superfície cutânea.

laboratórios de fisiologia, mas sim nos restaurantes e cozinhas dietéticas das fábricas, asilos, hospitais e nos lugares do homem modesto, como o pedinte”⁶⁹.

Em seguida ao prefácio, Josué de Castro nos introduz à sua obra com um texto de Gregório Maraño⁷⁰ sobre o papel da medicina e do médico. No primeiro capítulo, denominado *Fisiologia e Medicina*, ele cita a frase do médico francês Richet⁷¹: ‘La base de la medecine, c’est la physiologie’⁷², e ao fazê-lo nos dá uma clara impressão do que significava, dentro de seu ponto de vista médico, o estudo da fisiologia. Ao longo de todo o capítulo, ele compara o exercício da medicina em outros tempos com os tempos atuais. Comenta que para os cientistas do século XIX, o laboratório era uma entidade infalível, diferentemente dos tempos atuais, nos quais teríamos chegado a um meio termo, onde uma postura de cunho investigativo e científico teria a condição necessária para obter deduções seguras, advindas da observação e da experimentação técnica.

Josué de Castro então ressalta o papel dos estudos modernos de fisiologia, e do grupo de conhecimentos correlatos, como a físico-química, a física biológica e a química biológica, que teriam reaproximado a medicina prática da verdadeira ciência. Para ele, aquele período histórico no qual se encontrava poderia ser chamado de Período Fisiológico. A descrição desse momento está bem clara através da leitura de suas palavras:”Dos tempos abstratos dos miasmas (período empírico), dos tempos relativamente recentes em que o micróbio era tudo (exagero microbiológico), aos tempos atuais em que se estuda o organismo

⁶⁹ ESCUDERO, Pedro. In: CASTRO, Josué de. Op.Cit., Prefácio, p.XVII.

Esses comentários de Pedro Escudero estão, originalmente, escritos na língua espanhola. Aqui, nesse trabalho, optei por traduzi-los para a língua portuguesa.

⁷⁰ De origem espanhola, esse médico foi responsável pela criação do primeiro tratado de Medicina Interna em seu país. Sua contribuição à Medicina se centrou na área da Endocrinologia, especialidade de que foi um dos precursores. Efetuou vários estudos, incluindo alguns no campo da nutrição e do metabolismo, tais como, os estados pré- diabéticos (1927), a obesidade, com um grau de descrição etiopatogênica por muito tempo não superado. As suas observações vêm sendo confirmadas, através das técnicas atuais, em quase toda a sua totalidade.

⁷¹ O médico francês Charles Robert Richet (1850-1935), atuou como Professor da Cátedra de Fisiologia na Faculdade de Paris, a partir de 1887. Ele recebeu o prêmio Nobel de Medicina em 1913.

⁷² RICHEL, Ch. In: CASTRO, Josué de. Op.Cit.,p.5.

Traduzindo para a língua portuguesa: “A base da medicina é a fisiologia”.

antes de pesquisar a doença (escola fisiológica constitucionalista), há uma diferença tão grande(...)”⁷³.

Logo a seguir, ele nos apresenta o objetivo de seu trabalho, que seria o de sistematizar as noções básicas da fisiologia atual, naqueles pontos que ela nos permite a compreensão do problema alimentar. Ele diz então:”O conhecimento da constituição físico-química da matéria viva, do seu equilíbrio dinâmico, dos seus gastos e necessidades vitais, do conceito geral de nutrição – o estudo enfim do metabolismo orgânico – é o ponto de partida para a investigação científica da alimentação”⁷⁴.

Citando ainda os governos de outros países, como os Estados Unidos e a Rússia, países esses que embora em posições opostas, no que diz respeito às suas respectivas visões de mundo e de sociedade, dedicavam ao problema da higiene alimentar uma cuidadosa e responsável atenção. Além desses dois países citados, ele segue enumerando outros tantos, tais como a Inglaterra, o Japão, a Itália, a França e a Alemanha, que demonstravam também, através de suas ações, o interesse pelos problemas da alimentação. Para ele, a Grande Guerra de 1914 teria ensinado à esses países e à seus governantes, a importância científica da nutrição. Conseqüentemente, o investimento dos mesmos na formação de pessoal capacitado, de infra-estrutura à altura das necessidades investigativas, objetivando a solução das grandes incógnitas do problema médico-social da alimentação, tornou-se uma realidade.

Para Josué de Castro, muito diferente daquela realidade dos países do primeiro mundo, era a situação brasileira, na qual o problema alimentar não teria recebido o mesmo tipo de atenção, e por esse motivo, a sua população em geral, incluindo aí até as classes abastadas, ignoravam os princípios elementares de uma alimentação saudável. Procurando comprovar essa idéia ele diz:”(...) no desenvolvimento econômico e social do nosso país o

⁷³ CASTRO, Josué de. Op.Cit., p.7.

⁷⁴ _____ . Op.Cit., p. 9.

problema alimentar é básico e indispensável”⁷⁵.E assim, ele continua dizendo que sob o aspecto social, o problema da alimentação se imporia pela necessidade de serem fixados alguns valores, tais como: o mínimo de alimentação para as classes deserdadas e uma alimentação racional para os trabalhadores, visando uma utilização proporcional de sua energia produtiva e o estabelecimento de um consumo de bases científicas dos produtos naturais encontrados no país.

Prosseguindo, ele aponta o problema sob o seu aspecto eugênico, e diz que não se pode esquecer que a alimentação é um dos fatores externos mais importantes na constituição dos biótipos vitais, enfatizando ainda a importância da seleção biotipológica no processo de elevação do índice vital da raça. É nesse instante, que Josué de Castro argumenta a favor da educação alimentar, mostrando a sua função pedagógica e defendendo o seu papel de construtora de uma nova postura dos indivíduos, em relação aos seus hábitos alimentares. “Por esses poucos exemplos vê-se a necessidade que temos de orientar a alimentação das massas que não comem racionalmente ou porque não têm o que comer (como nas zonas flageladas pela seca) ou mesmo quando têm, porque não sabem o que comer”⁷⁶.

Para a concepção desse estudo, Josué de Castro utilizou-se de alguns trabalhos de autores estrangeiros, executados pelas expedições coloniais em zonas semelhantes à brasileira, pela condição do clima, além de outros tantos trabalhos brasileiros que trataram da fisiologia do homem tropical, tais como os trabalhos produzidos pelos irmãos Osório de Almeida. Em sentido mais amplo, ele explicita as bases gerais nas quais ele se apoiou para desenvolver sua obra. Segundo ele, elas teriam sido organizadas pela compreensão dos princípios fundamentais da nutrição, pelas informações adquiridas a partir das experiências da fisiologia comparada e pela aplicação dos modernos princípios da geografia.

⁷⁵ CASTRO, Josué de. Op. Cit., p.13.

⁷⁶ _____ . Op.Cit., p.14.

No segundo capítulo, denominado *Nutrição e Alimentação*, Josué de Castro explicita as funções da nutrição, comentando sobre a sua complexidade. Utilizando-se das palavras de outro estudioso ele diz: “o estudo da nutrição, assevera o grande mestre brasileiro Annes Dias⁷⁷, é, em última análise, o estudo da potencialidade humana, é o estudo da capacidade dinâmica.”⁷⁸. Continuando o capítulo, ele se debruça sobre a questão alimentar, e diz que esse é um problema vastíssimo, ao mesmo tempo culinário e gastronômico, mas também econômico, social, higiênico, médico e até moral. Mas, segundo ele, é antes de tudo e principalmente, fisiológico.

À seguir, ele comenta que a concepção do que era alimento em fisiologia geral, seria o ponto de partida de todo o conhecimento rigorosamente científico da questão alimentar. E o que pode ser concluído disso tudo? Qual seria o objetivo de Josué de Castro ao empreender tal estudo? Como tão bem comenta a nutricionista Eronides da Silva Lima⁷⁹, “(...), a definição do campo disciplinar da fisiologia estava nas fronteiras com a história cujo corte foi operado por um grupo intelectual que afirmava a sua identidade coletiva na produção de um novo paradigma instaurador da ciência da nutrição / educação alimentar, tendo a fisiologia como ponto de partida para a sua configuração”⁸⁰.

E no que diz respeito ao uso da fisiologia nos estudos sobre a alimentação brasileira, seu sentido e sua significação, é importante que se diga que, na medida em que ela não se afirmava nos laboratórios, ela permitia o prévio estabelecimento de uma normatividade vital (metabolismo basal médio, homem médio e ração alimentar média), simultaneamente, aproximando-se da Geografia Humana de Vidal de La Blache, fato que assegurava as condições necessárias para o conhecimento de uma ecologia do homem. Essa ecologia humana estaria muito bem representada na forma como Josué de Castro descreve a relação

⁷⁷ O médico gaúcho Heitor Annes Dias (1884-1943), é patrono do Instituto de Nutrição, localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

⁷⁸ CASTRO, Josué de. Op. Cit., p.20.

⁷⁹ LIMA, Eronides da S. Op. Cit.

⁸⁰ _____. Op. Cit., p.177.

vital entre os moradores daquelas áreas de mangue no Recife, Homens e Caranguejos, dividindo o mesmo habitat, o primeiro se alimentando do segundo, e o segundo se alimentando dos restos intestinais que o primeiro depositava nas lamas do mangue, criando assim um verdadeiro ciclo, o *Ciclo do Caranguejo*⁸¹, assim chamado e tão bem descrito por Josué de Castro.

Pois bem, é importante que falemos agora um pouco sobre os integrantes do grupo intelectual formador da nova área científica da nutrição. E a razão que nos levaria a fazê-lo, se encontraria na relevância da atuação desses intelectuais, envolvidos com a produção desse novo conhecimento e ocasionando mudanças na estrutura social do país. Além disso, para se compreender o processo de construção da figura de Josué de Castro, enquanto um mito, no âmbito da formação da área da educação alimentar, é significativo que nos voltemos para a memória coletiva, haja vista a existência de um conjunto de obras sobre alimentação e nutrição produzida também por esse grupo de intelectuais.

No período que se inicia em 1930 e se estende até 1946, há um conjunto de produção especializada sobre alimentação e nutrição, cujo os autores perfazem um total de 19. Esses intelectuais seriam: Hélios Póvoa, Gilberto Freyre, G.H. de Paula Souza, Franklin de Moura Campos, Alexandre Moscoso, Thalino Botelho, Peregrino Júnior, Castro Barreto, Cleto Seabra Veloso, Dutra de Oliveira, Gilberto Vilela, Ruy Coutinho, Messias do Carmo, Josué de Castro, Sálvio de Mendonça, Souza Lopes, Ulhôa Cintra, Dante Costa e Rubens de Siqueira. Pode-se se identificar duas vertentes nesse processo de produção intelectual: uma parte estaria voltada para a explicação da conexão entre a fisiologia da alimentação e da

⁸¹ Segue-se a descrição, feita por Josué de Castro, do que vem a ser esse Ciclo do Caranguejo: “Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lamber os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez”. (CASTRO, J., *Documentário do Nordeste*,..., p.26)

nutrição, e suas relações com as características encontradas na organização social. A outra parte estaria voltada para uma abordagem mais restrita à vitaminologia, às patologias da nutrição e às hipervitaminoses.

Para Ruy Coutinho, por exemplo, em sua obra *Valor Social da Alimentação*⁸², reiterava o valor da Grande Guerra como reveladora das conseqüências da má nutrição, fato que impulsionou o surgimento da ciência da nutrição, e enfatizava que no Brasil ainda eram pouco notórias as noções modernas de nutrição.

Para Messias do Carmo, em *Política Alimentar Brasileira*⁸³, em nenhuma época o problema da alimentação racional do povo assumia tamanha importância e tão grande interesse como naqueles anos da década de 30. Em sua visão deveria-se “tirar o máximo de proveito nutritivo, com um mínimo de alimento, é de qualquer forma a aproximação de uma solução que só a ciência assegurará”⁸⁴.

Para Dante N. Costa, em *Bases da Alimentação Racional*⁸⁵, os feitos científicos do século passado, com ênfase na Primeira Grande Guerra, dariam o traço distintivo da nova era da nutrição. Ele foi ainda mais longe, ao indicar uma defasagem temporal entre a produção da cultura científica externa e o consumo interno, realçando o atraso brasileiro.

Para Thalino Botelho, em *Pequenos Fundamentos da Boa Alimentação*⁸⁶, a ‘subfome crônica’, existente no país, era situada por ele como um fenômeno que ia passando despercebido aos olhos de quase todos.

Para Sálvio Mendonça, em *Noções Práticas de Alimentação*⁸⁷, suas idéias aproximavam-se das idéias expostas por Botelho. Para ele o problema alimentar era deixado à margem. À ele não era dada a devida atenção.

⁸² COUTINHO, Ruy. *Valor Social da Alimentação*. Rio de Janeiro, Editora Biblioteca Divulgação Científica, 1937.

⁸³ MESSIAS DO CARMO, José. *Política Alimentar Brasileira*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Nutrição, 1937.

⁸⁴ _____ . Op. Cit. In: LIMA, Eronides da Silva. *Mal de Fome e Não de Raça(...)*

⁸⁵ COSTA, Dante N. *Bases da Alimentação Racional*. São Paulo, Editora Nacional, 1938.

⁸⁶ BOTELHO, Thalino. *Pequenos Fundamentos da Boa Alimentação*. Rio de Janeiro, Serviço de Prop. e Ed. Sanitária, 1938.

Para Alexandre Moscoso, em *Alimentação do Trabalhador*⁸⁸, apontava para o inquérito organizado no ano de 1939, pela comissão do salário mínimo, e testemunhava em seus escritos a triste realidade da fome / subalimentação, fato que para ele era consequência da ausência de um plano político que incluísse a alimentação racional do brasileiro.

É interessante aqui fazermos uma avaliação do que representaram as idéias, os pensamentos e as opiniões desses homens. Qual terá sido o impacto causado por eles sobre a sociedade, sobre a política e sobre a ciência?

Bem, toda a obra dos médicos e escritores ligados ao estudo da alimentação, nos direciona para o entendimento de que seu objetivo era constituir regras científicas para esse campo, desenvolvendo práticas disciplinares que até então ainda não estavam definidas.

Para Eronides da S.Lima⁸⁹, “nessa fase da produção científica, as realidades sociais tiveram um grande peso na evolução do conhecimento produzido, o que descarta de partida a possibilidade da sua indeterminação.(...) O conhecimento estava circunscrito ao debate econômico, político e cultural do momento histórico em que foi produzido”⁹⁰. E, por esse motivo, compreendemos as razões de Rosana F. Magalhães⁹¹, quando ela diz que em algumas das obras de Josué de Castro é visível o processo de construção da fome enquanto expressão da relação entre o biológico e o social.

Mas, é o próprio Josué de Castro que nos remete à essa visão: “Ora, a fome na acepção rigorosamente científica do termo, não compreende apenas a inanição, mas sim todas as modalidades de deficiência alimentar, formas visíveis e formas ocultas, estas reveladas pelos exames laboratoriais ou pelos coeficientes de mortalidade de numerosas doenças, que

⁸⁷ MENDONÇA, Sálvio de Souza. *Noções Práticas de Alimentação*. Rio de Janeiro, Oscar e Mano, 1938.

⁸⁸ MOSCOSO, Alexandre. *Alimentação do Trabalhador*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Tipografia Italiana, 1939.

⁸⁹ LIMA, Eronides da S. Op. Cit..

⁹⁰ _____. Op.Cit., p.55.

⁹¹ MAGALHÃES, Rosana F. *A Fome no pensamento de Josué de Castro: uma interpretação*. Rio de Janeiro, ENSP-Fiocruz, (Dissertação de Mestrado), 1992.

não passam afinal de disfarces da fome. Assim consideradas, a fome constituiu um fenômeno universal,(...). **A fome é para mim a expressão biológica de males sociológicos...**”⁹².

Dessa forma, a associação dos estudos biológicos aos estudos sociais dava a estrutura necessária aos intelectuais, estudiosos da alimentação, para o surgimento da área da educação alimentar em bases mais estáveis e consolidadas, o que criava, concomitantemente, o seu caráter normativo e disciplinar. E tal característica encaixava-se muito bem dentro dos propósitos políticos do governo de Getúlio Vargas, como veremos mais tarde, ao citarmos o período do Estado Novo.

Na obra *Sacralização da Política* de Alcir Lenharo⁹³, há um amplo comentário sobre os projetos políticos e sociais idealizados para a nação brasileira. Um deles seria o desenvolvimento de toda uma pedagogia do corpo que foi sendo detalhada com o claro intuito de colonizá-lo para a produtividade do trabalho. À certa altura ele diz, de forma crítica, que houve uma verdadeira militarização do corpo no final dos anos 30. Nessa época, surgiram revistas especializadas em saúde, higiene e educação física. E mais adiante ele cita:”O corpo está na ordem do dia e sobre ele se voltam as atenções de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como o exército, a Igreja, a escola, os hospitais”⁹⁴.

Ao mesmo tempo, vemos que as ações políticas, econômicas e sociais implementadas durante o Estado Novo, direcionavam-se em sua maioria, para as classes trabalhadoras. “Para o Estado Novo, a menina dos olhos era a classe operária”⁹⁵. Nesse sentido, o trabalho de Josué de Castro, tão bem quanto os dos outros médicos e estudiosos já citados, influenciados pelas visões do médico argentino Pedro Escudero, alcançaram um espaço para o seu

⁹² CASTRO, Josué de. In: CASTRO, Anna M^a de (org.). *Fome, um tema proibido. (Últimos Escritos de Josué de Castro)*. 2ª edição, Editora Vozes, 1984, p.115.

O negrito foi colocado por mim na frase.

⁹³ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Editora Papyrus e Editora da Unicamp, 1986.

⁹⁴ _____ . Op. Cit., p.75.

⁹⁵ _____ . Op.Cit. , p.23.

desenvolvimento. A educação alimentar e a própria ciência da Nutrição puderam ser facilmente identificadas com os projetos governamentais.

Pois bem, chega o momento de concluirmos esse primeiro capítulo. Partindo das transformações políticas, econômicas e sociais do final do século XIX e início do XX, conhecemos as principais discussões intelectuais e as teorias de cunho racista, que tentavam explicar a problemática nacional e sua relação com a população brasileira. Vimos também o que trouxeram de novidade para essa discussão as ações dos sanitaristas, suas experiências e viagens científicas. Enfim, pudemos conhecer o trabalho do médico e professor Josué de Castro, e identificar em quais aspectos sua obra diferenciou-se das discussões médicas até então existentes, percebendo suas contribuições à resolução das questões nacionais e suas opções político-científicas. Dando continuidade à esse trabalho, pretendemos já no segundo capítulo apresentarmos o periódico científico surgido na década de 40, que como documento histórico de extremo valor, nos ajudará a entender melhor aquele momento tão intensamente vivido pelo médico pernambucano e seus colegas.

2º CAPÍTULO

Os ‘Arquivos Brasileiros de Nutrição’

Neste capítulo, iremos apresentar o periódico *‘Arquivos Brasileiros de Nutrição’*⁹⁶. Devido à sua importância como meio divulgador das pesquisas científicas, e dos resultados obtidos pelos médicos e cientistas no novo campo da Nutrição, o qual começava a se desenvolver, tornou-se significativo o seu tratamento e concomitante análise. O que passamos a fazer agora.

Seu primeiro número, que constituiu-se no seu primeiro volume, foi publicado em Maio de 1944. Com uma publicação bimestral que vigorou até o ano de 1949, pudemos observar que nesse espaço de tempo vários e renomados foram os autores de seus artigos, responsáveis pelos mais diversos assuntos tratados na revista., tais como: a análise do valor nutritivo de alguns alimentos; a adição de nutrientes aos mesmos, principalmente, àqueles considerados como altamente consumidos pela população, como o pão, por exemplo; informações sobre cursos oferecidos pelo S.T.A.N.⁹⁷, e muitos outros que serão ainda apresentados nesse trabalho.

Já no Editorial, assinado por Josué de Castro, destacamos o título: *‘O Serviço Técnico da Alimentação Nacional e os Arquivos Brasileiros de Nutrição’*⁹⁸. Nele, é feito um histórico do desenvolvimento da nutrição no Brasil, desde seus primórdios no início da década de 30 até o ano de 1944, enfatizando a existência de uma rica bibliografia nacional e

⁹⁶ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. Rio de Janeiro, Editado pelo S.T.A.N.(Serviço Técnico de Alimentação Nacional), subordinado à Coordenação de Mobilização Econômica, e pela Nutrition Foundation, 1944/1949.

⁹⁷ S.T.A.N. era a sigla do Serviço Técnico da Alimentação Nacional, órgão criado pelo ministro João Alberto, por portaria nº 5-42 de 19 de outubro de 1942.

⁹⁸ Op. Cit., Editorial, v.1, n.1, p.3, maio / 1944.

um grande espaço para debates. Tal fato, segundo o editor, teria possibilitado a criação da escola brasileira de Nutrição, escola que através dos trabalhos de seus nutricionistas pioneiros focalizou intensivamente o problema alimentar sob uma ótica não só médica e fisiológica, mas também sociológica.

Em seguida, ele escreve sobre o problema da alimentação, que em sua opinião seria por demais complexo, e estaria relacionado à outros problemas econômico-sociais. Por esse motivo, não poderia ser resolvido da noite para o dia, era necessário a coordenação, a orientação, a unidade de métodos e de objetivos dos trabalhos, pesquisas, medidas e iniciativas, ao longo de todo o país, para que então, como consequência, surgisse uma política nacional de alimentação. E, foi exatamente com esse objetivo de coordenar, controlar e orientar todas as atividades concernentes à alimentação no país que foi criado o Serviço Técnico de Alimentação Nacional, com finalidades básicas de, por um lado, estimular a pesquisa e a aplicação dos resultados das mesmas no interesse das coletividades. Por outro lado, realizar uma grande campanha educacional, visando difundir em todas as camadas sociais a importância, a significação e os fundamentos da fisiologia e da higiene da alimentação.

Segundo Josué de Castro, que além de editor e autor de artigos do periódico, exercia também o cargo de diretor do S.T.A.N. (Serviço Técnico de Alimentação Nacional), esse órgão teria então um programa educacional, que não visaria apenas a educação do povo, mas também a educação das elites. “Ao lado da divulgação popular, a educação técnica”⁹⁹. Às elites, formadas por médicos, químicos, higienistas, agrônomos, tecnólogos alimentares, educadores e por sociólogos estaria voltada a campanha educacional desenvolvida por esse órgão. Esse grupo possuindo um conhecimento mais amplo e mais profundo do assunto

⁹⁹ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. Op.Cit., p.5.

alimentação, poderia constituir-se como uma base sólida, como um exército verdadeiramente empenhado na campanha de levantamento do Standard de nutrição do povo brasileiro.

Dando continuidade, o editor escreve sobre as funções da publicação do periódico '*Arquivos Brasileiros de Alimentação*', que foi a principal via de divulgação dos trabalhos, experiências e resultados alcançados pelos vários setores do S.T.A.N.. Como primeiro objetivo estaria a sua contribuição para a difusão de conhecimentos seguros sobre a ciência da nutrição, visando a formação de um corpo de nutricionistas especializados em quaisquer dos diversos setores da matéria. Como segundo objetivo estaria a possibilidade de dar uma maior visibilidade aos resultados dos trabalhos e dos estudos realizados no país, no campo da Nutrição. Ainda à título de informação sobre a revista científica, Josué de Castro faz questão de comentar sobre o convênio estabelecido entre o S.T.A.N. e a *Nutrition Foundation* de Nova York, através do qual foram concedidos ao órgão brasileiro os direitos de publicação em português dos artigos da *Nutrition Reviews*, conceituada publicação daquela Fundação norte-americana.

2.1 – Os artigos

Todos os volumes da revista científica *Arquivos Brasileiros de Nutrição* tinham a mesma apresentação. Na contra-capas, com o título *Grandes Vultos da Nutrologia*, no qual destacavam-se em suas primeiras páginas a foto de um médico nutricionista de expressiva produção na área, seguida da descrição de seus feitos, suas contribuições científicas e suas premiações. Em sua maioria, esses médicos eram de origem americana, excetuando-se apenas os cientistas europeus que trabalhavam nos EUA, e que também eram citados no periódico.

Já no primeiro número do primeiro volume, sob a autoria do Professor F.A. de Moura Campos, Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da USP, há uma descrição dos vários estudiosos da questão alimentar no Brasil. Dentre eles estavam Josué de Castro, Pontual Fiúza, Almir de Castro, João de Barros Barreto, Almeida Junior, Castro Barreto, Rui Coutinho, Carlos de Sá, Horácio Davis e outros . Tecendo comentários sobre a questão alimentar o Professor diz: “A boa alimentação é a base da saúde e, como dizia René Sand, não pode haver equilíbrio social sem saúde, o que nos leva a acrescentar que sem equilíbrio social não podem as nações manter o seu prestígio ou desenvolver o seu progresso”¹⁰⁰. Como vemos, à alimentação é dada uma importância capital como fonte de equilíbrio social e base para o progresso. Moura Campos, como tantos outros autores de artigos e estudiosos pioneiros da educação alimentar, nesse momento já constituída como ciência, acreditavam no papel educativo que essa nova ciência poderia exercer na sociedade, preparando técnicos e especialistas, e informando a população.

Em seguida a esse artigo, havia um espaço denominado *Resenha Nacional de Nutrição*. Nesse primeiro volume o título foi Pão de Guerra, e seu autor foi Josué de Castro. Essa resenha clínico-científica assinalava a importância do pão como um dos alimentos fundamentais, e por esse motivo, nos conta Josué de Castro, ele causou sempre inquietação ao governo brasileiro, pelo fato de ser o trigo, matéria prima básica na sua fabricação, e infelizmente, um produto importado para o nosso país. Prosseguindo em sua discussão, Josué de Castro nos informa da criação de uma comissão (Comissão do Pão de Guerra), que teria sido criada pelo Ministro João Alberto, coordenador da Mobilização Econômica, com o único encargo de encontrar uma solução racional para o problema.

A partir então de pesquisas e estatísticas sobre o consumo médio de pão no Brasil, concluiu-se que o consumo no país era muito baixo, se comparado com outros países

¹⁰⁰ CAMPOS, F.A. de Moura. *O Problema Alimentar no Sertão Nordestino*, **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, v.1, n.1, p.33, maio/1944.

considerados grandes consumidores. A justificação para tal realidade encontrava-se na dificuldade econômica para aquisição do produto, e nos hábitos alimentares da população. Em face desses estudos, a Comissão indicou aos poderes públicos o uso de farinha panificável, de extração em torno de 85%. Considerando tal sugestão técnica, resolveu o coordenador da Mobilização Econômica baixar uma portaria, que estabelecia o coeficiente de extração em 85% para o fabrico de farinha panificável, devendo a mesma ser distribuída no Distrito Federal e Estado do Rio, e de 80% para a capital do Estado de São Paulo e porto de Santos. Quanto às vantagens nutritivas, os estudiosos diziam que ao se passar a extração da farinha de 60 para 80%, aumentariam os teores de ferro, fósforo e de vitaminas do grupo B, e dessa forma, resolveria-se o déficit de minerais e vitaminas, freqüentemente encontrado na alimentação usual do brasileiro¹⁰¹.

Ainda no mesmo número e mesmo volume, encontra-se a resenha da obra *Subsídio para a História da Alimentação no Brasil*, de autoria do médico-nutricionista J. Messias do Carmo¹⁰². Nessa obra, o autor Messias do Carmo descreve basicamente seu trabalho de coleta e pesquisa de documentos sobre a evolução da medicina brasileira, desde o alvorecer da formação do país, apresentando também algumas páginas dessa história, na qual ele destaca o médico Rodolfo Teófilo como um dos grandes pioneiros nos estudos de nutrição no Brasil. Um dos documentos destacados pelo autor foi, segundo ele, um ‘valioso’ subscrito pelo primeiro Físico-Mór do Reino, o Barão de Alvaizer, oferecendo à consideração de D. João VI a sua monografia, que seria a primeira escrita no Brasil sobre a Higiene na cidade do Rio de Janeiro. Entre outros problemas de saúde pública apontados no documento, estaria a questão alimentar, não somente em seu aspecto quantitativo, como também em seu aspecto qualitativo.

¹⁰¹ Esse último trecho, que trata das vantagens nutritivas do pão de guerra, foram retiradas do volume 1, n. 4, Ago / 1944.

¹⁰² MESSIAS DO CARMO, J. *Subsídio para a História da Alimentação no Brasil*. Resenha Clínico-Científica, 1943, – Ano XII – nº 10. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 61, maio / 1944.

Outra seção muito interessante do periódico era a dos Cursos e Conferências, na qual, como o título nos leva a concluir, informações sobre cursos e conferências e seus respectivos programas eram divulgados. O que é interessante citar, é o papel do periódico, que indo muito mais além, não só divulgava os resultados laboratoriais e descobertas recentes, assuntos mais técnicos e especializados, não acessíveis muitas vezes ao estudante, ao iniciante na área, mas também informava a esses últimos os acontecimentos mais pertinentes, tais como assuntos acadêmicos e curriculares.

Como órgão divulgador das atividades do S.T.A.N., a revista apresentou o Curso Popular de Alimentação pelo Rádio do S.T.A.N.. Foi um curso de alimentação popular, ocorrido no ano de 1943, formado de 25 lições, que se propunha a proporcionar, em linguagem clara e simples, conhecimentos úteis da ciência da Nutrição. Utilizando-se da infra-estrutura da Rádio Ministério da Educação, o curso era ministrado em forma de palestras semanais, todas as sextas-feiras, no final das tardes. Objetivava ensinar e difundir novos conhecimentos a educadores, professores e ao público em geral.

Mais adiante, ainda no mesmo número, há um parágrafo que trata da desidratação de alimentos, sua importância para a alimentação e economia brasileiras. Segundo o texto, o Ministro João Alberto baixou uma ordem de Serviço especial, encarregando o S.T.A.N. de realizar todas as pesquisas e trabalhos necessários para a implantação no Brasil da indústria de produtos alimentares desidratados, em escala capaz de satisfazer as múltiplas necessidades do país, haja vista a sua posição no mercado mundial do pós guerra. Em consequência dessa ordem de serviço especial, o S.T.A.N. iniciou um grande inquérito com o intuito de conhecer quais os produtos que poderiam ser produzidos de forma econômica e eficiente.

O S.T.A.N. também contribuiu para o bem-estar das forças armadas brasileiras. Em colaboração com os técnicos militares, conseguiu esse órgão obter rações suplementares em forma de comprimidos para complementar a ração normal do soldado. Estes estudos foram

apresentados ao General Souza Doca, Diretor da Intendência do Exército, que o encaminhou ao Ministro da Guerra, obtendo a sua aprovação no sentido de seu prosseguimento, até seu resultado final. Também sobre o tema manifestou-se o Presidente da República, a quem foram expostos os resultados das pesquisas e apresentados os produtos já obtidos, em relação aos quais apresentou vivo interesse e prometeu todo o apoio.

Nesse primeiro volume, ainda é citada a *Sociedade Brasileira de Alimentação*, agremiação composta de ilimitado número de associados, das mais diversas classes sociais; interessados na melhoria das condições alimentares da população; e presidida por Josué de Castro, ela foi criada na cidade do Rio de Janeiro, no dia 10 de Janeiro de 1940. Sob a responsabilidade de um dos redatores da revista, o Doutor Paulo Roquete Pinto, e escrito em poucas linhas, é um artigo que procura celebrar e homenagear os quatro anos de existência da sociedade. Segundo Eronides da Silva Lima¹⁰³, era nessa sociedade que se focalizavam as pesquisas mais interessantes, realizadas através dos meios mais modernos, pois a inexistência de cursos universitários de nutrição no Brasil inviabilizava o desenvolvimento de grandes pesquisas. Ainda sobre essa sociedade, podemos dizer que ela possuía como seu Membro Honorário o professor argentino Pedro Escudero.

No segundo número da revista, referente ao mês de Julho de 1944, temos como matéria dos editores, a *Campanha Nacional das Vitaminas*¹⁰⁴, seguida de comentários sobre a forma como foi feita a sua divulgação. Dentre as várias formas, destacam-se a tribuna do conferencista, a imprensa, o rádio, o cinema, enfim, todos os meios de comunicação conhecidos e acessíveis naquela época. E ainda sobre a dimensão e o caráter educativo que tal campanha infringiu à sociedade, Josué de Castro, como editor do volume, comentou: “Esse o aspecto educativo do que tem sido a campanha, de tão grande alcance num país onde a

¹⁰³ LIMA, Eronides da S.. Op.cit., p.188.

¹⁰⁴ Essa campanha foi lançada sob os auspícios do Serviço Técnico da Alimentação Nacional (S.T.A.N.).

ignorância dos conhecimentos relativos à boa alimentação é uma das causas da sub e má-nutrição do povo”¹⁰⁵.

Em decorrência da Campanha Nacional das Vitaminas, um problema que mereceu desde logo a atenção foi o enriquecimento, em vitaminas, de alguns alimentos de que o brasileiro consumia em maior quantidade. Dentre eles encontrava-se o arroz, em relação ao qual se desenvolveu um projeto visando a sua vitaminização em escala industrial. À esse cereal seria adicionada a vitamina B1, cujas funções fisiológicas teriam extrema significância para o equilíbrio da saúde.

Como fato indiscutivelmente importante na década de 40, a guerra e seus efeitos sobre as populações das diversas nações mundiais, como por exemplo as dificuldades alimentares surgidas com ela, não foram esquecidas ou omitidas nas discussões contidas nos editoriais ou nos artigos desse periódico científico. Ainda no número 2 do primeiro volume, encontramos no Editorial as seguintes palavras de autoria de Josué de Castro: “(...), mais do que nunca, se impõe a preservação da saúde individual ou coletiva, para que não se quebre o ritmo de produção e capacidade das forças vitais da Nação, empenhados no esforço de guerra”¹⁰⁶. E, como forma de combater os malefícios advindos da guerra, criou-se uma comissão destinada a patrocinar e orientar um plano de ação durante esse período crítico. Mais uma vez, aparece o nome do médico Josué de Castro como membro dessa comissão e chefe do S.T.A.N..É relevante ainda dizer que essa comissão organizou uma série de conferências públicas semanais, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰⁵ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. Editorial, v.1, n.2, p.84, Jun/ 1944.

¹⁰⁶ Idem, Ibidem.

Continuando nesse segundo número, também encontramos um outro artigo, assinado pelo Dr. Paulo Roquete Pinto que, refere-se ao *Instituto de Tecnologia Alimentar*¹⁰⁷. Nele, fez-se um histórico de sua criação, relacionando-o à iniciativa de um grupo de industriais do ramo da ciência alimentar, que procuraram colaborar com a Coordenação da Mobilização Econômica, no seu programa de ampliação das indústrias nacionais. À certa altura, o autor diz: “O Instituto de Tecnologia Alimentar tem um grande destino de ação ampla em todos os campos da Economia Nacional e tanto mais digna e elogiável, porque vem corroborar com os esforços de guerra, tão energicamente quanto as grandes manufaturas de material bélico”¹⁰⁸.

Também de autoria do Dr. Paulo Roquete Pinto, segue-se um interessante artigo com o título *Política Nacional de Alimentação*¹⁰⁹. Nele, são enfocados a era Vargas e os planos de melhoria nas condições de vida da população brasileira. Citando um discurso proferido pelo Presidente Vargas, no último dia 1º de Maio, dia do trabalhador, o autor do artigo destacou um trecho que anunciava ao país reformas dos serviços de assistência social, relacionados ao campo da Política Nacional de Alimentação: “Terminada a fase de experiência, cujas reservas vinham sendo aplicadas sob o critério de imediata segurança e rendimento certo, é tempo de iniciarmos uma política de mais largo alcance relativamente ao emprego dos fundos **acumulados. (...), nas suas linhas mestras, a nova lei orgânica de previdência em elaboração** igualará os benefícios de todos os grupos profissionais, (...). Quanto às aplicações do capital também serão adotados rumos diferentes. Forneceremos aos trabalhadores sindicalizados utilidades básicas em forma cooperativista, elevando-lhe os salários reais; (...), construiremos cidades-modelo nas proximidades dos grandes centros industriais, com instalações de tratamento de saúde, de educação profissional e física. As quotas reservadas a

¹⁰⁷ Esse instituto foi fundado no dia 31 de março de 1944, na sede do S.T.A.N., sob a presidência do Ministro João Alberto. Ele foi destinado à realizar estudos, trabalhos e pesquisas de caráter experimental no campo da ciência alimentar.

¹⁰⁸ Op.Cit., p.158.

¹⁰⁹ PINTO, Paulo Roquete. *Política Nacional de Alimentação*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, v.1, n.2, p.160, jun / 1944.

auxílios não deverão visar apenas o afastamento da miséria iminente,(...), deverão assumir formas propulsivas, possibilitando melhor alimentação e melhor padrão de vida, com o funcionamento de restaurantes populares, escolas de trabalho, centros de saúde, lactários, campos de esportes e estâncias de repouso”¹¹⁰.

À seguir, um novo artigo sobre a criação de uma comissão, responsável pela desidratação de produtos alimentares. Tendo como objetivo estudar as bases em que seria implantada a indústria de desidratação de produtos alimentares no Brasil, o artigo apresenta uma lista dos membros que compunham essa comissão, na qual podemos identificar os nomes de alguns membros do Conselho Diretor daquele periódico científico. No artigo, é também citado o nome do médico Josué de Castro como relator do memorial que seria encaminhado ao Presidente da República. No quarto número do 1º volume, já no editorial, assinado por Josué de Castro, encontramos novamente a desidratação de alimentos como assunto:”Caso seja levado a efeito o trabalho preconizado pelo S.T.A.N. e pelo Conselho Federal de Comércio Exterior, estamos certos de que, dentro em breve se criará no Brasil a indústria da desidratação em grande escala, com largas vantagens para a saúde do nosso povo e para a economia do país”¹¹¹.

Na seção ARTIGOS ORIGINAIS, há um artigo de autoria de Ariosto Büller Souto, cujo título é *Controle de Alimentos*¹¹². O argumento do autor é a favor do surgimento dos Institutos de Controle, dotados de técnicos especialistas, devido à necessidade do país de fornecer, tanto ao consumidor, como ao produtor, a garantia do bom produto. Ele então comenta: “Em nosso meio, a criação desses institutos para o controle e a assistência técnica acarreta uma grande dificuldade resultante da escassez de técnicos especializados no estudo e

¹¹⁰ PINTO, Paulo R.. Op. Cit..

¹¹¹ CASTRO, Josué de. *A Desidratação dos Alimentos no Brasil*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**. v.1, n.4, p.236, Ago / 1944.

¹¹² SOUTO, Ariosto B.. *Controle de Alimentos*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**. v.1, n.4, p.239, Ago / 1944. Esse autor era o Chefe do setor de Controles Biológicos do Instituto Adolfo Lutz. E esse instituto funcionava como o Laboratório Central de Saúde Pública do Estado de São Paulo .

controle dos alimentos puros. (...) O governo do país sente bem de perto o imenso óbice que representa essa deficiência de técnicos especializados na solução de seus problemas básicos”¹¹³. E ele continua a tratar do mesmo assunto, referindo-se agora à iniciativa privada como responsável pela criação de um padrão de qualidade. E, mais adiante ele cita:”Podemos admitir que nos caberá, no após guerra, um importante papel, como nação exportadora, não de matérias primas, mas de produtos já manufaturados, provenientes da crescente industrialização de nossas indústrias agro-pecuárias, mas devemos estar certos de que falharemos se, desde já, não padronizarmos higienicamente os nossos alimentos”¹¹⁴.

Procurando divulgar todos os assuntos pertinentes às questões alimentares, o periódico também editava artigos de informação geral, tais como os que agora passo a apresentar. O primeiro deles com o título *Cardápio de Guerra*, relatava a instituição no Distrito Federal de um cardápio a ser adotado, em caráter obrigatório, nos estabelecimentos que negociavam com refeições avulsas. Havia dois tipos de cardápio, um para os restaurantes populares, e outro para os restaurantes mais finos e requintados. Com preços diferenciados, e com seis tipos de refeições para cada categoria, esses cardápios foram uma maneira encontrada pelos órgãos públicos e governamentais, de manterem a população em condições saudáveis, durante o período de guerra. Ainda em relação ao mesmo tema, o Serviço de Abastecimento Metropolitano, foi responsável pela instituição de uma medida que obrigava os assim chamados mercados de emergência do Distrito Federal, a venderem ao preço de 2 cruzeiros, gêneros alimentícios para constituírem uma refeição equilibrada. Essa ‘ração balanceada’, como foi chamada, foi devidamente estudada e formada por cereais, carnes, frutas e vegetais, acessível àquelas pessoas de reduzidas posses, e planejada para satisfazer as necessidades humanas em um período de 24 horas.

¹¹³ Idem, Ibidem, p. 239.

¹¹⁴ .Idem, Ibidem, p.243.

Dando um salto do ano de 1944 ao ano de 1947, continuaremos a analisar os artigos do periódico *Arquivos Brasileiros de Nutrição*¹¹⁵. No terceiro volume, no mês de março de 1947, vemos o editorial tratar do tema *Política Alimentar*¹¹⁶. O texto trata da crise alimentar, como conseqüência da falta de um plano adequado de política alimentar, e resultado do defeituoso sistema econômico em vigor há muito tempo. Nele, ainda foi citada a necessidade da concretização de um programa que visasse a produção, a distribuição e a aquisição de alimentos, e que fosse capaz de reverter a situação calamitosa em que se encontrava a alimentação do povo brasileiro. A produção dos principais gêneros alimentícios, apesar de ter crescido, razoavelmente, até o ano de 1932, a partir desse ano manteve-se estacionária, não acompanhando o ritmo de crescimento da população. E concluindo, o editor diz:“(…) houve sempre, entre nós, uma disparidade brutal entre as nossas rações e os conhecimentos científicos da nutrição, uma vez que, segundo cálculos autorizados, no período compreendido entre 1920 e 1946, jamais conseguiu o brasileiro, ao menos uma média calórica razoável *per capita*”¹¹⁷. Para os editores, isso significava que a situação alimentar do brasileiro era semelhante à das regiões famintas da Europa.

Na seção NOTAS E INFORMAÇÕES desse terceiro volume, destaque para o início do curso de Nutrição da Universidade do Brasil. Promovido pelo Instituto de Nutrição, e destinado à formação de médicos nutricionistas, sua aula inaugural foi ministrada pelo professor Josué de Castro, que analisou a situação alimentar no Brasil, a posição dos estudos relativos à Nutrição nos domínios da Patologia e da Clínica, e traçou uma orientação geral a ser seguida no curso que então se iniciava.

¹¹⁵ A pesquisa, leitura e análise dos artigos do periódico científico *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, dos quais resultaram esse capítulo, foram feitas na Biblioteca Estadual de Pernambuco, na cidade de Recife. Nessa biblioteca, somente foram encontrados alguns números, respectivamente relacionados à alguns volumes e anos. Infelizmente, o acesso ao restante da coleção não foi possível.

A partir desse número, pudemos identificar a participação do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, como responsável pela edição do periódico.

¹¹⁶ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *Política Alimentar*(Editorial). v. 3, n. 3, p.3 mar / 1947.

¹¹⁷ Idem, *Ibidem*.

Dando prosseguimento à análise do periódico, encontramos no terceiro volume, número 4, ainda no editorial, o tema da educação alimentar. Nele, os editores discutem as possibilidades do desenvolvimento da educação pública em nutrição. Segundo a opinião de abalizados nutricionistas, dois campos eram particularmente favoráveis: as escolas primárias e secundárias e a própria comunidade, de adultos e crianças. Em suas palavras: "A educação alimentar não alcança seus objetivos se não atingir o lar e a comunidade". Como exemplo do que foi dito, os editores citam como exemplo uma organização que poderia servir de modelo na educação pública brasileira, em matéria de nutrição. Denominada 'Community Nutrition Center'¹¹⁸, essa organização proporcionava orientação nutricional a uma comunidade de 70.000 pessoas, em um subúrbio de Boston, EUA.

No volume quatro, segundo número, correspondente ao mês de agosto de 1947, na seção NOTAS E INFORMAÇÕES, temos o artigo *O Problema da Alimentação no Brasil*, que tratava das conclusões as quais chegou o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura¹¹⁹, a partir de um inquérito desenvolvido por esse instituto, sobre o problema da alimentação no país. Através de um relatório que destaca, a princípio, a necessidade de abordar o problema separadamente para cada uma das regiões geográficas nacionais, dada a vastidão do território brasileiro e a diversidade da dieta em cada uma delas, o que ficou patente foi que, de um modo geral, por toda a parte as características da carência, desequilíbrio ou desarmonia estavam presentes.

De certa forma, antecipando um assunto tratado na obra *Geografia da Fome*¹²⁰, o editor do periódico¹²¹ diz: "O estudo mostra que na região norte quase todas as carências são

¹¹⁸ O Centro Comunitário de Nutrição foi desenvolvido com a ajuda financeira da Nutrition Foundation, da Fundação Rockefeller, do Departamento de Saúde e da Cruz Vermelha Local. Dirigido por dois nutricionistas de tempo integral, o Centro organizava conferências, exposições e mostruários, além de prestar assistência técnica alimentar ao hospital local e às escolas e outras organizações infantis. Também mantinha uma coluna num periódico semanal da localidade.

¹¹⁹ O I.B.E.C.C. era uma entidade pertencente aos quadros da UNESCO, integrante da rede de organizações criadas por iniciativa da ONU, com o objetivo de trabalhar pela paz e pela elevação do nível de vida das populações do mundo.

¹²⁰ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

encontradas entre os seus habitantes. Na região Nordeste a sub-alimentação é mais grave pelo elevado número de seus habitantes e pela carência da produção; o problema aqui se reveste das características de um verdadeiro ciclo vicioso: sub-produção – sub-alimentação. Na região Leste as condições se apresentam melhoradas. (...) Não obstante a dieta é, em geral, pobre e as carências de proteínas animais, de cálcio e, no planalto, de iodo, de vitaminas, são constantes, em alguns setores agudíssimas. Na região Centro-Oeste, embora a pecuária e a agricultura proporcionem elementos valiosos para a alimentação, a dieta dos respectivos habitantes se ressentem de carências de vitaminas e sais minerais, especialmente de cálcio, de ferro e de iodo”¹²².

O relatório ainda citou a questão alimentar brasileira e sua problemática, sob o ponto de vista econômico, e concluiu que o fenômeno mais grave era a sub-produção de alimentos, resultante do atraso técnico e da deficiência de transportes, de armazenamento e de conservação, além da existência de processos primitivos, tais como o emprego da energia muscular, em vez da moto-mecânica e da ausência de fertilizantes. Como conseqüência daquela realidade, o acesso da grande massa da população à uma dieta conveniente se tornava cada vez menos possível. Diretamente relacionado à questão da crise alimentar, vemos uma nota sobre *A Conferência dos cereais e a situação alimentar mundial*¹²³. Tratou-se de um balanço dos recursos disponíveis no mundo, em termos de cereais, onde procurou-se confrontar esses recursos com os pedidos apresentados pelas diversas nações. Como conclusão do encontro, foram emitidos pareceres destinados a melhorar a situação geral mundial.

¹²¹ Tudo leva a pensar que esse artigo foi escrito por Josué de Castro, porém não há como confirmar essa informação. Tal como esse, muitos outros artigos não eram assinados.

¹²² ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *O Problema da Alimentação no Brasil*. In: NOTAS E INFORMAÇÕES, v.4, n. 2, p.67, Ago / 1947.

¹²³ Essa conferência foi realizada em Julho de 1947, em Paris, e foi denominada *Conferência Mundial dos Cereais*.

Na seção ARTIGOS ORIGINAIS do quarto volume, nº 3, encontramos o artigo *Política de Alimentação*¹²⁴, que trata das questões de nutrição. Referindo-se ao médico argentino, Pedro Escudero, quando esse dizia não existir um problema isolado de alimentação, e que ela, a alimentação, representava de fato, um complexo de problemas de ordem médico-sanitária, econômica e social, o autor¹²⁵ desse artigo defendia a centralização e a organização dos esforços para que os mesmos não se dispersassem, mas ao contrário, fossem orientados no mesmo sentido, segundo uma política de alimentação nacional, no que resultaria em benefício para o povo, conforme as necessidades do mesmo nas diferentes regiões do país. Em seguida, o doutor Walter Silva examinou os vários fatores que interferiam nos problemas relativos à nutrição de uma coletividade, filiando-os à três grupos. O primeiro: Disponibilidades alimentares; o segundo: Poder aquisitivo; o terceiro: Capacidade de seleção.

No Editorial do volume 4, n. 4, o assunto tratado foi a *Conferência Latino-Americana de Nutrição*. Referindo-se à última conferência mundial de alimentação, reunida em Genebra, em agosto de 1947, na qual o professor Josué de Castro, na posição de delegado do Brasil junto àquele conclave, propôs que a F.A.O.¹²⁶ convocasse para o ano de 1948 uma conferência especializada em Nutrição, da qual pudessem participar todos os países latino-americanos. A proposta da delegação brasileira foi aprovada por unanimidade, ficando então decidido que, dentro de alguns meses, ocorreria aquela importante reunião científica, de extremo valor para o futuro dos povos da América Latina. O Editorial continuou tecendo comentários sobre os problemas existentes nos países latino-americanos, e em um dado momento, apontou como um dos mais graves fatores do baixo nível econômico da maioria daqueles países o estado de subnutrição de suas populações. Concluindo, os editores diziam que somente um conhecimento aprofundado dos fatores que condicionavam a fome e a subnutrição naquela região, seria capaz de mudar aquela terrível situação que influenciava

¹²⁴ SILVA, Walter. *Política de Alimentação*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, v. 4, n. 3, p. 6, set / 1947.

¹²⁵ O autor desse artigo era médico sanitário.

¹²⁶ F. A. O.= Food and Agriculture Organization. Órgão pertencente à ONU (Organização das Nações Unidas).

diretamente seus destinos econômicos. Para desenvolver aquele estudo, o Editorial apontava para a F.A.O., como o organismo mais indicado para levar a efeito tal tarefa. A seguir, o plano de trabalho daquela próxima Conferência, que foi aprovado pelo Comitê de Nutrição, e que seria realizada num país sul-americano, foi apresentado ainda na seção de abertura do periódico científico.

Em NOTAS E INFORMAÇÕES, o acontecimento a ser informado foi a *Mesa Redonda sobre Alimentação*. Promovida pela Sociedade Brasileira de Medicina Social, esse evento fez parte de uma série de debates sobre os problemas brasileiros de maior interesse social. Com o título 'Alimentação do Povo Brasileiro', na reunião foi utilizado um questionário, no qual constavam inúmeras questões, que foram divididas entre os participantes daquele fórum de discussão. De caráter multidisciplinar, com a participação de profissionais das áreas de medicina, economia e com a participação de representantes do poder público, como o secretário da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, Teixeira Leite, nessa seção do periódico foram destacadas algumas questões que foram tema de discussão naquele encontro. A primeira dessas questões, que ficou a cargo do dr. Dante Costa seria: "Qual a importância do problema da alimentação humana? Merece realmente este problema o relevo que tem sido dado ultimamente? E a utilidade da iniciativa da Sociedade Brasileira de Medicina Social e do Trabalho promovendo este debate público?. A cargo do dr. Rubens Siqueira ficaram as seguintes questões: Em traços gerais, como conceituar a alimentação brasileira? Há de fato subalimentação generalizada ou apenas falhas, erros alimentares em determinados grupos sociais? A cargo do dr. Ruy Coutinho – É de opinião que existe no país crise alimentar? Como caracterizá-la? Qual sua extensão e profundidade? A cargo do economista Humberto Bastos – Quais as causas econômicas imediatas dessa crise, e suas repercussões na

população?”¹²⁷. Na conclusão dessa seção, foi também citada a reivindicação de vários participantes em prol de uma reforma agrária no Brasil.

Ainda no mesmo volume, quinto número, temos no Editorial o artigo ‘*da necessidade de uma legislação alimentar para o escolar brasileiro*’. Nele, comentou-se sobre a inexistência de uma legislação federal que tornasse efetiva, em toda a extensão do país, a assistência alimentar solicitada por médicos e educadores aos poderes públicos. Desde há muito tempo, esses profissionais apontaram para a gravidade da subnutrição que afetava a infância brasileira, apresentando medidas para saná-la. Excetuando-se a Portaria 153, do Ministério da Educação e Saúde, em vigor desde 1939, e que instruíra sobre o regime higiênico e dietético que deveria ser seguido nos internatos de ensino secundário e comercial, os demais atos legislativos relacionados à alimentação do escolar eram todos de caráter local e de expressão limitada, em âmbitos apenas estadual ou municipal, com referências apenas ao problema da merenda que era fornecida nos estabelecimentos públicos de ensino primário. Contrapondo-se à todo aquele quadro, o Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil manifestou-se junto aos poderes públicos, no sentido da uniformização da legislação pertinente ao assunto. Ao mesmo tempo, o Instituto foi responsável pelo estudo dos recursos e hábitos alimentares das diversas regiões do país, sugerindo programas de assistência alimentar ao escolar, mas, respeitando as preferências e possibilidades de cada uma.

No volume 4, n. 6, na seção de abertura desse periódico, GRANDES VULTOS DA NUTROLOGIA, fez-se uma pequena apresentação das principais ações científicas e profissionais do médico argentino, Enrique Pierangelli. Discípulo dileto de Pedro Escudero, ele ocupou vários cargos, dentre esses destacam-se o de Diretor Geral do Instituto Nacional de Nutrição e Professor Titular de Clínica de Nutrição da Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires. Em princípios de 1933, foi responsável pela idéia, planejamento e execução do

¹²⁷ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *Mesa Redonda sobre Alimentação*. In: Notas e Informações, v.4, n. 4, p.70, out / 1947.

primeiro inquérito de alimentação na Argentina, desenvolvendo o mesmo às próprias expensas, e utilizando-se de informações coletadas através de questionário aplicado em 400 famílias de ferroviários naquela capital Argentina. A partir dessa informação, podemos refletir sobre a realidade continental da época e a semelhança entre os problemas de cada nação, até na busca de soluções.

No Editorial desse mesmo número, temos o título *A Situação Alimentar Brasileira*, que trata da deficiência nacional em produzir alimentos para o consumo interno. A respeito da conduta econômica, os editores diziam que apesar das diversas transformações políticas operadas no país, nada de fato ocorreu que pudesse contribuir para uma mudança real, e por conseguinte, a despreocupação com a produção de gêneros alimentícios imperou. Como resultado lógico, sofreria a população brasileira de um permanente estado de subnutrição, acompanhado de alguns surtos episódicos de fome aguda. Citando as pesquisas que naquele momento ocorriam, e seus respectivos resultados, demonstrou-se que a grande massa populacional, sobretudo aquela que constitui -se no grupo mais pobre, não estava apenas subnutrida, mas, na verdade, apresentava-se realmente faminta. Tal realidade se mostrou tão definitivamente estabelecida no país, que os editores chegaram a apontá-la como o mais complexo dos problemas. E, como providência fundamental para resolver o problema alimentar brasileiro reivindicavam mudanças e modificações no setor econômico. Eles disseram: "Se persistirmos na preocupação de produzir ou coletar apenas aqueles produtos que nos reclamam do exterior e não considerarmos que antes de tudo a produção deve destinar-se a satisfazer as necessidades alimentares da população do país, de nada valerão as medidas propriamente técnicas que venham a ser tomadas pretendendo melhorar o nível nutritivo do nosso povo"¹²⁸.

¹²⁸ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *A Situação Alimentar Brasileira*. In: Editorial, v.4, n.6, p.4, dez / 1947.

O volume 5, em seu segundo número, apresenta em seu Editorial o tema '*O Plano Salte e o Problema Alimentar Brasileiro*'¹²⁹, suas características e seus objetivos. No que dizia respeito ao problema alimentar brasileiro, ele foi dividido em duas partes, uma referente à assistência alimentar e compreendido no setor 'saúde' e outra relativa à produção e constituindo o setor 'alimentos' do Plano. Tratando do problema alimentar, esse plano também apontava para o caminho para onde deveriam convergir as soluções do problema alimentar. Esse caminho era o aumento da produção. Entretanto, seria necessária a resolução de outros fatores importantes, tais como uma boa rede de transportes; a assistência social e técnica do trabalhador, principalmente o trabalhador rural; facilidades de crédito para os produtores; a criação de uma política de preços capaz de impossibilitar a exploração do intermediário sobre o produtor; uma organização de silos e armazéns para lutar contra a deterioração alimentar. O Plano Salte procurava, em síntese, estudar em conjunto o problema alimentar em relação a outros problemas de que o mesmo dependia para a sua completa solução.

Na seção NOTAS E INFORMAÇÕES desse mesmo volume e número, vemos alguns comentários sobre a publicação do primeiro volume dos 'Trabalhos e Pesquisas' do Instituto de Nutrição que passou dessa forma a divulgar os estudos dos técnicos e nutricionistas daquela instituição. E a seção seguiu referindo-se à amplitude das finalidades do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, cuja a direção estava sob os cuidados do médico e professor Josué de Castro. A seguir são apresentados os principais temas dos trabalhos publicados e seus respectivos resultados. Dentre esses, destacaram-se os resultados dos estudos do Professor Josué de Castro e seus colaboradores sobre os alimentos 'bárbaros' das zonas semi-desérticas do Nordeste brasileiro, como um exemplo da ignorada riqueza nutritiva de alguns alimentos populares.

¹²⁹ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *O Plano Salte e o Problema Alimentar Brasileiro*. v. 5, n.2, p.3, mar - abr / 1948.

O Plano Salte foi submetido pela Presidência da República ao Congresso Nacional, na mensagem nº 196, de 10 de maio de 1947.

No quinto volume, terceiro número do periódico, o título foi *O Problema da Merenda Escolar*¹³⁰. Após a consideração do assunto e suas respectivas críticas, com a valorização dos estudos científicos que se desenvolviam e que se constituíam em saída e resolução para um problema que de há muito tempo não era tratado da maneira devida, os editores elogiam a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal que, criou um Setor de Alimentação Escolar do Departamento de Educação Primária, especialmente para executar medidas de melhoria da alimentação do escolar naquela cidade. Procurando aplicar no campo social os ensinamentos da moderna ciência da Nutrição, aquela Secretaria solicitou a colaboração técnica do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil no seu plano de merendas escolares, o que foi muito apreciado pelos editores do periódico.

No quinto volume, quinto número, encontramos na seção NOTAS E INFORMAÇÕES, o artigo *O Problema da Alimentação e a Assistência ao Homem Rural*¹³¹. Nele apresentavam-se estudos e conclusões sobre as razões que contribuíam para a má situação alimentar nacional. Os defeitos de produção, corporificados pela falta de técnica na exploração agrícola e pastoril; Os defeitos de distribuição, identificados na deficiência de transportes, na falta de uma indústria de alimentos bem organizada e plenamente desenvolvida; e na exploração dos intermediários e de utilização; Os defeitos de utilização, conseqüência da ignorância geral em relação a assuntos de alimentação, de erros e preconceitos no aproveitamento e utilização de certas substâncias alimentares de fácil obtenção, e da falta de economia no preparo dos alimentos por uma técnica culinária defeituosa, eram apontados como culpados pela realidade da alimentação brasileira. Em seguida, indicações para a melhoria do quadro de crise alimentar nacional eram meticulosamente descritas. Dentre essas estariam a necessidade de amparar o homem rural em nível sanitário, educacional, técnico e financeiro. A criação de Núcleos de Colônias e escolas

¹³⁰ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *O Problema da Merenda Escolar*. v.5, n.3, p.2, maio – jun / 1948.

¹³¹ Idem, *O Problema da Alimentação e a Assistência ao Homem Rural*. v.5, n.5, p.76, set – out / 1948.

à eles relacionadas, principalmente nas zonas mais atrasadas e mais pobres, dominadas pelo latifúndio. A organização do trabalho em milícias nas vizinhanças das cidades; a construção de estradas e dos meios de navegação fluvial e marítima; a obtenção rápida de meios de transporte; e a facilitação ao pequeno agricultor do transporte de seus produtos, isentando-o de qualquer imposto ou taxa.

No sexto volume, n.1, na seção GRANDES VULTOS DA NUTROLOGIA, o periódico homenageou o Dr. Hélio Póvoa, citando seus feitos científicos e maiores contribuições à resolução do problema alimentar no Brasil. Responsável por uma série de trabalhos de educação alimentar, de organização de serviços e de reformas alimentares em coletividades, ele foi também diretor do S.A.P.S.(Serviço de Alimentação da Previdência Social). Na seção NOTAS E INFORMAÇÕES, temos o artigo, cujo título é *Alimentação, trabalho e indolência*¹³². Nesse artigo, o autor comenta sobre a acusação que recaía com certa regularidade sobre o trabalhador nacional, dizendo quão injusta ela era. Apontando para as condições de trabalho e de existência, principalmente, do proletário, do trabalhador braçal, como por exemplo, a duração do trabalho, as grandes exigências físicas exigidas pelo fato de ser braçal e, por isso, consumidor de mais energia, e a insuficiente reposição das mesmas através de uma alimentação inadequada e insuficiente, quer em quantidade, quer em qualidade, o que tornaria esse trabalhador vulnerável e vítima das moléstias inerentes ao meio e à condição de país tropical do Brasil. O autor dizia ainda:”Quem tendo andado pelo interior, mesmo não tendo sido atingido pela malária ou pela anquilostomíase – essas duas das maiores pragas nacionais no domínio das moléstias, - não conhece o efeito aniquilador sobre o físico e o moral de seu portador, trazendo-o acorrentado àquele estado de desânimo tão bem retratado pelo nosso saudoso Monteiro Lobato nessa típica e triste figura do Jeca Tatu?”¹³³.

¹³² GARCIA PAULA, Rubens D. *Alimentação, Trabalho e Indolência*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, v.6, n.1, p.67, jan – fev / 1949.

¹³³ Idem, *Ibidem*.

Ainda no mesmo artigo, referindo-se ao trabalhador urbano, acometido de tuberculose, o autor coloca-se em clara oposição à visão de uma então chamada ‘indolência do brasileiro’, considerada por ele pejorativa e unilateral, e dirigida à parte do povo sobre a qual recaía o peso da produção, e portanto, da vida do país. Para ele era a subnutrição a verdadeira responsável pelo estado físico e mental da parcela trabalhadora nacional. E, procurando corroborar as suas idéias ele citou um médico e também estudioso, um dos primeiros se dedicar aos problemas da nutrição em base científica:”as próprias verminoses combatidas quase que única e sistematicamente, à custa de medicamentos, estão, sem contar a profilaxia do contágio repetido, muito na dependência direta da alimentação e do estado de nutrição do doente. Experiências feitas em asilos e orfanatos têm mostrado que crianças profundamente infestadas de vermes ao serem internadas, deles se libertam por completo, dentro de alguns meses, sem o emprego de qualquer vermífugo ou medicamento, quando apenas cercadas de boa higiene, recebendo alimentação abundante e apropriada”¹³⁴.

No segundo número do mesmo volume seis, encontramos em seu editorial o tema *Os Problemas Mundiais de Alimentação e a Unesco*¹³⁵. Nele descreveram-se as ações colocadas em prática pelo Diretor Geral da UNESCO¹³⁶, conclamando todos os seus países membros a desenvolverem, durante aquele ano de 1949, uma grande campanha educacional em torno dos problemas de alimentação humana. Colocando em relevo a importância crucial da alimentação nos destinos biológicos e sociais dos grupos humanos e a necessidade de que o tema fosse estudado e debatido mundialmente, tanto em seu aspecto geral, como em suas peculiaridades regionais, a UNESCO coordenou a elaboração de uma série de trabalhos, por personalidades famosas na esfera internacional, acerca dos problemas de Alimentação e

¹³⁴ MELO, A. da Silva. *Alimentação no Brasil*. Tribuna Acadêmica, 12 de dezembro de 1946. In: GARCIA PAULA, Rubens D. Op.Cit., p.68.

¹³⁵ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *Os Problemas Mundiais de Alimentação e a Unesco*. v.6, n.2, p.73, mar – abr / 1949.

¹³⁶ Organismo das Nações Unidas encarregado de desenvolver as relações culturais e de ampliar e defender o patrimônio das culturas no mundo inteiro.

População, tendo em vista as mútuas relações entre os meios de subsistência e as massas humanas em crescimento. Dentre tantos assuntos e autores, destaque para a obra *Alimentação na América do Sul* de Josué de Castro¹³⁷.

No terceiro número do mesmo volume, temos o artigo *Conferência Internacional sobre as necessidades energéticas*¹³⁸. Os editores defendiam o desenvolvimento de estudos mais apropriados e mais aprofundados sobre o metabolismo humano. Segundo os autores, o metabolismo energético era um dos temas menos estudados, e por esse motivo, de caráter mais obscuro. Diziam que o entendimento científico dessa questão tinha uma importância capital, tanto biológica como social, porque nela repousaria a base teórica de distribuição dos potenciais energéticos alimentares do mundo, pelos diferentes grupos de população. Devido a importância do assunto, a F.A.O. convocou uma reunião de cientistas, especializados na matéria, com o intuito de instalar um debate entre os mesmos. Dentre os estudiosos fazia parte da lista o nome do professor Josué de Castro como representante brasileiro.

Na seção ARTIGOS ORIGINAIS, destaque para o trabalho do Professor F.A. de Moura Campos, cujo título era *Genética e Adubação a Serviço da Alimentação*¹³⁹. Nele, o autor, após fazer comentários sobre um artigo do autor neozelandês, Hicks, a respeito da situação alimentar em vários países, estuda duas medidas que poderiam ser tomadas no Brasil. A primeira delas seria a introdução na agricultura nacional de novos agrotipos. A segunda seria o melhor aproveitamento do solo pela sua adubação científica.

Na seção RECENTES AQUISIÇÕES DA NUTROLOGIA, encontramos um artigo, cujo título era *A Influência da Fome no Comportamento Humano*¹⁴⁰. Tratava-se de um artigo

¹³⁷ CASTRO, Josué de. *Alimentação na América do Sul*. **Revista da UNESCO**, In: ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *Os Problemas Mundiais de Alimentação e a Unesco*. v.6, n.2, p.73, mar – abr / 1949.

¹³⁸ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *Conferência Internacional sobre as necessidades energéticas*. v.6, n.3, p.157, maio – jun / 1949.

¹³⁹ MOURA CAMPOS, F.A. de. *Genética e adubação a serviço da alimentação*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, v.6, n.3, p. 159, maio – jun / 1949.

¹⁴⁰ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *A Influência da fome no comportamento humano*. v. 6, n.3, p.203, maio – jun / 1949.

muito interessante sobre os estudos efetuados naquele momento, e que diziam respeito às alterações fisiológicas e psicológicas que se processam nos seres humanos em consequência da fome. Esses estudos consistiram em experiências desenvolvidas por um grupo de cientistas, que obtiveram ajuda de indivíduos voluntários, colocados a viver, durante um período de tempo específico, submetidos às condições de fome e inanição. Tais pacientes foram observados e seus comportamentos analisados. As respostas psicológicas a esse estado foram catalogadas e estudadas. Os resultados da pesquisa foram descritos pelos autores e são os que se seguem: "O esforço prolongado imposto aos pacientes refletiu-se num aumento de instabilidade emotiva.(...) a tendência para a depressão, o histerismo e a hipocondria haviam aumentado sensivelmente,(...)"¹⁴¹. E ainda, no mesmo editorial: "(...), os autores citam referências indicando que os sintomas observados reproduziam muito de perto as observações tomadas nas fomes em massa nos campos de internação do Sul da França, em Leningrado durante o sítio, na Índia, na Holanda e nos campos de concentração da Alemanha. Essas observações indicam de modo indiscutível a importância da nutrição para a formação dos governos nos vários países do mundo. O fato é que onde houver fome não pode haver democracia"¹⁴².

No quarto número, ainda no mesmo volume, vemos no Editorial o título *A Luta contra a Fome*¹⁴³. Nele, os editores fizeram uma reflexão sobre a história da humanidade, suas lutas e batalhas pela sobrevivência, ao longo do tempo, e evidenciaram que embora essa luta tenha sido sempre imensa, o homem ainda não conseguiu resolver algumas questões básicas e extremamente relevantes para a continuação da espécie. Por exemplo, eles apresentaram números estarrecedores com relação ao contingente populacional vivendo em permanente estado de fome. Esse número chegaria à casa dos bilhões, falando em termos mundiais. Continuando, os autores citaram os inquéritos científicos, que naquele momento, já teriam

¹⁴¹ Idem, Ibidem, p.206.

¹⁴² Idem, Ibidem, p.208.

¹⁴³ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *A Luta Contra a Fome*. v.6, n.4, p. 247, jul – ago / 1949.

sido realizados em todos os pontos da terra, e que evidenciaram através de suas conclusões, o fato que a fome não era um fenômeno de expressão puramente regional, limitado a determinadas áreas do mundo, mas um fenômeno geograficamente universal. Em seguida, eles procuraram saídas para aquele estrondoso problema. Inquirindo sobre qual seria a melhor conduta política do mundo em relação a esse caso, eles responderam dizendo que era preciso restringir ao mínimo as áreas de fome. Para isso, fazia-se necessário um aumento progressivo da produção de alimentos nas diferentes regiões do mundo. Interessante foi o fato citado de que eram exatamente as áreas de fome, as que, na maioria das vezes, possuíam as maiores extensões de terras inexploradas. Concluindo eles disseram que não eram obstáculos naturais, como o solo ou o clima, que dificultavam aquela tarefa. Como também não eram os fatores de natureza geográfica que causaram em geral as fomes. Eram, na verdade, fatores sociais, conseqüentes à estruturas econômicas defeituosas. “O caminho da salvação do mundo está a nosso ver em promover gradativamente a sua restauração econômico-social dentro de princípios mais humanitários – princípios que considerem o homem como centro de cogitação e interesse social”¹⁴⁴.

2.2 – Conclusão

Com esse trecho do periódico, citado acima, termino o presente capítulo. O meu propósito ao utilizá-lo foi enfatizar as idéias e objetivos políticos contidos naquelas palavras, e no pensamento dos estudiosos da nutrição, entre eles Josué de Castro. Pode-se dizer que tais idéias e conteúdos, associados à um desejo de melhoria das condições econômicas e

¹⁴⁴ Idem, Ibidem, p.249.

sociais, não só nacionais, mas também mundiais, se diferenciavam das demais visões criticadas por eles, pelo fato de colocar o homem, a humanidade como ponto central e mais importante, ao qual deveriam se voltar os interesses e projetos políticos advindos das nações e suas instituições. Em um dado momento Josué de Castro disse:”o que caracteriza fundamentalmente esta nova era é uma focalização muito mais intensiva do homem biológico como entidade concreta e a prioridade concedida aos problemas humanos sobre os problemas de categoria estritamente econômica”¹⁴⁵.

2.2.1 - Josué de Castro e o Estado-Novo

*“A antropologia prova que o homem, no Brasil,
precisa ser educado e não substituído”.*

(Roquete Pinto)

Como sabemos, grande parte da produção intelectual de Josué de Castro ocorreu após os anos 30, e durante todo o período conhecido como a Era Vargas (1930-1945), incluindo o período do Estado-Novo (1937-1945). Através do estudo e da leitura de sua obra, concomitantemente, à leitura e à busca de informações sobre as características do período pós-revolução de 30, podemos dizer que o periódico *Arquivos Brasileiros de Nutrição* representou muito bem os ideais de um grupo de cientistas pioneiros, preocupados com a alimentação popular, com as bases de desenvolvimento da nova ciência da Nutrição, sua divulgação e consolidação de seu papel na sociedade. Como também podemos dizer que a sua existência, no período histórico já citado, veio de encontro aos planos e aos ideais do governo Vargas e de sua ideologia – o Trabalhismo.

¹⁴⁵ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Prefácio à primeira edição. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1946, p. 19.

Segundo Thomas Skidmore: “O golpe de 1937 determinou finalmente o caminho histórico do Brasil, numa conjuntura crítica. Os objetivos de bem-estar social e nacionalismo econômico, muito debatidos no começo daquela década, iriam ser agora perseguidos sob tutela autoritária. O resultado foi um aprofundamento da dicotomia entre um constitucionalismo estreito que havia negligenciado as questões econômicas e sociais e uma preocupação com o bem-estar social de fundo nacionalista inequivocamente antidemocrática”¹⁴⁶.

Vamos nos ater agora à questão do bem-estar social, pois nesse tema está contido o nosso assunto, a educação alimentar. Através de ações de cunho paternalista, divulgadas como medidas sociais protetoras da classe trabalhadora – criação da Carteira de Trabalho, do Salário Mínimo, da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) – o Estado ocupou espaços sociais que apresentavam-se, de certa forma, vulneráveis. Na falta de uma burguesia e de um proletariado plenamente constituídos nos idos da década de 1930, ele assume a posição de agente histórico capaz de exercer o papel de principal realizador e cumpridor das tarefas necessárias para a sustentação de uma sociedade que ainda apresentava-se sem as mínimas condições de concretizá-las. Era a ideologia do Trabalhismo em pleno vigor.

Devido à relevância dos estudos praticados por Josué de Castro, e devido à sua representatividade, enquanto porta-voz de um saber não acessível à maioria da população, ele e sua obra tornaram-se peças fundamentais para a implementação dos objetivos políticos do governo federal. Por exemplo, a nova noção de higiene e de hábitos alimentares tão bem construídas por ele e demais cientistas, através do desenvolvimento das pesquisas e dos experimentos no campo da educação alimentar, aplicados à sociedade, contribuiria, sem sombra de dúvida, para a melhoria do quadro de doenças que atingiam a população, tornando-a mais produtiva.

¹⁴⁶ SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco(1930-1964)*. 9ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988, p. 52.

Ao mesmo tempo, a crença na força simbólica das instituições e seus representantes, atraiu as classes trabalhadoras. Submetidos aos novos ideais políticos, econômicos e sociais do Estado-Novo, os trabalhadores encontraram-se sob a égide da disciplina, que imbuída de um caráter militar, invadia variados setores de suas vidas. Desde a exigência por uma melhor e mais eficiente atitude nos locais de trabalho, passando pela criação do desejo à uma ascendência social, utilizando-se do estilo de vida das classes dominantes e mais abastadas, e chegando à introdução de novos hábitos alimentares e de cuidado com o corpo (adoção da disciplina Educação Física nas escolas, por exemplo), vemos a efetivação das prerrogativas imaginadas pelo poder, que objetivaram a construção de um novo homem brasileiro.

A Propaganda Política, colocada em prática por Getúlio Vargas e seus auxiliares, ideólogos do Estado-Novo (Cassiano Ricardo, Lourival Fontes, Candido Motta Filho, entre outros), responsáveis pelo comando do DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda – a máquina de informação e difusão dos feitos do governo, utilizava-se de artifícios psicológicos, como uma forma de estratégia, para a obtenção do apoio popular. Segundo Alcir Lenharo: “(...), tratava-se de criar um novo conceito de trabalho e trabalhador, (...). O forjamento do trabalhador despolitizado, disciplinado e produtivo”¹⁴⁷.

Como já foi dito em páginas anteriores, a gênese, o desenvolvimento e a consolidação dos estudos na área da educação alimentar, ou ciência da nutrição, ocorreram justamente entre as décadas de 30 e 40, período delimitado nesse trabalho com fins de estudo. O papel significativo de Josué de Castro e seus colegas foi preponderante naquele momento. Suas contribuições intelectuais e científicas criaram um espaço para discussão do tema fome, como nunca antes ocorrera. O Estado-Novo com suas características veio a propiciar e possibilitar a criação de vários órgãos e instituições no campo da alimentação que elevaram o padrão e os hábitos alimentares da população nacional. Para muitos pensadores a identificação

¹⁴⁷ LENHARO, Alcir. Op. Cit., p.15.

desse período histórico como uma fase de ditadura, como algo negativo, torna-se inevitável. Contudo, se esmiuçarmos com mais cuidado, talvez seja possível conhecermos outras facetas daquele momento histórico com os quais possamos concordar ou até nos surpreender.

***** *****

3º CAPÍTULO

A Geografia da Fome

Obra já tão conhecida e divulgada, até aqui no Brasil, onde Josué de Castro e seus escritos, em sua maioria, não são sabidos ou lidos, *Geografia da Fome*, será o tema desse capítulo que ora se inicia. Pretendemos nas próximas páginas apresentá-la, discuti-la, analisá-la, e porque não dizer, aprender um pouco mais sobre o pensamento daquele médico e professor pernambucano. Pode-se dizer que essa obra representou uma síntese de tudo que Josué de Castro empreendeu em termos científicos, políticos e até educacionais. Escrita no ano de 1946, somente há um ano após o final da guerra, ela não só englobava toda a gama de informações acumuladas por ele, como também foi um trabalho realizado por um especialista mais amadurecido. Para quem já leu outras obras anteriores desse autor, será possível identificar várias passagens já citadas em outros momentos. Mas, não pensem que tal fato diminui a importância da presente obra, ao contrário disso, fortalece o papel da mesma como documento histórico da luta de um grupo de intelectuais envolvidos totalmente na busca incessante da resolução da fome, problema que afetava o país e sua população, e que anteriormente não possuía uma infra-estrutura necessária para o trabalho de conscientização que esse grupo efetuou.

No prefácio à primeira edição daquela obra, Josué de Castro nos apresenta os motivos que o levaram a escrever sobre tal tema. O assunto, para ele, constituía-se em um dos tabus da civilização ocidental, e dessa forma, era considerado delicado e perigoso. Existia também, segundo ele, uma pobreza bibliográfica que não correspondia à importância da discussão do conteúdo do tema fome como finalidade orgânica. Sobre essa realidade ele escreveu: “(...), se

fizemos um estudo comparativo da fome com as outras calamidades que costumam assolar o mundo – a guerra e as pestes ou epidemias – verificaremos, mais uma vez, que a menos debatida, a menos conhecida em suas causas e efeitos, é exatamente a fome”¹⁴⁸.

Em seguida, Josué de Castro faz uma série de perguntas sobre as causas e razões que levariam à uma situação, apontada por ele, como uma verdadeira conspiração de silêncio em torno da fome. Segundo ele, o fenômeno era tão marcante e se apresentava com uma tal regularidade, que não podia ser identificado como obra do acaso, mas muito ao contrário, já estava inserido e submetido às mesmas leis gerais que regulavam as outras manifestações sociais de nossa cultura, e dessa forma, caracterizado e integrado à essa última. Além dos preconceitos morais, os interesses econômicos das minorias dominantes também teriam trabalhado para disfarçar o fenômeno da fome. E, mais uma vez, Josué de Castro diz: “Trata-se de um silêncio premeditado pela própria alma da cultura: foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente (...)”¹⁴⁹.

Continuando a apresentar a sua obra e os motivos que o levaram a desenvolvê-la, ele citou então a *Conferência de Alimentação de Hot Springs*¹⁵⁰, onde vários profissionais, técnicos no assunto, apresentaram as verdadeiras condições de alimentação dos seus respectivos povos, e planejaram medidas conjuntas a serem levadas a efeito. Como um dos participantes daquela reunião, Josué de Castro era a favor de uma intensificação e ampliação dos estudos sobre a alimentação no mundo inteiro, daí a obrigação dos estudiosos, como ele, de apresentarem os resultados de suas observações pessoais, como contribuições parciais para o levantamento do plano universal de combate à fome. Entretanto, um dos grandes obstáculos

¹⁴⁸ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Prefácio à primeira edição, 3ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, p.12.

¹⁴⁹ _____ . Op. Cit., p.12.

¹⁵⁰ Essa conferência, ocorreu no ano de 1943 em Hot Springs - EUA, e fizeram parte dela 44 nações.

ao planejamento de soluções adequadas ao problema da alimentação dos povos residiria no pouco conhecimento existente sobre o problema, principalmente, se o mesmo for estudado e discutido como um fenômeno de caráter, simultaneamente, biológico, econômico e social. Foi então, diante dessa situação, dessa realidade, que Josué de Castro dedicou-se à escrever *Geografia da Fome*.

À seguir, ele passou a descrever e explicar o método por ele utilizado. Para ele, o método geográfico era o único que permitiria o estudo do tema fome em sua totalidade, sem desvinculá-lo das raízes que o ligavam profundamente à inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida das populações. E assim, ele explicitou: “Não queremos dizer com isto que o nosso trabalho seja estritamente uma monografia da fome, em seu sentido mais restrito, deixando à margem os aspectos biológicos, médicos e higiênicos do problema; mas, que, encarando esses diferentes aspectos, o faremos, sempre, orientados pelos princípios fundamentais da ciência geográfica, cujo objetivo básico é localizar com precisão, delimitar e correlacionar os fenômenos naturais e culturais que se passam à superfície da terra”¹⁵¹.

Utilizando-se dos princípios geográficos, da localização, da extensão, da causalidade, da correlação e da unidade terrestre, que Josué de Castro analisou o fenômeno da fome no Brasil. Fazendo uso também da Ecologia, ou seja, do estudo das ações e reações dos seres vivos diante das influências do meio, ele procurou realizar uma sondagem acerca da natureza e do ecossistema das populações observadas. Dentro dessa linha de estudo, e segundo Josué de Castro, o fenômeno da alimentação se adequaria muito bem como ponto de referência para o estudo ecológico das correlações entre os grupos humanos e os quadros regionais que eles ocupam, já que ao estudar a alimentação, estaríamos ao mesmo tempo, desenvolvendo um estudo dos recursos naturais que o meio fornece para subsistência das populações locais,

¹⁵¹ CASTRO, Josué de. Op. Cit., p.16.

como também dos processos através dos quais estas populações se organizam para satisfazer as suas necessidades fundamentais em alimentos.

Continuando à apresentar a sua obra, a qual ele chamou de um ensaio de natureza ecológica, ele se referiu aos hábitos alimentares dos diferentes grupos humanos, ligados a determinadas áreas geográficas, como seu objeto de análise, buscando através dos mesmos, descobrir as causas naturais e as causas sociais que condicionaram o seu tipo de alimentação, com suas falhas e defeitos característicos, por um lado. Por outro lado, ele procurava verificar até onde esses efeitos influenciavam a estrutura econômico-social dos diferentes grupos estudados. Sobre o assunto ele disse: “Assim fazendo, acreditamos poder trazer alguma luz explicativa a inúmeros fenômenos de natureza social até hoje mal compreendidos por não terem sido levados na devida conta os seus fundamentos biológicos”¹⁵².

As Áreas Alimentares

Com uma repercussão enorme, não somente em nível nacional, mas também em nível internacional, a Geografia da Fome do professor Josué de Castro, como seu título tão bem nos leva a concluir, descrevia as áreas do Brasil nas quais a fome existia. Dividindo o país em regiões, denominadas ‘áreas alimentares’ do Brasil, Josué de Castro referiu-se à primeira como área amazônica, formada fundamentalmente pela Amazônia. Do ponto de vista ecológico, essa área representava um tipo unitário de área alimentar muito bem caracterizado. Seu alimento básico era a farinha de mandioca. Formada por uma gigantesca extensão de terra e a exigüidade de sua população, segundo Josué de Castro, aí residiria a primeira tragédia

¹⁵² CASTRO, Josué de. Op. Cit., p.17.

geográfica daquela região. A população então sem condições para dominar esse meio ambiente e utilizar as possibilidades oferecidas pela terra, de forma organizada e sistemática, viveriam quase que exclusivamente em um regime de economia destrutiva, nunca trabalhando no sentido da constituição de uma economia de características produtivas, excetuando-se apenas algumas zonas limitadas, que fazendo uso de processos rudimentares conseguiu a gente daquele lugar estabelecer uma cultura primitiva de certos produtos de alimentação, tais como a mandioca, o milho, o arroz e o feijão.

Munida de poucos recursos, a alimentação do homem da Amazônia foi assim constituída. Uma alimentação pouco trabalhada e pouco atraente, com características flagrantes da predominância e influência da cultura indígena sobre as outras culturas, como a portuguesa e a negra, também participantes na sua formação. E analisando a dieta amazônica, Josué de Castro comentou que, através de sua análise biológica e química, revelou-se um regime alimentar com inúmeras deficiências nutritivas. A ausência total dos chamados alimentos protetores, tais como, a carne, o leite, o queijo, a manteiga, os ovos, as verduras e as frutas, era flagrante. Em termos quantitativos, a escassez imperava. Josué de Castro chegou a dizer que o que um homem daquela região comia em um dia inteiro não daria para uma só refeição das populações de outras áreas e outros climas. Continuando, ele dizia que, na verdade, os habitantes da área amazônica encontravam-se em estado de anorexia crônica, como conseqüência natural da falta de vitaminas e de certos aminoácidos em seus regimes alimentares. Tais regimes, dispondo somente de fontes de proteínas vegetais seriam deficientes, no que diz respeito, à certos ácidos aminados. Essa deficiência se revelaria no crescimento insuficiente, ou seja, pela baixa estatura, uma das mais baixas do continente sul-americano. À tudo isso, ainda se agregaria o fator pobreza mineral dos alimentos, devido à um solo também pobre. E concluindo, Josué de Castro apresentou as carências alimentares mais

acentuadas na população daquela zona, as quais seriam carências de cálcio, de ferro e de cloreto de sódio.

Procurando enfatizar as suas observações, Josué de Castro citou um outro estudioso, que também teria se dedicado à estudar a região amazônica, seu povo e suas características alimentares. Esse pensador foi Araújo Lima, que então escreveu: "Na Amazônia, a condição habitual do homem aberrava da fisiologia e da normalidade. O homem é um enfermo, cujo metabolismo incide naquela síndrome hemática de inaptidão regeneradora: verminótico ou impaludado, seguramente, verminótico e impaludado muitas vezes, no homem amazônico debate-se o organismo na angústia de ser empobrecido pela alimentação e agredido pelas enfermidades espoliadoras, invalidando-se o seu ser na impotência para reagir contra as contingências mesológicas, do meio interior e do meio ambiente"¹⁵³.

Em seguida, Josué de Castro passou a analisar a segunda área alimentar, o Nordeste Açucareiro. Nela ele pôde observar uma profunda alteração em seus traços geográficos fundamentais, devido à ação do elemento humano. Vítima da ação ávida e desequilibrante do colonizador, totalmente inconsciente da conseqüência de seus atos, ao plantar sempre mais cana-de-açúcar e produzir sempre mais açúcar, ocupando toda a terra disponível até o esgotamento da mesma. Descrevendo essa área em termos geográficos, ele a delimita e nos apresenta as regiões que a compõe, a qual abrangeria uma estreita faixa de terrenos de decomposição e de sedimentação, estendendo-se ao longo de todo o litoral do Nordeste brasileiro, iniciando-se no Estado da Bahia, chegando até o Estado do Ceará.

Ao se referir aos estudos das condições alimentares dessa área, Josué de Castro nos alerta para o fator surpresa que invade o investigador desavisado quando se dedica à conhecer tal região. O forte contraste entre as ilusórias possibilidades geográficas e a enorme escassez dos recursos alimentares seria algo que chamaria a atenção do estudioso. O solo dessa região,

¹⁵³ ARAÚJO LIMA. *O problema alimentar na Amazônia*. Trabalho apresentado ao 1º Congresso Médico Amazônico em 1939. In: CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003, p.64.

em sua maioria do tipo massapé, formado por uma terra escura, gorda e pegajosa é extremamente fértil. O clima tropical, com um regime de chuvas e de estações bem definidas, também contribuiria para o cultivo tranquilo e seguro de vários tipos de alimentos, como os cereais, as frutas, as verduras e as leguminosas. Porém, como já sabemos, não foi assim que pensaram os colonizadores, que focalizaram seus interesses na cana-de-açúcar como único e maior bem da terra, preocupados em obter o maior índice de lucro financeiro possível com a produção e a subsequente comercialização do açúcar. Para isso, eles sacrificaram a terra, que exaurida de suas riquezas naturais tornou-se inábil para o plantio e cultivo de outras plantas alimentares, fato que degradou os recursos alimentares daquela região e em consequência o pleno desenvolvimento das populações humanas lá habitantes.

Segundo Josué de Castro, o cultivo da cana teria sido responsável por um processo de transformação e de desvalorização no Nordeste brasileiro, iniciando-se pela destruição da floresta, vítima das queimadas que abriam espaço para aquele plantio. Outro problema também apontado pelo médico pernambucano foi a absorção das terras pelo latifúndio, que progredindo assustadoramente, acentuou a miséria alimentar daquela região. Continuando a sua análise, o autor denunciou as condições de alimentação da zona açucareira nos últimos cinquenta anos, e disse que as mesmas teriam chegado ao grau mais acentuado de pobreza. Fazendo um apanhado geral de todos os fatores que contribuíram para a deficiência alimentar na região açucareira nordestina, Josué de Castro conclui: "O que é mais grave é que não foi apenas destruindo o que havia de aproveitável para a alimentação regional – riquezas da fauna, da flora e do próprio solo – que a cana foi prejudicial, mas também, e principalmente, dificultando e hostilizando em extremo a introdução de recursos outros de subsistência, que encontraria nessas terras tropicais condições as mais propícias ao seu desenvolvimento"¹⁵⁴.

¹⁵⁴ CASTRO, Josué de. Op.Cit., p.108.

No que diz respeito à colonização portuguesa nos trópicos, mais especificamente, no Brasil, Josué de Castro teceu elogios à forma como aqueles colonos conseguiram aqui se adaptar. Ele então citou certos fatores técnicos que seriam essenciais ao mecanismo de aclimatação, como por exemplo, a habitação, o vestuário e a alimentação. Para ele, aos dois primeiros desses fatores o português agiu com inteligência. Transplantando para a América o tipo de casa grande, composta de largas janelas, varandas e pátios; e imitando certos hábitos dos povos nativos, ao se despojar dos excessos de roupa, principalmente quando trabalhava, aquele colono facilitou a sua aclimatação e, logicamente, a sua sobrevivência. Entretanto, ao terceiro fator, à alimentação, o colono não foi capaz de dar a atenção necessária, o que contribuiu para a sua desintegração e para a decadência daquela sociedade, “com seus senhores amolecidos por um regime com excessos de açucarados, mas deficiente em seus princípios essenciais, e com a massa de escravos e depois de camponeses e de operários definhando a olhos vistos, morrendo de fome quantitativa e qualitativa”¹⁵⁵.

À influência indígena, Josué de Castro considerou mais favorável, pois, embora limitaram-se à fazer uma mera introdução da matéria-prima que utilizavam no preparo de suas refeições às populações daquela área, sem impor seus hábitos e seus processos primitivos. Como prova dessa influência e da contribuição do indígena na constituição da dieta e da cozinha do brasileiro, Josué de Castro citou vários legumes, vegetais, frutas, bebidas e processos de preparação de carnes e peixes, entre outros tantos pratos já bastante integrados à culinária brasileira. Para concluir seus argumentos, ele seguiu dizendo à favor do índio e de sua contribuição, contra aqueles que a desvalorizavam e o acusavam de ser um elemento racial rebelde ao trabalho agrícola e à disciplina do trabalho nas fazendas: “Esquivando-se a este tipo de trabalho, resistindo desta forma à pressão da monocultura, o índio foi mais benéfico do que nocivo ao equilíbrio da região. Fazendo da floresta o seu reduto e

¹⁵⁵ CASTRO, Josué de. Op.Cit., p. 110.

defendendo-a com arcos e flechas, o índio moderou a expansão da monocultura e suas funestas conseqüências”¹⁵⁶.

Passando à comentar outra influência, a negra, que para o autor era também favorável, positiva e ainda mais do que isso, era a mais expressiva e valorizadora dos hábitos alimentares daquela região do nordeste açucareiro, pelo fato de que o escravo negro importado do continente africano, para cá veio já acostumado à um regime alimentar saudável, para Josué de Castro, foi esse regime que permitiu ao negro suportar os fatores mórbidos que o atacaram durante as viagens nos navios negreiros, e depois já instalados nas senzalas, protegeram-no dos efeitos do trabalho exaustivo nos canaviais e dos agentes agressores da fauna, como insetos, vermes e protozoários. Povo de tradição agrícola, de tipo de agricultura de sustentação, a reação do negro contra a monocultura foi mais produtiva do que a reação indígena, segundo Josué de Castro. Com plantações escondidas, e fugindo às ordens do senhor, o negro foi responsável pela existência de outras culturas, além da cana-de-açúcar, o que impediu a monotonia alimentar daquela área. Contribuindo para a melhoria do padrão de nutrição do nordeste, além da produção e cultivo de outros produtos, os negros introduziram algumas plantas africanas e alguns processos culinários que valorizaram os recursos alimentares da região, e evitaram o aparecimento de várias avitaminoses às quais poderiam estar inevitavelmente expostas as populações regionais, caso essas últimas se prendessem de maneira exclusiva aos métodos europeus na cozinha.

Mas, como nos demonstra Josué de Castro, as resistências dos índios às novas formas mercantis trazidas com os colonizadores, e a rebeldia dos negros vivendo em seus quilombos, além de todas as suas benéficas influências à cultura nacional, não venceram a força do latifúndio . Desta forma, a alimentação da região se fixou em torno da farinha de mandioca, cujo cultivo era fácil e barato, não exigindo grandes investimentos em nível de solo, clima ou

¹⁵⁶ _____ . Op.Cit., p.114.

mão-de-obra. Tal complexo alimentar, de característica muito pobre, conduziu o nordeste à condição de uma das zonas de maior subalimentação no país, uma verdadeira área de fome, tão preocupante quanto a região do Extremo-Norte.

Um outro fator também deveras importante, foi a alta concentração demográfica nessa área alimentar. A economia monocultora da cana exigiu sempre um grande número de trabalhadores, o que propiciou o elevado número de habitantes ali existente, praticantes daquela dieta alimentar monótona, carente em termos nutricionais, fazendo dessa região uma verdadeira zona de fome. Sobre a ocupação holandesa, Josué de Castro comentou que tão temporária e transitória quanto o seu domínio nessas terras, foi a sua influência nos hábitos alimentares, não alterando a situação de pobreza alimentar.

Procurando conhecer com exatidão quais seriam os defeitos mais graves e as principais conseqüências daquela má alimentação, em 1932, esse médico pernambucano aplicou um inquérito¹⁵⁷ sobre as condições alimentares do povo na cidade do Recife, considerada por ele a capital do Nordeste açucareiro. Tal documento, como já foi dito no primeiro capítulo, abrangeu quinhentas famílias, num total de 2.585 pessoas, e foi o primeiro inquérito desse tipo aplicado no Brasil. Com ele, revelaram-se certos aspectos já observados por alguns, mas até então não afirmados enfaticamente por ninguém. Seus resultados chocaram alguns e foram recebidos por outros com certas reservas. Posteriormente, outros inquéritos do mesmo tipo foram levados a efeitos no país, confirmando o que já havia sido apresentado no primeiro: com certeza, “naquela região do Nordeste açucareiro, do que mais se morria era de fome. Das conseqüências da fome crônica em que vivem há séculos as populações regionais”¹⁵⁸.

Um dos primeiros problemas identificados por Josué de Castro através do inquérito, foi a terrível monotonia existente na dieta das populações daquela região, ou seja, a falta de variedade das substâncias alimentares que a compunham. Caracterizada principalmente pelo

¹⁵⁷ CASTRO, Josué de. *Condições de Vida das Classes Operárias no Recife*.

Há mais informações sobre esse inquérito no primeiro capítulo desse trabalho.

¹⁵⁸ _____ . *Geografia da Fome*. p.122.

uso do feijão, do charque, do café e do açúcar, todos os outros alimentos participavam dela apenas eventualmente ou em pequenas e em insuficientes quantidades. A insuficiência calórica daquele regime também foi algo observado e evidenciado através do inquérito. Com um teor energético de 1.645 calorias diárias, tal valor era ainda mais baixo do que os valores encontrados na região amazônica. Qualitativamente falando, no regime da área nordestina havia um excesso de hidrocarbonados e uma grande deficiência em proteínas, em gordura, em cálcio, em ferro, em vitaminas do complexo B, e em vitamina C.

Retornando à um tema já explorado em outras obras suas, Josué de Castro refere-se aos resultados e às conseqüências daquela alimentação precária na vida daquelas populações nordestinas: "As primeiras manifestações diretas da deficiência alimentar são as que resultam de sua insuficiência calórica, de sua pobreza energética. Por sua conta decorre, em grande parte, a reduzida capacidade de trabalho dessa gente que se cansa ao menor esforço, que não é capaz de acompanhar o ritmo muscular do trabalhador das regiões de melhor alimentação do sul do país. Ou mesmo dos habitantes da zona do sertão. O sertanejo sempre se sentiu superior ao brejeiro, tachando-o de preguiçoso, pela pequena capacidade de trabalho que ele demonstra"¹⁵⁹. Nessa passagem, Josué de Castro deixa bem claramente exposta a razão para aquela condição física e mental das populações regionais brasileiras, já tão exaustivamente apontada, de uma indolência e um marasmo, anteriormente associado à uma inferioridade racial. Na verdade, com suas obras e seu inquérito ele demonstrou que a questão não relacionava-se à um *Mal de Raça*, e sim à um *Mal de Fome*¹⁶⁰.

Contrapondo-se ao sociólogo Gilberto Freyre, que afirmava em *Casa Grande e Senzala*¹⁶¹, que os mais bem nutridos na região nordestina eram o senhor de engenho e o escravo, com esse último elemento tendo sido bem alimentado pelo primeiro para que pudesse produzir mais, Josué de Castro comentou que os escravos não eram bem alimentados, haja

¹⁵⁹ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. p.127.

¹⁶⁰ Mais detalhes sobre essa discussão, ver o primeiro capítulo desse trabalho.

¹⁶¹ FREYRE, Gilberto. Op. Cit.

vista o impressionante número de doenças da nutrição que eles apresentavam. Citando outro estudioso da questão alimentar, Ruy Coutinho¹⁶², num estudo muito bem documentado acerca da alimentação dos negros escravos, exhibe uma alarmante cadeia de afecções e de carências relacionadas à nutrição, que estiveram sempre presentes nas senzalas, fato que tornava a visão daquele sociólogo totalmente equivocada.

Passando a tratar da área alimentar do Sertão do Nordeste, Josué de Castro nos apresenta um novo tipo de fome, como ele disse, um tipo inteiramente diferente. A fome ali não atuaria mais de maneira permanente, mas apresentaria-se episodicamente em surtos epidêmicos. Surtos esses que seriam agudos na época das secas, intercaladas por ciclos de relativa abundância. Suas características às identificariam na categoria de epidemias de fome global, quantitativa e qualitativamente falando, alcançando os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda, e atingindo a todos, indivíduos ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças.

Essa área se estenderia desde as proximidades da margem direita do Rio Paraíba, abrangendo as terras centrais dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Esta zona era uma área alimentar que tinha como alimento básico o milho. Mas, diferenciando-se de outras áreas mundiais cujo alimento principal era o milho, e que se constituíam em áreas de miséria alimentar, o sertão seria uma exceção. Seu clima semi-árido também seria uma característica fundamental. Clima tropical, seco, com chuvas escassas e principalmente irregulares, o que tornava o clima nordestino um fator de degradação da vida do homem naquela região, empobrecendo o solo pela erosão e criando um campo propício para as crises calamitosas de fome na região.

Geograficamente falando, haveria três subáreas climato-botânicas: o agreste, a caatinga e o alto sertão. A primeira dessas subáreas seria o agreste, uma faixa de transição

¹⁶² COUTINHO, Ruy. *Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil*. Estudos Afro-brasileiros, 1º volume, Rio de Janeiro, 1935. In: CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*, p.127.

entre o Nordeste semi-árido e espinhento e o outro Nordeste úmido e verdejante dos canaviais. A segunda dessa subáreas seria a caatinga, chamada por Josué de Castro do reino das cactáceas, na qual estourariam os mandacarus e as coroas-de-frade num solo totalmente seco. Essa seria a zona de maior aridez em todo o Nordeste. Ainda, sob o ponto de vista alimentar, para Josué de Castro, essas três subáreas poderiam ser englobadas numa só: na área do sertão nordestino.

Em termos econômicos, essa área sertaneja conseguiu prosperar devido à criação do gado, gado vacum e gado caprino, produto disputado por outros mercados, o Nordeste açucareiro e o Sul minerador, seus preços puderam alcançar valores satisfatórios. Associado à essas criações, o sertanejo também se constitui em um plantador de produtos de sustentação para seu próprio consumo, cultivando em pequena escala o milho, o feijão, a fava, a mandioca, a batata-doce, a abóbora e o maxixe. Pois bem, foi esse hábito que veio a se constituir em um maravilhoso elemento de valorização das condições de vida regional, diversificando o regime alimentar do sertanejo, e tornando-o bem superior à dieta consumida na zona do cultivo da cana-de-açúcar. Ainda a esse respeito, identificou-se o consumo de outros alimentos como o leite, o queijo e a manteiga na alimentação daquelas populações sertanejas, transmitindo à essa últimas valores nutritivos e uma riqueza em proteínas e vitaminas extremamente importantes. A carne, fonte já bastante conhecida de proteína, também apareceria naquela dieta com grande frequência. Na ausência de frutas, estaria a falha da alimentação dos habitantes do sertão, que esporadicamente utilizaria somente as frutas silvestres. Concluindo, o médico pernambucano , após citar vários de seus estudos, nos apresenta a dieta do sertão nordestino como uma das mais equilibradas, capaz de satisfazer as necessidades diárias da população sem falhas muito graves.

Passando à análise das áreas de subnutrição do Centro e do Sul do país, Josué de Castro nos apresenta à regiões que, segundo ele, as deficiências alimentares seriam mais

discretas e menos generalizadas. Na verdade, não seriam exatamente áreas de fome, no sentido mais rigoroso da palavra, mas áreas de subnutrição, de desequilíbrio e de carências parciais, limitadas a determinados grupos ou classes sociais. Nas terras do Centro-Oeste brasileiro também era encontrado o milho como alimento básico, diferenciando-se essa área em relação ao sertão nordestino pelas associações com que esse alimento se combinaria com outros. Essa área do milho seria formada pelas regiões montanhosas de Minas Gerais, o sertão do sul de Goiás e os pantanais de Mato Grosso. Zona de clima em parte quase subtropical, com chuvas abundantes e regulares e de temperatura branda. Essa era a região com os maiores rebanhos de porco. Além desses produtos em sua economia, a criação de gado bovino e o cultivo de diversos produtos agrícolas, como o feijão, o café, o arroz e a cana-de-açúcar tinham a sua significância.

A análise química do regime daquela área evidenciou que não havia déficits calóricos no mesmo, pelo contrário, quantitativamente falando, haveria até um excesso, que poderia resultar em certas doenças como a obesidade e o diabete. Em termos de déficits qualitativos, esses não seriam tão intensos a ponto de apresentarem-se na forma de carências visíveis como em outras áreas alimentares já estudadas. Necessidades de algumas vitaminas como a A, a B e a C, foram identificadas na alimentação, mas, segundo Josué de Castro, apenas identificadas por um especialista. Continuando seu estudo, ele apontou a carência de iodo como a mais importante carência nutricional encontrada naquela área, o que resultaria no aparecimento de doenças como o Bócio.

Tratando então da área do Sul, o autor a situa geograficamente nos Estados da Guanabara, Estado do Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e seria caracterizada por uma variedade de elementos compondo o seu regime alimentar, e também pelo consumo mais alto de verduras e frutas. Essa seria a região mais rica do país, com um maior desenvolvimento, tanto agrícola quanto industrial, sendo responsável ainda por 80% da

produção econômica do país inteiro, resultando de todo esse quadro um padrão alimentar mais elevado. A dieta dessa região foi totalmente influenciada pela existência de variadas e diversificadas culturas que ali se estabeleceram, transformando-a num mosaico variado, porém, nem por isso rico e completo em termos nutricionais. Josué de Castro nos apresenta os resultados de alguns inquéritos aplicados naquela região, os quais obtiveram como resultado uma visível deficiência em cálcio, ferro, vitaminas A, B e C.

Nessa área do Sul, considerada por Josué de Castro, uma das mais bem alimentadas do país, verificou-se um número significativo de carências alimentares, que poderiam ser chamadas de parciais, discretas ou ocultas, diferenciando-se em relação à esses resultados, de maneira gritante, a carência de proteínas entre as crianças pobres, moradoras dos grandes centros da região, e que segundo o autor, seria uma conseqüência do surto de industrialização e do aumento populacional no setor urbano brasileiro. Concluindo, para o autor a região Sul seria uma zona de subnutrição crônica, nas quais suas populações, apesar de livres dos tipos de fome mais sérias, não teriam ainda a sua saúde em plenas e satisfatórias condições, em termos metabólicos e nutricionais.

Conclusão

A obra *Geografia da Fome* é um documento-denúncia de uma realidade nacional, até então ignorada por uns, escamoteada por outros e não discutida por todos. Através da descrição dos tipos de fome existentes em cada área alimentar brasileira, Josué de Castro pôde afirmar que o Brasil era realmente um dos países no qual a fome estava presente. Tal situação agressora minava as possibilidades de pleno desenvolvimento dos brasileiros e de sua organização social, prejudicando também o país e o seu crescimento de maneira geral. No

último capítulo daquele livro, Josué de Castro resumiu os principais pontos problemáticos daquele Brasil faminto. O primeiro seria a sua condição de nação em desenvolvimento, em processo de industrialização; o segundo seria a dualidade existente na sociedade, dividida entre uma economia bem integrada e próspera no setor da indústria e sua estrutura agrária arcaica de tipo semicolonial, com forte tendência à monocultura em latifúndio; o terceiro seria a estrutura agrária feudal e seu regime inadequado de propriedade, com relações de trabalho já superadas; o quarto seria os baixos índices de produtividade agrícola, os insuficientes meios de transporte e de armazenamento dos produtos; o quinto seria a inflação e a alta contínua dos preços dos produtos alimentares, dificultando o consumo por parte de extensos setores da população; o sexto seria a ignorância dos fundamentos básicos e científicos para a obtenção de uma boa alimentação; o sétimo seria o surto da expansão industrial do país, sem um simétrico incremento da produção agrícola; o oitavo seria a alimentação imprópria do brasileiro, com carências encontradas em todas as suas regiões; o nono seria a fome como fator primordial da vagarosa integração do país, levando o povo à condição de apatia, ao conformismo ou à explosões desordenadas; o décimo seria uma espécie de convocação ao planejamento de estratégias e de ações em prol da melhoria das condições de alimentação do povo.

A sua repercussão foi imensa, extrapolando as fronteiras nacionais e alcançando distantes países e seus leitores. Prova desse acontecimento podemos encontrar ao ler o periódico científico *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, que assim divulgou: "Quando, no começo do ano passado, apareceu em primeira edição, o livro da autoria do professor Josué de Castro, "Geografia da Fome", o escritor Alceu Marinho Rego escreveu sobre esse trabalho uma longa crítica, acentuando tratar-se de um livro cuja repercussão não se restringiria ao Brasil: "Geografia da Fome", o livro com que o professor Josué de Castro aumenta a curtíssima lista de livros brasileiros de categoria universal, não será apenas um desses livros

de que se orgulha a inteligência brasileira. Ele levará a própria inteligência brasileira a países mais adiantados, valorizando-a perante os melhores centros científicos do Velho Mundo e da América do Norte”¹⁶³. As palavras do escritor brasileiro se confirmaram, e das mais variadas nações, tais como do Chile, da Holanda, da França, dos Estados Unidos, do México, de Portugal e do Uruguai, vieram aplausos à obra e seu autor.

Outro artigo, dessa vez escrito por André Mayer¹⁶⁴, à certa altura dizia:”É dentro dessa ação de grande envergadura, de tanta amplitude e de importância tão fundamental, que se coloca o livro do Prof. Josué de Castro. E chega em momento oportuno. (...) O Prof. Josué de Castro estava bem apto para empreender essa difícil tarefa. Não é ele apenas um homem de laboratório – um conceituado fisiólogo. É também um geógrafo, um pesquisador, um historiador. E os resultados que conseguiu através dos métodos de indagação de disciplinas tão diferentes foram por ele ordenados filosoficamente. Seu livro não é apenas uma coletânea sistemática de fatos instrutivos. É uma obra profundamente atraente porque é eminentemente viva”¹⁶⁵.

Após meio século da primeira edição de *Geografia da Fome*, vários são os pensadores que ainda se dedicam à estudá-la e à divulgá-la. No artigo *Josué de Castro, o Brasil e o mundo: desconhecimentos e reconhecimentos*¹⁶⁶, o autor José Arlindo Soares¹⁶⁷ fez uma abordagem geral sobre aquela obra de Josué de Castro, sua importância e seu valor como registro e denúncia de um problema nacional: “A fome não poderia continuar sendo um “tema proibido”, ou “bastante delicado e perigoso”, como à época em que a redescobria, ou revelava cientificamente, o seu maior estudioso. O livro *Geografia da fome* completou 56 anos. Mais

¹⁶³ ARQUIVOS BRASILEIROS DE NUTRIÇÃO. *Repercussão do livro ‘Geografia da Fome’ nos meios científicos e culturais estrangeiros*. v.5, n. 3, p. 62, maio – junho / 1948.

¹⁶⁴ André Mayer foi Professor da Sorbonne e Presidente do Comitê de Bem-Estar Rural da Organização das Nações Unidas. O ensaio por ele escrito foi especialmente criado para servir de prefácio à edição francesa da ‘Geografia da Fome’, que naquela data foi publicada pelas Editions Ouvrières, de Paris.

¹⁶⁵ MAYER, André. *Geografia da Fome*. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, v.6, n.2, p.81, mar – abr / 1949.

¹⁶⁶ SOARES, José Arlindo. *Josué de Castro, o Brasil e o mundo: desconhecimentos e reconhecimentos*. In: ANDRADE, Manuel Correia de. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

¹⁶⁷ José Arlindo Soares foi presidente do Centro Josué de Castro, e secretário de Planejamento e Desenvolvimento Social do estado de Pernambuco.

de meio século, portanto, desde que o pernambucano Josué de Castro tentou, com ele, quebrar a “conspiração do silêncio” em torno do assunto. Com êxito parcial. A pesquisa e seu fruto, o documento contundente e revelador, merecem celebração. Assim como o seu autor. (...) Josué conseguiu nos provar que vencer a fome, tarefa que era quase uma obsessão, não se faz enxergando-a como um problema de ordem natural. O fenômeno a combater tem caráter socioeconômico e político. O enfrentamento da fome no mundo é uma questão de desenvolvimento social e econômico. Porque, como disse ele, o subdesenvolvimento vem do desenvolvimento que gera exploração e exclusão social.(...) Josué de Castro, que, como afirmamos, desnaturalizou a fome, mostra-se lamentavelmente atual”¹⁶⁸.

Esse caráter de atualidade, encontrado em *Geografia da Fome*, e nas demais obras de Josué de Castro, justificam a sua análise nesse capítulo. Como no capítulo anterior, no qual apresentamos o periódico científico *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, discutindo o conteúdo de seus volumes, procuramos aqui fazer o mesmo em relação aos capítulos de *Geografia da Fome*. O objetivo no segundo capítulo foi possibilitar aos leitores o conhecimento dos assuntos discutidos pelos especialistas, objetivando através disso uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento da ciência da nutrição. No terceiro capítulo, fizemos um detalhamento daquela obra, apresentando o seu conteúdo em pormenores. Esse destaque dado à *Geografia da Fome*, deveu-se ao fato de a considerarmos um documento de síntese dos escritos e das ações político-científicas que Josué de Castro empreendeu ao longo das décadas de 30 e 40 do século XX, mas principalmente, por sua representação enquanto uma obra na qual, mais do que nas anteriores, Josué de Castro constatou a presença da fome no cotidiano da população brasileira, e implicitamente poderíamos dizer, deixou aparente o seu desejo de resolução desse problema, procurando divulgar a obra em meio ao grande público.

¹⁶⁸ SOARES, José A.. Op. Cit., pp. 7 e 8.

Conclusão

Pelo fato desse trabalho constituir-se em uma dissertação de mestrado, e por estar submetido à uma série de exigências acadêmicas, o objeto de estudo nele tratado foi delimitado em um específico período de tempo, e o seu enfoque, da mesma forma, sofreu algumas limitações. A pluralidade existente na obra de Josué de Castro a torna complexa. Essa complexidade ao mesmo tempo que seduz o estudioso, às vezes, dificulta o seu trabalho. O que analisar ? Qual face desse homem devemos mostrar, o médico, o sociólogo, o nutricionista, o geógrafo, o político? E por que não apresentar todas elas, mas como?

Por tais motivos, acredito que o presente trabalho não tenha esgotado seu tema de pesquisa. Mas, devo dizer também que esse nunca foi o meu objetivo. Ao desenvolver e me dedicar à pesquisa que resultou na atual dissertação, o prazer da leitura da vasta obra do médico pernambucano, acompanhada da leitura de outras obras sobre o mesmo, extrapolaram qualquer outro desejo. A admiração pelas idéias, pelas ações político-científicas e pelo talento de Josué de Castro é um fato impossível de esconder.

A atualidade de suas críticas e de seu pensamento é algo que impressiona, e que nos faz pensar sobre a nação em que vivemos, e que Josué de Castro soube tão bem descrever em seus aspectos sociais, econômicos, biológicos, nutricionais, geográficos, enfim, em seu aspecto humano. Que país é esse ? Nos perguntamos infinitas vezes, procurando entender as razões para a trágica realidade de uma grande parcela da população brasileira, que ainda clama e carece de dignas condições de existência, sem doenças, sem miséria, sem fome.

Mais de 70 anos se passaram desde que Josué de Castro divulgou os resultados de seu primeiro inquérito-questionário, com resultados que chocaram alguns grupos sociais, e estimularam a aplicação de tantos outros documentos do mesmo tipo em diversas partes do

país. Há exatos 60 anos atrás publicava-se a obra *Geografia da Fome*¹, que também chocou a sociedade brasileira, repercutindo internacionalmente. Através das palavras de um especialista e estudioso, a fome existia, em todas as regiões brasileiras, de maneira mais acentuada ou não, mas existia.

Desfazendo toda uma série de visões preconceituosas, relacionadas à questões raciais, ele demonstrou que a fome era um mal biológico, conseqüência da má organização econômica da sociedade, e que aquele, ou por que não dizer, esse mal, ainda hoje existente, poderia ser destruído, com novas medidas políticas, econômicas, educacionais e científicas. E foi exatamente o que ele fez. Ao voltarmos nossa atenção para as décadas passadas, a partir da década de 30 até a década de 60, veremos o nome de Josué de Castro na maioria dos cargos políticos, científicos, e na maioria das iniciativas relacionadas com as questões de melhoria das condições alimentares das populações do Brasil e do mundo.

Em 1964 decretou-se a ditadura militar, e, Josué de Castro foi enviado para o exílio, como tantos outros intelectuais e pensadores brasileiros. Na França, país que o acolheu, e no qual ele continuou a discutir, estudar e escrever sobre variados temas, dentre esses a fome, foi também o local de sua morte, em 1973. Lutando por seu retorno ao Brasil por anos, sem nunca obter um parecer positivo, alguns dizem que o escritor teria morrido de tristeza e saudade de sua terra natal. É possível, haja vista a sua flagrante paixão pela nação brasileira e, especialmente, pela cidade de Recife, sua cidade natal.

Estudar a obra de Josué de Castro representa uma possibilidade de entendimento daquela época histórica em sua contemporaneidade. Essa é uma das grandes oportunidades para o historiador: olhar o passado, conhecê-lo e interpretá-lo. É também uma grande responsabilidade e uma grande tarefa, que eu espero ter cumprido com esse trabalho.

¹ CASTRO, Josué de. Op.Cit.

No que diz respeito aos capítulos, espero que as informações neles contidas sirvam de esclarecimento ao leitor sobre a realidade nacional no período eleito por nós como objeto de pesquisa, além de propiciar um conhecimento das transformações pelas quais passou o Brasil nos seus mais variados setores, destacando-se logicamente, os setores relacionados ao desenvolvimento das ciências médicas e biológicas no país, passando pela gênese e constituição da área da Nutrição, com a devida participação de várias personagens ilustres que construíram a história daquele momento.

No primeiro capítulo, focalizamos as discussões intelectuais sobre as formas de desenvolver o país, desde o começo do século XX, passando por suas primeiras décadas, até alcançarmos os anos 30 e 40, verdadeiros alvos de nossa pesquisa. A partir daí nos detivemos nas obras e ações do médico Josué de Castro, como também, demonstramos suas críticas à sociedade brasileira, suas reflexões e algumas de suas divergências em relação à postura intelectual de outros pensadores.

No segundo capítulo, optamos por apresentar o conteúdo do periódico *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, por acreditarmos que o mesmo possui um importante valor documental, nos propiciando um conhecimento maior das ações colocadas em prática pelos estudiosos e pesquisadores da nova área científica que se consolidava. Além disso, a sua utilização nesse trabalho nos permitiu demonstrar ao leitor o desenrolar daquelas décadas anteriormente citadas e a participação política e científica de Josué de Castro e seus companheiros.

No terceiro capítulo, a utilização da obra *Geografia da Fome*, nos pareceu necessária pelo fato de que sobre ela muito se falou, não somente aqui no Brasil, mas também em vários outros países. Foi através dela que Josué de Castro se tornou mundialmente conhecido, e foi através dela que muitos tomaram consciência da existência da fome entre a população brasileira. Essa obra também pode ser entendida como um estudo desenvolvido pelo autor, no

qual ele aplicou um novo método, o geográfico, e seguindo as diretrizes do encontro de Hot Springs, procurou como hábil e responsável representante nacional naquele evento, divulgar os seus resultados para o grande público, almejando não só o conhecimento por parte da grande massa daquela trágica realidade, mas uma tomada de consciência e a sua conseqüente resolução.

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Josué de Castro*. Recife – UFPE, Universitária, Coleção Humanismo e Cultura, vol.4, 1983.

ALBUQUERQUE, Durval M. de. *A Invenção do Nordeste e outras Artes*. São Paulo, Cortes, Recife, Editora Massangana, 1999.

ALBUQUERQUE JR., Durval M. de; CEBALLOS, Viviane G.de. O Nordeste: a miséria ganha corpo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLIFONIA DA MISÉRIA, UMA CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES (1º : Recife), 2002. Organizado por Joanildo Burity, Helenilda Cavalcanti. Recife: CNPq, 2002, p.237-247.

ANDRADE, Manuel C. et al.. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, Coleção Pensamento Radical, 2003.

BOTELHO, Thalino. *Pequenos Fundamentos da Boa Alimentação*. Rio de Janeiro, Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, 1938.

CAMPOS, André L.V. de. *A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1986.

CARVALHEIRA DO NASCIMENTO, Renato. *Para entender Josué de Castro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [2000?].

CASTRO, Josué de. *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*. Recife, Departamento de Saúde Pública, 1935.

_____. *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

_____. *Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Edição 936, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1937.

_____. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1946.

_____. *Documentário do Nordeste*. 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1968.

- _____. *Homens e Caranguejos*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1968.
- _____. Os preconceitos de raça e de clima. In: _____. *Documentário do Nordeste*, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1968, p.109-123.
- _____. *Geografia da Fome*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Dante N. *Bases da Alimentação Racional*. São Paulo, Nacional, 1938.
- COUTINHO, Ruy. *Valor Social da Alimentação*. Rio de Janeiro, Biblioteca Divulgação Científica, 1937.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
- ESCUADERO, Pedro. *Alimentação*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1934.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 6ª ed., Recife, Ministério da Educação e Cultura 1976.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro, Maia e Schmidt, 1933.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 5ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio (Coleção Documentos Brasileiros; vol.4), 1985.
- _____. *Açúcar (uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil)*, 3ª ed., São Paulo, Cia. das Letras, 1997.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Papirus, 1986.
- LIMA, Eronides da S. *Mal de Fome e não de Raça (Gênese, Constituição e Ação Política da Educação Alimentar – Brasil 1934-1946)*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2000.
- LOBATO, Monteiro. *Mr.Slang e o Brasil e Problema Vital*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1948.
- _____. *Urupês*. In: *Urupês*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, (Literatura Geral, Obras Completas, 1), 1948..

- MAGALHÃES, Rosana F. *A Fome no pensamento de Josué de Castro: uma interpretação*. Rio de Janeiro, ENSP (Dissertação de Mestrado), 1992.
- MENDONÇA, Sálvio de Souza. *Noções Práticas de Alimentação*. Rio de Janeiro, Oscar e Mano, 1938.
- MESSIAS DO CARMO, J. *Política Alimentar Brasileira*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Nutrição, 1937.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel, Coleção Corpo e Alma do Brasil, nº LVII, 1979.
- MOSCOSO, Alexandre. *Alimentação do Trabalhador*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Tipografia Italiana, 1939.
- NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Rio de Janeiro, Instituto Oswaldo Cruz (Memórias do Instituto Oswaldo Cruz), volume 8, 1916.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasilense, 1990.
- PENNA, Belisário. *O Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1918.
- RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1894.
- _____. *Os africanos no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Nacional, 1935.
- ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1888.
- SEVCENKO, NICOLAU. *A Revolta da Vacina (Mentes Insanas em Corpos Rebeldes)*. São Paulo, Scipione, 2001.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 9ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.

PERIÓDICOS

A INFLUÊNCIA da fome no comportamento humano. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.203-208, maio / jun 1949.

A SITUAÇÃO Alimentar Brasileira. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.4, n.6, p.3-6, dez 1947.

CASTRO, Josué de. O Serviço Técnico da Alimentação Nacional e os Arquivos Brasileiros de Nutrição. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.3-6, maio 1944.

_____. Campanha Nacional das Vitaminas. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.83-86, jun 1944.

_____. A Desidratação dos Alimentos no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.1, n.4, p.231-236, ago 1944.

CASTRO, Josué de. Política Alimentar. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.3, n.3, editorial, mar 1947.

_____. A Luta contra a Fome. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.6, n.4, p.247-250, ago 1949.

GARCIA PAULA, Rubens D.de. Alimentação, Trabalho e Indolência. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.67-70, jan / fev 1949.

MAYER, André. Geografia da Fome. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.75-82, mar / abr 1949.

MESA Redonda sobre Alimentação. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.4, n.4, p.70-72, out 1947.

MESSIAS DO CARMO, J. Subsídio para a História da Alimentação no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.61-63, maio 1944.

MOURA CAMPOS, F.A. de. O Problema Alimentar no Sertão Nordestino. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.30-36, maio 1944.

O PROBLEMA da Alimentação no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.67, ago 1947.

PAIVA, Carlos H.A. Imperialismo e Filantropia: a experiência da Fundação Rockfeller e o Sanitarismo no Brasil na 1ª República. *História, ciência, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12, n. 1, p.100-110, jan / abr 2005.

PINTO, Paulo R. Política Nacional de Alimentação. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.160-161, jun 1944.

REPERCUSSÃO do livro Geografia da Fome nos meios científicos e culturais estrangeiros. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.5, n.3, p.62-66, maio / jun 1948.

SANTOS, Luiz A. de Castro. O Pensamento Sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 28, n.2, p.193-210, 1985.

SILVA, Walter. Política de Alimentação. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.6-11, set 1947.

URBAN, Pedro E. Dossiê: Morte em Veneza. *Entre Livros*, São Paulo, Ano 1, n. 1, p.44-45, 2005.

FONTES

Correspondência de Josué de Castro – (Centro Josué de Castro)

ANEXO

Gostaríamos de apresentar parte da correspondência pessoal de Josué de Castro. Acreditamos que através da leitura da mesma, o leitor poderá apreciar melhor a importância científica e política do médico pernambucano, além de ter a oportunidade de conhecer as ações e os cargos ocupados, já citados nesse trabalho, porém agora, comprovados documentalmente.

PASTA A 13

Prezado Amigo e colega Josué de Castro.

Ausente de São Paulo até ontem, só hoje recebi o seu folheto sobre “*As Condições de Vida das Classes Operárias no Recife*”. Recebi e li, com grande interesse, especialmente porque eu já iniciara, no ano passado, com os meus alunos do Instituto de Educação, um inquérito semelhante, embora em classe social diferente. Os dados que o amigo coligiu são deveras impressionantes: 62 gr. de albumina, 310 de Ing. C., 13 de gordura, 1646 calorias diárias por pessoa! De que vale a essa gente ter direito ao voto, embora secreto? Bem se vê que muito resta a fazer por parte do Brasil, para que se torne um grande país. O seu estudo, claro e conciso, é uma contribuição valiosa, que os estadistas devem ler.

Cordialmente

A.Almeida Jr.

São Paulo

2/2/35.

LICEU NACIONAL RIO BRANCO
RUA VILA NOVA, 20 TEL. 4 – 6569
SÃO PAULO

12 de Maio de 1935

Prezado amigo e colega Dr. Josué de Castro. Recebi sua carta de 4 do corrente, e apresso-me em dar-lhe resposta. A propósito de alimentação usual, em São Paulo, devo publicar proximamente, nos Arquivos do Instituto de Educação, os resultados de um inquérito a que procedo, abrangendo cerca de 600 pessoas da classe media e mais de 200 internos de um colégio. Enviar-lhe-ei, com muito gosto, um número da revista. O professor Davis, da Escola de Sociologia e Política daqui, fez também um inquérito sobre o mesmo assunto, em relação aos operários. Trabalho de grande valor. Está apenas mimeografado, e, se possível, lhe mandarei copia.

O Instituto de Higiene está apurando, por sua vez, inúmeros dados que colher. De tudo lhe darei noticia, esperando, por minha vez, reciprocidade da sua parte.

Muito cordialmente,

A.Almeida Jr.

Rio Preto, 29.1.941.

Exmo. Sr. Dr.

Prof. Josué de Castro

Saudações. Foi para nós de Rio Preto, grato prazer a carta com que V. Sra. aceitou o convite para uma visita a esta cidade.

Eu me permiti publicá-la porque nela há a compreensão exata do nosso ponto de vista ao promover a vinda a esta terra de figuras representativas da inteligência e cultura nacionais. O que queremos é submeter a experiência social que estamos realizando neste sertão, a crítica dos homens de pensamento. Nós pensamos numa nova sociedade rural cuja paisagem reflita a economia e a cultura de nossa zona. O nosso programa, V. Sra. poderá melhor perceber pela leitura de trabalhos que lhe remeto por este correio.

No meu discurso ao Presidente Vargas, no trecho destacado, tracei o panorama geográfico desta terra. Na saudação a Assis Chateaubriand, o rumo de uma política de oeste com a apreciação do material humano com que contávamos. Na sensibilidade de Mello Macedo (Riopretana nº 4), há redução a poesia de fatos quotidianos da zona pioneira na sua fase heróica. Maurilo Pacheco, em admirável interpretação materialista, procura explicar fenômenos estéticos.

Por sugestão das lições de V. Sra., aproveitando inquéritos sobre as condições de vida do trabalhador rural, estudamos a questão de sua alimentação. Pronunciei uma palestra na Jornada sobre a Alimentação, sobre o assunto, trabalho que é apenas informativo, e que remeterei oportunamente. Destes nossos estudos tirei porem, uma sugestão de ordem administrativa e que tem sido motivo de debate nos meios paulistas. Os artigos que publiquei em A Folha da Manhã, de São Paulo, informarão V. Sra. sobre os dados da questão.

Quando da sua visita, terá ocasião de estudar os detalhes do caso, que estou certo, contando com a sua colaboração será uma idéia vitoriosa.

Tem V Sra. assim, o sentido do nosso esforço. Não queremos exibir trabalho, mas procuramos na colaboração dos mestres, a diretriz do caminho certo. E para isso chamamos V. Sra..

(...) São estes os informes que atendem ao pedido de V. Sra. e aos nossos propósitos.

Admirador e patrício

Tavares de Almeida.

A.TAVARES DE ALMEIDA

ADVOGADO

RUA VOLUNTÁRIOS SÃO PAULO 760

RIO PRETO – SÃO PAULO

Rio Preto, 19.2.941.

Exmo. Sr. Dr. Prof. Josué de Castro

Ilustre mestre.

A sua carta de 13 foi para nós uma grande alegria pela informação de sua próxima visita, marcada para 2 de março e com promessa de demora para estudos de aspectos locais.

A Sociedade de Medicina local deu preferência a conferencia sobre Conceito Atual das Vitaminas. O programa das homenagens será o que já remeti. O tempo disponível ficará reservado a um programa complementar que após a sua chegada concertaremos.

Recebi o seu trabalho. Por este correio remeto um trabalho sobre Alimentação do trabalhador rural nesta zona. É obra sem pretensão científica, inquérito de bacharel cujo valor reside apenas no esforço da pesquisa e na honestidade dos dados.

Mesmo que vá ferir sua modéstia, não posso deixar de pedir que me remeta o seu curriculum vitae, não pelas obras demais conhecidas mas pelos títulos e cargos.

E aguardando (...)

TAVARES ALMEIDA.

PASTA A 5

GABINETE DO SECRETARIO GERAL DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Distrito Federal, 27 de março de 1942.

Prezado amigo e colega Dr. Josué de Castro.

Atenciosas saudações.

Recebi dois volumes de seus recentes trabalhos “*A Alimentação Brasileira*” e “*O Problema da Alimentação no Brasil*”.

Agradecendo a gentileza (...). Ainda me ficou, no espírito, a indelével recordação das páginas admiráveis da “*Fisiologia dos Tabus*”, livro tão interessante que me levou a entregar o volume ao Exmo. Sr. Presidente com a recomendação especial de que se deleitasse na leitura daqueles capítulos.

Sem mais, (...).

JESUÍNO DE ALBUQUERQUE

PASTA A 18

Rio, 1 de novembro de 1943.

Prezado Prof. Josué de Castro

Tenho o prazer de apresentar-lhe o Sr. João Zarattini, funcionário da Presidência da República e autor de um livro sobre vitaminas. Ele desejaria ouvir a autorizada opinião do técnico em alimentação com referência ao seu trabalho e isto é o que venho solicitar ao prezado Professor.

Muito grata pela atenção que lhe dispensar, saúdo-o cordialmente.

ALZIRA VARGAS DO AMARAL

P.R. – C.M.E. SERVIÇO TÉCNICO DA ALIMENTAÇÃO NACIONAL

Em 14 de agosto de 1944.

Sr. Antonio Queiroz do Amaral

Nesta

Prezado Senhor

De ordem do Sr. Ministro João Alberto, Presidente da Fundação Brasil Central, comunico estar Vossa Senhoria autorizado a mandar fazer o moinho necessário à instalação para a iodetação do sal, destinado à referida Fundação.

Cordiais saudações

Prof. Josué de Castro

Chefe do Serviço.

UNIVERSIDADE DO BRASIL

PORTARIA Nº 172

O Reitor da Universidade do Brasil, usando de atribuição de sua competência, (...)
Resolve, (...), designar o professor catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia,
JOSUÉ APOLÔNIO DE CASTRO, para responder pelo expediente do Departamento de
Geografia da mesma Faculdade.

Reitoria da Universidade do Brasil, 17 de dezembro de 1946.

Dr. Ignácio M. Azevedo do Amaral

Reitor

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Em 28 de maio de 1947

Do Sr. Diretor do Instituto de Nutrição

Ao Sr. Reitor da Universidade do Brasil

Assunto: Iodetação do Sal

Senhor Reitor:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que este Instituto, prosseguindo nos estudos iniciados pelo Serviço Técnico da Alimentação Nacional da Coordenação da Mobilização Econômica., tem dedicado sua atenção ao problema do bócio endêmico e de sua profilaxia através da iodetação do sal.(...)

Josué de Castro (Diretor)

PASTA A2

ESTADOS UNIDOS DE VENEZUELA

MINISTÉRIO DE RELACIONES INTERIORES

DIRECCION DE JUSTICIA

COMISION INDIGENISTA – nº 106

Caracas, 2 de abril de 1948.

Profesor Josué de Castro; Rua Araújo Porto Alegre, 70 - Rio de Janeiro, Brasil.

De mi mayor consideración:

Tengo el honor de dirigirme a Ud. con el objeto de participarle que el 21 de enero retropróximo quedo instalada la Comisión Indigenista del Ministério de Relaciones Interiores, creada por esse Despacho por Acuerdo de la Asamblea Nacional Constituyente de fecha 23 de Julio de 1947. Dicha Comisión quedo constituída así: Dr. Miguel Acosta Saignes (Coordinador), Cecília Núñes Sucre, Lucila Palácios, Fernando Aranguren Cabral, Gilberto Antolínez, Julio Febres Cordero, Orestes Di Giácomo, Luiz Adolfo Romero y Pedro Padilla. Fué nombrado Secretario el doctor Túlio López Ramírez.

El objeto primordial de la Comisión es el estudio de la situación de los indígenas, su demografía, cultura y necesidades, com vista a redactar um Informe que, presentado al próximo Congreso ordinário, pueda orientarlo em sus deliberaciones respecto a uma legislación apropiada para la resolución del problema indígena nacional.(...)

Conocidos su versación y su interes em los asuntos indígenas, la Comisión desea mantener contacto con Ud. en lo referente a los diversos aspectos del problema indígena americano y espera poder contar com su valiosa colaboración a este respecto.

Me es grato suscribirme de Ud.

Miguel Acosta Saignes (Coordinador de la Comisión)

UNIVERSIDADE DO BRASIL

INSTITUTO DE NUTRIÇÃO

DIRETOR PROF. JOSUÉ DE CASTRO

Av. Rio Branco, 311 – 11º andar s/1112

Rio de Janeiro

Tel. 42-4919

Brasil

Rio, 29 de maio de 1948

Ilm. Snr. Miguel Acosta Saignes

Comision Indigenista

Ministério de Relaciones Interiores

Estados Unidos de Venezuela

Prezado Senhor:

Tenho em mãos a carta de V. Sra. de 2 de abril p.p., na qual me participa a criação da Comisión Indigenista del Ministério de Relaciones Interiores e me põe ao corrente dos objetivos da mesma.

Agradeço sobremodo esta participação, (...)

Como Diretor do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil e Chefe do Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia, ponho ao inteiro dispor desta Comisión Indigenista os trabalhos dos referidos órgãos e toda a colaboração que nos seja possível oferecer para os fins desta instituição. (...)

Josué de Castro.